



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Feiras e Festividades Religiosas de Beja –
Contributos para o seu resgate e reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do
Património Cultural de Beja**

Marta Cristina Fragoso Gonçalves

Orientação: Prof. Doutora Antónia Fialho Conde

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património
Histórico e Cultural**

Área de especialização: *Património Artístico e
História da Arte*

Relatório de Estágio

Évora, 2015



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Feiras e Festividades Religiosas de Beja –
Contributos para o seu resgate e reativação.
Relatório de Estágio na Associação de Defesa do
Património Cultural de Beja**

Marta Cristina Fragoso Gonçalves

Orientação: Prof. Doutora Antónia Fialho Conde

**Mestrado em Gestão e Valorização do Património
Histórico e Cultural**

Área de especialização: *Património Artístico e
História da Arte*

Relatório de Estágio

Évora, 2015

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus dois orientadores, a Professora Doutora Antónia Fialho Conde que, sempre de forma subtil me incentivou, e ao Dr. Florival Baiôa Monteiro, por me acolher na Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, e pela sua orientação durante o Estágio. Aos meus pais, por me terem possibilitado compreender o meu lugar no mundo e os meus deveres para com os outros e para comigo, ao meu companheiro de todas as memórias felizes Valter Raposo, aos meus avós, ao David Nogueira, às amizades que fiz em Évora, à Rafaela Ascensão, aos colaboradores da adpBEJA Pedro e Sónia, ao António Curre Barahona, ao Dr. Leonel Borrela, ao Senhor Engenheiro Carrusca, aos colaboradores da Câmara Municipal de Beja, à Biblioteca Municipal de Beja, ao Arquivo Municipal de Beja, a todos aqueles cujos depoimentos foram essenciais para este Relatório de Estágio e finalmente a todos os que não deixam morrer as memórias da cidade de Beja.

Resumo

O presente Relatório de Estágio tem como objetivo principal apresentar uma recolha das mais antigas Feiras e Festividades Religiosas da Cidade de Beja, presentemente descontinuadas. Para isso procedeu-se, durante o período de Estágio, à recolha de relatos orais junto da população, bem como à recolha de fotografias em diversos arquivos e à pesquisa em periódicos da época. No Relatório de Estágio constam, de igual forma, as atividades em que a mestranda participou durante o Estágio na Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, como o Festival da Arte Azulejar, a tradicional Festa das Maias, e o lançamento de dois livros pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.

Pretende-se, através desta investigação, com o recurso a memórias histórico-descritivas e fotográficas e com base nas propostas apresentadas que as antigas tradições da cidade de Beja sejam conhecidas e partilhadas por diversos públicos, nomeadamente os bejenses, apostando nas potencialidades do Património Cultural Imaterial enquanto fator determinante de identidade.

Palavras-chave: Beja, Associação de Defesa do Património de Beja, Maias, Cavalgada de S. João Batista, Feira de S. Lourenço e Santa Maria, Património Cultural Imaterial.

Fairs and Religious Festivities of Beja - Contributions to their rescue and reactivation. Internship report at Associação de Defesa do Património Cultural de Beja

Abstract

This Internship Report has for its main purpose the introduction of a collection of the oldest Religious Fairs and Festivities of the city of Beja, which have at present been discontinued. In order to do that, oral data was sourced from the local population throughout the Internship period, as well as photographs from several archives and newspapers of that time. The activities in which the Master's Degree candidate participated during the Internship at the Association for the Defense of the Cultural Heritage of the Region of Beja (Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja) are also included in the Internship Report, such as the Tile Art Festival (Festival do Azulejo), the traditional Festa das Maias, and the publication of two books by the Association for the Defence of the Cultural Heritage of the Region of Beja. It is

intended, throughout this investigation, having used as a resource historical - descriptive memories and photographs and based on the propositions put forward, that the ancient traditions of the city of Beja be known and shared by several publics, among them the people of Beja itself, believing in the potential of the Immaterial Cultural Heritage as a defining factor of identity.

Keywords: Beja, Associação de Defesa do Património de Beja, Maias, Cavalgada de S. João Batista, Feira de S. Lourenço e Santa Maria, Intangible Heritage.

Resumen

Este informe de prácticas tiene como principal propósito exponer una recogida de las ferias y fiestas religiosas más antiguas de la ciudad de Beja, interrumpidas actualmente. Para ello se procedió, durante el período de prácticas, a una recogida de relatos orales junto a la población, así como una recogida de fotografías en varios archivos y una búsqueda en los diarios de aquella época. En el informe de prácticas se incluye, de igual manera, algunas actividades en las cuales ha participado la alumna durante las prácticas en la Asociación para la Protección del Patrimonio Cultural de la región de Beja: el festival del arte de azulejos, la tradicional fiesta de Maias y la publicación de dos libros por la Asociación para la Protección del Patrimonio Cultural de la región de Beja. Con esta investigación se pretende, a través de memorias y registros fotográficos del pasado histórico y basado en las propuestas presentadas, que las antiguas tradiciones de la ciudad de Beja sean conocidas y compartidas por diversos públicos, en particular por los habitantes de Beja, apostando en las potencialidades del Patrimonio Cultural Inmaterial como factor determinante de identidad.

Palabras clave: Beja, Associação de Defesa do Património de Beja, Maias, Cavalgada de S. João Batista, Feira de S. Lourenço e Santa Maria, Patrimonio Inmaterial.

Índice Geral

Agradecimentos.....	
Resumo/Abstract.....	
Índice de Figuras.....	
Introdução.....	1
Capítulo I – As Associações de Defesa do Património e o seu papel na salvaguarda da Memória e do Património locais.....	9
1 – Conceito de Património Cultural e salvaguarda	9
1.1 – História das Políticas Patrimoniais em Portugal.....	11
1.2 – Caráter e Importância das Associações de Defesa do Património.....	15
2 – Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	17
2.1 – História da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	18
2.1.1 – <i>Estatutos</i> da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	20
2.1.2 – Edifício sede da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	21
2.2 – Descrição Formal e Organigrama	22
2.3 – Atividades e Projetos.....	23
Capítulo II – A Cidade de Beja: contextualização histórico-geográfica	24
1 – A cidade de Beja: elementos para a sua história	24
2 – Património Cultural local.....	35
3 – Património Cultural Imaterial: as tradições	36
Capítulo III – A importância das Feiras como espaços de sociabilidade na cidade de Beja.....	42
1 – Elementos sobre a origem das Feiras em Portugal	42
1.1 – As Feiras na atualidade.....	45
2 – A Feira de São Lourenço e Santa Maria (Feira de agosto) em Beja	46
2.1 – História.....	46
2.2- A Feira: suas componentes.....	47
2.2.1 – Memórias da Feira no tempo atual	50
2.3 – Os locais onde a Feira se realizava	55

2.4 – A decadência da Feira.....	62
2.5 – Outras Feiras e Mercados de Beja.....	64
Capítulo IV – As Festividades Religiosas na cidade de Beja.....	66
1 – As festividades religiosas enquanto manifestação e herança cultural	66
2 – Festa das Maias.....	68
2.1 – A História das Maias.....	69
2.1.1 – Maias em Portugal	72
2.2 – As Maias em Beja.....	73
2.2.1 – A Memória das Maias em Beja	76
3 – A Cavalgada da Manhã do dia de S. João Batista	77
3.1 – História das Cavalcadas.....	77
3.2 – A Cavalgada da manhã de S. João Batista em Beja	78
3.3 – As Cavalcadas organizadas pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	81
Capítulo V – Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular na Associação de Defesa do Património de Beja	83
1 – Apresentação do livro <i>Beja 100 anos de imagens</i>	84
2 – Festa do Azulejo	85
3 - Festa das Maias	88
4 – Outras ações.....	91
5 – Entrevistas	91
Capítulo VI – Feiras e Festividades Religiosas de Beja: Proposta para o resgate, reconstituição e reativação de expressões culturais em risco de desaparecimento	94
1- As Maias.....	94
2 – Cavalgada de São João Batista	96
3 – Feiras de Beja	99
Conclusão	103
Fontes e Bibliografia	106

Índice de Anexos

Anexo I – Lei nº107/2001 de 8 de setembro - Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural	i
Anexo II – Edifício da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	iii
Anexo III – Historial Descritivo da Formação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	v
Anexo IV – Estatutos da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	vii
Anexo V – Legislação que atesta a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	viii
Anexo VI – Documento da Secretaria Notarial de Beja que comprova a criação da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	ix
Anexo VII – Ficha de Inscrição para sócios da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	xi
Anexo VIII – Transcrição da Entrevista ao Dr. Florival Baiôa Monteiro, Presidente da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	xii
Anexo IX – Transcrição da Entrevista ao Dr. Leonel Borrela, Sócio Fundador da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	xv
Anexo X – Antigas Iniciativas da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	xviii
Anexo XI – Mapas da cidade de Beja	xxiii
Anexo XII – Museus e Núcleos Museológicos da cidade de Beja.....	xxvi
Anexo XIII – Castelo de Beja.....	xxix
Anexo XIV – Antigas Tradições de Beja	xxx
Anexo XV – Fotografias da Feira de São Lourenço e Santa Maria	xxxiii
Anexo XVI – Transcrição do excerto do livro <i>Quatro décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989</i> de David Argel e Helena Guerreiro Marques ...	xlvi
Anexo XVII – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria.....	l
Anexo XVIII – Atas da Câmara Municipal de Beja sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria	lxiv
Anexo XIX – Fotografia da Feira de maio	lxxii
Anexo XX – Periódicos e Revistas com artigos sobre a Feira da Primavera	lxxiii
Anexo XXI – Fotografias dos Mercados de Beja.....	lxxvi
Anexo XXII – Memórias do Engenheiro Carrusca	lxxviii

Anexo XXIII – Entrevistas sobre as Feiras de Beja	lxxxiv
Anexo XXIV – Fotografias da antiga Festa das Maias em Beja	cvii
Anexo XXV – Periódicos sobre as Festas das Maias antigas.....	cxii
Anexo XXVI – Fotografias da Festa das Maias de 2015	cxiii
Anexo XXVII – Entrevistas realizadas às antigas Maias	cxxi
Anexo XXVIII – Fotografias das antigas Maias entrevistadas	cxxxii
Anexo XXIX – Fotografias da atividade das Cavalhadas organizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja	cxxxiii
Anexo XXX – Periódicos sobre as Cavalhadas em Beja	cxxxvi
Anexo XXXI – Festa do Azulejo de Beja	cxxxvii
Anexo XXXII - Festa das Maias	clv
Anexo XXXIII – Entrevistas sobre as ações da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.....	clvii
Anexo XXXIV – Fotografias dos locais outrora ocupados pelas Feiras	clxvii
Anexo XXXV – Roteiro das Memórias das Feiras	clxxiv
Anexo XXXVI – Fotografias dos antigos locais do Percorso da Cavalgada da Manhã de São João Batista.....	clxxvi
Anexo XXXVII – Roteiro das Cavalhadas.....	clxxviii
Anexo XXXVIII - CD com Entrevistas gravadas (áudio e vídeo)	

Índice de Figuras

Figura 1 - Sede da Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja ..	21
Figura 2 - Organigrama dos Corpos Gerentes da adpBEJA	22
Figura 3 - Muralha da Idade do Ferro localizada <i>in situ</i> no Museu do Sembrano	24
Figura 4 - Perspetiva do sítio da villa Romana de Pisões	27
Figura 5 - Torre de Menagem do Castelo de Beja	29
Figura 6 - Convento de Nossa Senhora da Conceição e Paço dos Infantes	30
Figura 7 - Museu Regional de Beja. Antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição	31
Figura 8 - Núcleo Museológico da rua do Sembrano	35
Figura 9 - Atual Avenida Miguel Fernandes	49
Figura 10 - Postal da Feira de agosto de 1936	57
Figura 11 - Liceu Diogo de Gouveia	57
Figura 12 - Planta do Parque da Feira de 1950	58
Figura 13 - Mercado de Beja em terrenos a sul da rua S. Tomé e Príncipe	60
Figura 14 - A Feira de agosto localizada no novo Parque de Feiras e Exposições	61
Figura 15 - Mapa de Beja com todos os locais por onde a Feira de agosto passou	61
Figura 16 - Aspeto da Cavalhada promovida pela adpBEJA em 1988	82
Figura 17 - Exemplo de publicação no Facebook sobre a arte azulejar da cidade de Beja	85
Figura 18 - Exemplo de publicação no Facebook da adpBEJA sobre a tradição das Maias	89
Figura 19 - Maias no dia reservado aos pais e avós	90
Figura 20 - Maias das Escolas	91

Introdução

Ao iniciar o presente Relatório de Estágio considera-se necessário explicitar a importância da formação e educação patrimoniais. O Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, que oferece dois ramos distintos – Património Artístico e História da Arte e Património Científico, Tecnológico e Industrial –, oferece um leque de disciplinas necessárias para melhor compreender o vasto mundo do Património Cultural e a relação dos indivíduos para com algo que é seu e lhes é deixado para cuidar e estimar.

Seguindo a temática apresentada em trabalhos curriculares ao longo do primeiro ano do Mestrado, em que os estudos e trabalhos da mestranda incidiram sobre a cidade de Beja e os seus bens patrimoniais em risco, alterados ou de alguma forma reaproveitados, decidiu-se elaborar o presente Relatório de Estágio sobre o Património Imaterial da cidade de Beja, concretamente um estudo e reflexão sobre as memórias de Feiras e Festividades Religiosas da cidade de Beja. Hoje em dia, cada vez mais o Património Imaterial ganha destaque no seio da cultura, pois é das memórias que se constroem pontes para o passado e futuro. Devido à projeção e impacto que o Património Cultural Imaterial tem, ao longo dos anos, é reconhecida a sua importância pelo Estado português em 15 de junho de 2009¹, que estabelece o regime jurídico de salvaguarda do Património Cultural. Neste Decreto-Lei reconhece-se a importância que o Património Cultural Imaterial tem para a preservação da memória e identidade coletivas. É também mencionada a importância das organizações locais para dar apoio na salvaguarda deste tipo de Património, bem como a importância do Património Cultural Imaterial, na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial aprovada pela UNESCO, que teve lugar em Paris de 29 de setembro a 7 de outubro de 2003. Esta conferência surgiu, aliás, no seguimento de outras conferências organizadas pela UNESCO com o intuito de chamar a atenção das nações para a importância emergente do Património Cultural Imaterial. Esta Conferência mostrou-se também importante uma vez que ainda não existiam, até à data, instrumentos teóricos de referência para garantir a salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Assim, acordou-se que a base da dissertação assentaria no registo de memórias destas Festividades, a maioria entretanto já extintas, e uma delas

¹ *Diário da República*, I.ª Série, Decreto-Lei N.º 113.

reativada recentemente graças aos esforços de algumas associações locais ligadas ao património, a cidadãos atentos às questões da cultura e à autarquia local para manter vivas as antigas tradições, porque é através das memórias dos mais velhos que nós, os mais novos, conhecemos a nossa história e as nossas raízes. Foi dada preferência à realização de um Estágio e á feitura de um Relatório a apresentar para obtenção do Grau de Mestre. O Estágio, com a duração de 360 horas, foi realizado na Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja, sob a orientação do seu Diretor, o Professor Florival Baiôa Monteiro, e da Professora Doutora Antónia Fialho Conde, pela Universidade de Évora.

Problemática

A problemática do Relatório de Estágio incidiu sobre a forma como poderiam ser reativadas algumas tradições da cidade de Beja de reconhecida importância para a memória e identidade dos Bejenses, particularizando festividades e Feiras da cidade, entretanto desativadas. Sobre as Feiras, o estudo particularizou a Feira de Santa Maria e São Lourenço – vulgarmente conhecida como Feira de agosto por se realizar neste mês – e que marcou a história de Beja desde o século XIII até ao início do século XXI. São mencionadas no Relatório outras Feiras importantes que decorreram na cidade, entretanto também já desativadas, como é o caso da antiga Feira da primavera que se realizava em maio e se fundiu com a Ovibeja. No que diz respeito a antigas tradições de cariz eminentemente religioso, decidiu-se estudar as Festas das Maias, que se realizaram em Beja durante vários anos, sendo depois organizadas pela adpBEJA até 1988, e depois pelas escolas da cidade. Em 2014, a adpBEJA decidiu retomar a organização deste certame, e a aluna participou na sua organização em 2015 no período de Estágio na adpBEJA. A segunda grande tradição investigada no presente Relatório foi desativada ainda no século XIX, e voltou a realizar-se no ano de 1988 pela adpBEJA, a Cavallhada de São João Batista. Após um intenso estudo da história e dos detalhes específicos destas manifestações que ocorreram na cidade de Beja, e que deixaram saudade na vida social dos Bejenses, foi elaborada uma proposta para, de alguma forma, reativar a memória destas manifestações culturais, patrimoniais e identitárias.

Estado da Arte

Para auxiliar a investigação, além da bibliografia e recursos informáticos, foram analisadas também memórias, na forma de recolção de entrevistas de rua por forma a

compreender a perceção que a população ainda guarda destas atividades. Na fase final do Estágio foi também feita uma recolha de entrevistas sobre as ações da adpBEJA, nomeadamente a Festa do Azulejo, a Festa das Maias, e o lançamento das obras *Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja*, da autoria de Florival Baiôa Monteiro, diretor da adpBEJA. Todas as entrevistas, recortes de jornal considerados mais pertinentes e fotografias serão colocadas ao longo do Relatório de Estágio e nos Anexos.

As fontes impressas, revistas e jornais que auxiliaram na investigação, foram sobretudo sobre a cidade de Beja e as suas tradições e sobre a importância da preservação do Património Cultural. Para uma melhor compreensão desta última temática foi utilizada a obra *Cultura e Património* de Virgolino Ferreira Jorge de 2005 editada pela Câmara Municipal de Portel, que, em conjunto com a obra de Paula Godinho de 2012, *Usos da Memória e Práticas do Património*, lançam luz sobre o panorama atual do Património Cultural, concretamente o Património Imaterial, que é a temática que iremos abordar ao longo do Relatório de Estágio. A obra de referência de Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, editada em 2000 constitui a base da pesquisa sobre o Património Cultural, enquanto que a edição do Instituto Nacional da Administração, *Direito do Património Cultural*, de 1996 ajudou numa melhor compreensão sobre as práticas legais que se devem ter em relação a esta temática. Ainda sobre a importância das tradições e do Património Cultural foi consultado o artigo de Dulce Melão intitulada *Tradição e Inovação na pena de John Ruskin e Alexandre Herculano*, bem como a comunicação *Associativismo e Defesa do Património*² de forma a esclarecer sobre a importância das Associações de Defesa do Património, que surgiram em grande força, logo após a Revolução de abril de 1974 em Portugal. Esta última, da autoria de João Paulo Caninas, data de 2010.

Das obras que ajudaram a compreender melhor a história e a cultura da cidade de Beja destacamos de Manuel Casteleiro de Goes *Beja XX Séculos de História de uma cidade*, dividido no Tomo I e Tomo II, bem como o *Roteiro Histórico de Beja*, editado em 2015 pela Câmara Municipal de Beja com contribuições escritas de Rui Aldegalega, Susana Correia e Manuel Faião sobre vários períodos da história da cidade. À parte destas obras que detalham a cidade de Beja, utilizaram-se na pesquisa outras que abordam

2

http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Consultado a 24 de fevereiro de 2015).

assuntos e cronologias particulares da cidade, como o ensaio de Helena Guerreiro e David Argel *Quatro décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989*, que faz luz sobre a vivência e costumes das gentes que passaram pela cidade neste período específico bem como *Origem e evolução histórica de Beja* do arqueólogo Abel Viana. Também os ensaios *Beja e as suas fortificações* de Carlos Canelas editado em 1967 e *A cidade de Beja: subsídios históricos* de J. Sousa Tavares se mostraram úteis para a investigação sobre o período tardo medieval pelo qual a cidade passou e floresceu com construções tão importantes como o Convento de Nossa Senhora da Conceição, pelos seus mecenas o Infante D. Fernando e a Infanta Dona Brites. A fim de entender a história dos edifícios da cidade, foi consultada a monografia de Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal* de 1943 a 1995, onde no volume I estende grande parte da investigação sobre os edifícios e arruamentos do Distrito de Beja.

No que diz respeito à investigação do papel das Feiras em Portugal, a aluna consultou o artigo *on-line*, de Marcos Olímpio Gomes dos Santos – sociólogo e Professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora – publicada em 2010 intitulada *Contributo para o conhecimento do papel das Feiras*³. Nesta obra o autor aborda o caso da Feira de São João em Évora como fator importante na economia da cidade, e cita os exemplos da Ovibeja, Feira dedicada à agricultura que se realiza em Beja há cerca de 30 anos. A par desta comunicação, foi também revisto o artigo de André Pomponet de 2009, publicado no seu *blog*, onde comenta o panorama atual e futuro das Feiras, *O Futuro das Feiras livres*. Concretamente sobre as Feiras da cidade de Beja, a aluna consultou várias obras que abordam a importância e a história das mesmas. Virgínia Rau publica em 1983 uma obra de grande importância sobre a história das Feiras e a sua relação com a economia das povoações, *Feiras Medievais Portuguesas: subsídios para o seu estudo*, onde é definida e enaltecida a grandeza da Feira de São Lourenço e Santa Maria. E se estes autores mencionam a importância da Feira de agosto nas suas obras, também os autores locais dedicam capítulos nas suas obras a falar desta celebração. Jozé Silvestre Ribeiro dá-nos uma descrição segura de como era a Feira antigamente na *publicação Beja no ano de 1845* e Constantino Piçarra e Rui Mateus mencionam também a importância da mesma na obra que publicaram em 2010 *Beja: Roteiros Republicanos*.

³ http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Feiras_QuestoesIntrodutorias.pdf (Acesso em 29 de abril de 2015).

No campo das tradições e celebrações, foram consultados vários autores. Entre eles, José Leite de Vasconcellos, Rocha Peixoto e Ernesto Veiga Oliveira, e as suas publicações *Tradições Populares de Portugal* editada em 1984, *Etnografia Portuguesa* de 1990 e *Festividades Cíclicas em Portugal* publicada em 1984, respetivamente. Cada um destes autores aborda a tradição como algo próprio de um povo, em concreto as celebrações e costumes Portugueses, como as Maias, o Entrudo, as Cavalhadas e celebrações em honra de São João Batista, entre outras. *Arraial: Festa de um Povo* de Pierre Sanchis, lançada em 1983 foca-se nas celebrações religiosas e as suas origens, assim como *Ricos e Pobres no Alentejo* assinada por José Cutileiro, de 2004, aborda a importância da religiosidade no quotidiano da vida no Alentejo. O tratamento da temática da festividade das Maias, foi trabalhada com o auxílio das obras já mencionadas, e primeiramente com a publicação de Jorge Lage, editada em 2010 *As Maias: entre mitos e crenças*, onde faz uma retrospectiva das origens e raízes desta festa pagã, adaptada de certa forma pela Igreja Católica, dedicando um capítulo às Maias de origem Alentejana, focando a importância desta festividade em Beja. *A Etnografia e o Folclore do Baixo Alentejo*, obra monográfica lançada em 1985 por Manuel Joaquim Delgado, relata também, os adágios e costumes associados às Maias. Sobre a segunda festividade analisada no Relatório de Estágio – as Cavalhadas de São João Batista – também as obras mencionadas anteriormente ajudam a contextualizar a história desta prática, contudo, como Maria José Toucinho e Joaquim Figueira Mestre – ilustres autores Bejenses – mencionam na publicação *Uma antiga Tradição de Beja: a Cavalgada da Manhã do Dia de São João Batista*, não existem obras em abundância ou quaisquer relatos sobre esta prática sobre a cidade de Beja, talvez pelo facto de a mesma se ter extinguido no século XIX.

A consulta de periódicos e revistas da cidade constituíram também a base da pesquisa, auxiliada por fotografias cedidas pelo Arquivo Municipal de Beja, pela adpBEJA e através da obra lançada em 2015 por Florival Baiôa Monteiro, *Beja 100 anos de Imagens*. Os periódicos utilizados foram o *Diário do Alentejo*, o *Bejense*, *O Facho* e as revistas *Arquivo de Beja*, *Mensário do Povo* e *Ovelha* – a revista publicada durante os primeiros anos da Ovibeja.

A Normativa Legal consultada para a realização do Relatório contou com a Lei nº107/2001 de 8 de setembro, a Lei de Bases do Património Cultural, a Convenção para

a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, Paris, 2003 e o Decreto-Lei 1ª Série N°113, de 15 de junho de 2008 para o Património Cultural Imaterial.

Metodologia

A Metodologia seguida no Relatório de Estágio compreendeu a recolha e pesquisa de materiais e recursos sobre o tema das Feiras e Festividades em Portugal e em particular no sul do país, prática que envolveu o último semestre do ano letivo de 2014, pesquisa continuada na atividade de Estágio e redação do Relatório, no primeiro semestre de 2015. Para além da pesquisa bibliográfica, foi também realizada pesquisa nos Arquivos da Câmara e no Arquivo Distrital de Beja, onde foi feita a recolha de documentos, e no Arquivo Municipal de Beja, onde se fez a recolha de fotografias antigas. Na impossibilidade de encontrar algumas fotografias, artigos e informação em Monografias ou nos Arquivos, a aluna recorreu a pesquisa utilizando a Internet. Para a compreensão da opinião pública sobre as tradições abordadas, procedeu-se à recolha de entrevistas pela cidade, processo que decorreu a par da redação do Relatório de Estágio. Durante o Estágio, a aluna participou de igual modo na organização de atividades promovidas pela adpBEJA, entre as quais a organização da apresentação da obra *Beja 100 anos de Imagens*, de Florival Baiôa Monteiro, participação na organização do Festival do Azulejo de Beja, onde foi inserido o lançamento e apresentação da obra *Arte Azulejar de Beja* também da autoria de Florival Baiôa Monteiro. Por último, a aluna participou de igual modo, na organização da Festa das Maias de Beja, que pelo segundo ano consecutivo é realizada pela adpBEJA após um período de cerca de vinte anos sem a mesma ser realizada pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.

Organização do Relatório

O presente Relatório de Estágio engloba, na sua totalidade seis Capítulos. No primeiro Capítulo é explicada a amplitude do conceito de Património Cultural, e tudo o que o mesmo engloba, bem como todas as ações levadas a cabo para uma maior sensibilização em relação às expressões patrimoniais de natureza distinta. Seguidamente é apresentado um resumo das políticas patrimoniais em Portugal, com a criação das Leis que atestam hoje em dia a importância da conservação e da valorização do Património Cultural. Na segunda parte do Capítulo faz-se uma retrospectiva da história das Associações de Defesa do Património, explicitando a sua origem e em que áreas atuam, com destaque para a Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.

Sobre a adpBEJA é descrita a sua história, as atividades realizadas em benefício do Património Cultural local e de dar a conhecer as tradições locais.

O segundo Capítulo trata da história da cidade de Beja desde a sua fundação e dos povos que nela habitaram, até aos dias de hoje. Neste Capítulo é possível compreender o vasto Património que a cidade tem para oferecer, através do espólio presente nos seus Museus e Núcleos Museológicos. A leitura deste Capítulo permite também compreender como a cidade de Beja cresceu e se desenvolveu, principalmente durante o século XX, continuando em crescente evolução até aos dias de hoje.

O Capítulo três trata da análise da importância das Feiras e Mercados como espaços socioeconómicos. Concretamente, analisa-se a Feira de São Lourenço e Santa Maria, a maior e mais antiga Feira da cidade de Beja, desativada no início do século XXI. Não só se descrevem os produtos transacionados e a sua história ao longo dos séculos, mas também os locais por onde a Feira passou, que estão hoje preenchidos com edifícios residenciais. Este Capítulo engloba testemunhos de residentes da cidade, que foram entrevistados sobre as suas memórias das Feiras da cidade.

O quarto Capítulo, que trata sobre Festividades Religiosas, inicia-se com a contextualização histórica das manifestações religiosas em geral e em Portugal, com destaque para as manifestações levadas a cabo pela Igreja Católica, confissão religiosa predominante em Portugal. A segunda parte deste Capítulo analisa a Festividade Religiosa de origem pagã das Maias – adaptada pela Igreja Católica – onde se estabelecem as suas origens e crenças. Esta Festividade Religiosa foi praticada em Beja durante vários anos, primeiramente de forma espontânea e mais tarde organizada pela adpBEJA. Para este Capítulo, a fim de criar uma proposta que incidisse sobre a reativação permanente das Maias, foram entrevistadas as antigas meninas Maias que no passado protagonizaram antigas edições desta Festa. A terceira parte deste Capítulo trata da Cavalgada da Manhã de São João Baptista, uma manifestação religiosa de origem medieval, que ainda subsiste em vários pontos de Portugal, onde se celebra a figura de São João Baptista com um passeio a Cavalos. Também esta tradição, entretanto desativada, foi organizada pela adpBEJA, apenas por uma vez.

O Capítulo cinco aborda as atividades em que a aluna participou durante o processo de Estágio, como a organização do Festival de Arte Azulejar, a Festa das Maias, e a organização do lançamento dos livros *Beja 100 anos de Imagens* e *Arte Azulejar de*

Beja, escritos pelo Professor Florival Baiôa Monteiro. É explicado neste Capítulo o processo envolvente da organização destas atividades.

No sexto e último Capítulo, a aluna apresenta propostas para que se não perca a memória das antigas Feiras, e para a reativação das festividades - As Maias e as Cavalhadas -, baseando-se nas conceções originais. A proposta apresentada no Capítulo seis em relação à Festividade das Maias apresenta alternativas a aplicar para dar a conhecer esta antiga tradição aos mais jovens. Em relação às Feiras e Cavalhadas, tivemos em conta de que se trata de práticas muito antigas que não evoluíram com os tempos e não se adaptaram à modernização. Deste modo, tentou-se ao máximo respeitar estas práticas antigas com a criação de duas Rotas – uma para as Memórias das Feiras e outra para o percurso das Cavalhadas – que justifiquem assim relembrar estas duas antigas práticas culturais da cidade de Beja. Na conceção dos mapas criados para os dois percursos foi tido em atenção o tecido urbano que se alterou muito desde o início até ao final das Feiras – todos os locais onde se faziam as Feiras, que eram antes terrenos baldios, se encontram agora ocupados- e das Cavalhadas – alguns locais de passagem foram entretanto demolidos e os arruamentos alterados. Todas estas propostas foram pensadas de acordo com os testemunhos prestados pelos Entrevistados.

Capítulo I – As Associações de Defesa do Património e o seu papel na salvaguarda da Memória e do Património locais

Considera-se necessário iniciar o presente Capítulo do Relatório de Estágio com algumas definições conceptuais de Património Cultural, e a diferença entre Património Material e Imaterial, dois conceitos que irão ser bastante importantes ao expor a temática das Feiras e Festividades Religiosas.

1 – Conceito de Património Cultural e salvaguarda

O conceito de Património Cultural é bastante abrangente, pois engloba uma série de práticas relacionadas com lugares, objetos e manifestações culturais diversas as quais é importante valorizar devido à sua carga simbólica e por serem exemplos insubstituíveis de fonte do saber e inspiração que nos foi deixada pelos nossos antepassados para que possamos um dia transmitir às futuras gerações. Ora tais marcas e práticas culturais sobrevivem apenas através de esforços conjuntos e especiais para protegê-las. Segundo a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), “*O Património Cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas.*”⁴

Ao longo da história da humanidade é-nos dado a conhecer a importância do bem patrimonial, sendo um dos exemplos mais conhecidos o dos antigos egípcios que no momento da sua morte escolhiam levar para o túmulo os objetos pessoais que lhes eram mais queridos (objetos esses que não seriam apenas de avultado valor como ouro ou metais preciosos mas sim objetos com um valor afetivo e simbólico) para que os acompanhassem na próxima vida. Mais tarde, a Revolução Francesa, no século XVIII, e a Segunda Grande Guerra Mundial na primeira metade do século XX geram uma nova preocupação em relação à salvaguarda do Património Cultural, com muitos bens patrimoniais destruídos e saqueados. Resultante da destruição a monumentos e cidades levada a cabo pela II Guerra Mundial, a convite do Comité Nacional do ICOMOS (*International Council on Monuments and Sites*) da República Democrática Alemã, reúnem-se em Dresden participantes de 11 países num simpósio sobre o tema da Reconstrução de Monumentos Destruídos pela Guerra, entre 15 e 19 de novembro de

⁴ <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/cultural-heritage/colocar> (Consultado a 24 de fevereiro de 2015).

1982. Esta conferência serviu acima de tudo para alertar para a desolação que a guerra provoca às pessoas e aos seus bens culturais e ajudou a cimentar o que se havia debatido na recomendação nº308 da 2ª Conferência Mundial da UNESCO realizada no México em agosto de 1982, respeitante à prevenção e posteriores efeitos das guerras. Dos resultados sumariados e aprovados na resolução ressalta-se:

“Os esforços objetivos e práticos dos governos e dos povos no restauro dos monumentos e na preservação do carácter das cidades e das vilas, que têm vindo a evoluir ao longo do tempo, foram e irão permanecer da maior importância para a ligação entre os povos e as suas terras natais, e para a sua participação no progresso social dos respetivos países.”⁵

Outras Convenções e Cartas criadas ao longo dos anos com vista a prevenir o mau uso ou aniquilação do património cultural em caso de conflito bélico, incluem a Convenção sobre as Medidas a adotar para proibir e impedir a exportação e a transferência de Propriedades ilícitas e bens culturais, que teve lugar em 14 de novembro de 1970 em Paris; a Convenção para a proteção de bens culturais em caso de conflito armado e Regulamento para a aplicação da convenção em Haia a 14 de março de 1954; a Convenção sobre a proteção do Património mundial cultural e natural organizada pela UNESCO na sua 17ª reunião celebrada em Paris de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972; e as Normas de Quito sobre a conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico, que teve lugar em 1967.

Neste contexto, a definição de Património Cultural alarga-se, compreendendo necessariamente duas categorias:

- O Património Cultural Material, que se subdivide em Imóvel e abrange nomeadamente as igrejas, ermidas, solares, fortes, casas, moinhos, calçadas, fontanários; e Móvel abrangendo esculturas, pinturas, relicários, manuscritos, máquinas, ferramentas de trabalho, artesanato, objetos de uso quotidiano, elementos de adorno;
- O Património Cultural Imaterial ou Intangível, categoria mais recente mas que cada vez ganha mais força interessando-se por tradições, expressões orais, manifestações artísticas, práticas sociais rituais e festivas, e metodologias e técnicas artesanais sendo atualmente

⁵ <https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/declaracao-de-dresden.pdf> (Consultado a 10 de maio de 2015).

já diversas as manifestações consideradas como Património Cultural Imaterial pela UNESCO⁶.

1.1 – História das Políticas Patrimoniais em Portugal

À semelhança do resto da Europa, Portugal tem regido o seu património de acordo com os princípios propostos pela UNESCO, com a sua adesão à Convenção Inicial em 1979, com o Decreto-Lei nº 49/79 de 14 de março. Apesar de Portugal não fazer parte dos primeiros países a aplicar medidas no que respeita às políticas de salvaguarda e conservação, é importante sublinhar contudo o pioneirismo nacional em matéria da primeira legislação relativa ao Património. Segundo José Augusto França, o primeiro registo existente relativamente à salvaguarda do Património remonta a 20 de agosto de 1721, no século XVIII, em que D. João V, por alvará régio, atribui à Real Academia de História Portuguesa (instituída a 8 de dezembro de 1720) a seguinte tarefa:

*“ (...) Daqui em diante nenhuma pessoa de qualquer estado, qualidade e condição que seja, [possa] desfazer ou destruir em todo nem em parte, qualquer edifício que mostre ser daqueles tempos (assim designados Fenícios, Gregos, Persas, Romanos, Godos, Arábios) ainda que em parte esteja arruinado e da mesma sorte as estátuas, mármore e cipos (...) ”*⁷.

A Real Academia de História fica assim incumbida de inventariar e conservar os exemplares mais representativos até à data do património nacional, cujo estabelecimento permite criar o Museu Arqueológico do Tesouro Velho, que viria a desaparecer com o Terramoto de Lisboa de 1755. A Real Academia de História terá como objetivos mobilizar os organismos burocráticos para a investigação local e o de acautelar sobre a conservação de monumentos. Possuindo rendimentos próprios e isentos de censura externa, a Real Academia pôde propiciar assim aos seus sócios um trabalho de recolha

⁶ No período compreendido entre 2009 e 2014 o Comitê da UNESCO registou 38 elementos na sua lista de Património Cultural Imaterial. A lista engloba desde rituais praticados por um povo, a danças, cânticos, expressões culturais, teatros de marionetas. Em Portugal encontram-se inscritos na Lista Representativa do Património Cultural da Humanidade o Fado, com a candidatura apresentada em 2010 pela Câmara Municipal de Lisboa e aprovada em dezembro de 2011 pelo Comitê da UNESCO; a dieta Mediterrânica promovida pela Câmara Municipal de Tavira e candidatura articulada juntamente com Chipre, Argélia e Croácia aprovada a 4 de dezembro de 2013. Em 2010 já havia sido aprovada a candidatura da dieta Mediterrânica como Património Cultural Imaterial pela Grécia, Espanha, Marrocos e Itália. A 27 de novembro de 2014 foi aprovada a candidatura do Cante Alentejano a Património Cultural Imaterial, candidatura efetuada pela Câmara Municipal de Serpa.

⁷ FRANÇA, José Augusto - *Direito do Património Cultural*, p 25.

documental desconhecida até à data. Contudo, é costume atribuir-se o papel de impulsionador do conceito de Património Cultural a Alexandre Herculano (escritor, historiador e jornalista Português). Alexandre Herculano, defensor acérrimo do conceito de Património, preocupava-se essencialmente com o esquecimento dos bens patrimoniais, especialmente os relacionados com a fundação da nacionalidade, defendendo uma ação imediata. Tais esforços incluem uma série de publicações que denotam o seu interesse pela preservação do Património, entre as quais *Monumentos I* e *Monumentos II* artigos que visam, na opinião do autor “denunciar o instinto bárbaro, a malevolência selvagem, a filosofia da brutalidade”⁸. O esforço com que defendeu a importância da memória patrimonial tiveram a sua recompensa quando em 1840 é fundada a Sociedade Conservadora dos Monumentos Nacionais, e anos mais tarde, nasce a primeira Associação dedicada à defesa do Património, a Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, em 1863, fundada por Joaquim Possidónio Narciso da Silva (arquiteto, arqueólogo e fotógrafo), sediada no Museu Arqueológico do Carmo, o primeiro Museu de Arte e Arqueologia do país. É também de louvar o trabalho realizado em 1880 pela primeira listagem de monumentos a classificar do país, requerida pelo Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústrias. Este plano orgânico e o Regulamento de 1894 constituem assim a primeira legislação Portuguesa sobre Monumentos Nacionais, e até ao fim da Monarquia realizam-se vários restauros de monumentos de Norte a Sul do país.

Em 1909, o Ministério das Obras Públicas decreta uma lista oficial dos monumentos nacionais aprovada pelo Governo em Decreto-lei de 16 de julho de 1910, antes da Implantação da República. Todavia, alguns dos monumentos nacionais já haviam sido classificados ao abrigo de leis especiais, publicadas entre 1906 e 1908.

A década de 20 torna-se essencialmente importante pois a 18 de dezembro de 1924 é publicada a Lei nº1700, que legislava sobre o Conselho Superior de Belas Artes ao qual era concedida a tutela de cuidar das obras de arte e peças arqueológicas, monumentos, palácios nacionais e museus do país. Seguidamente o Decreto-lei nº15216 de 14 de março de 1928 procurava modificar e melhorar a antiga legislação, reorganizando os serviços

⁸ http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26_18.htm (Artigo sobre *Tradição e Inovação na pena de John Ruskin e Alexandre Herculano – Dulce Melão*. Consultado a 25 de fevereiro de 2015).

artísticos e arqueológicos e reiterando pela primeira vez o pagamento de uma taxa de entrada nos Museus. Finalmente, em 30 de abril de 1929 é criado através do Decreto nº16791 a Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (a antiga DGEMN) com a atribuição de salvaguarda do património artístico e arquitetónico.

Em 1980 é criado o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) a 3 de abril (Decreto-Lei nº59/80) que serve para coordenar uma série de programas e preservar parte do património cultural Português que se encontrava à guarda da extinta Junta Nacional de Educação. O IPPC aparece assim na sequência das transformações políticas geradas pela Revolução de abril, ficando assim afetos à gestão do IPPC os palácios nacionais, castelos, igrejas ou mosteiros que se encontrassem na dependência administrativa do Ministério das Finanças. Durante a década de 80, devido à excessiva quantidade de atribuições de edifícios considerados de interesse nacional, foram retiradas ao IPPC algumas das suas competências e criado em Decreto-Lei nº106-F, de 1 de junho de 1992, o Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR) que passa a ocupar-se sobretudo da salvaguarda e valorização do património cultural arquitetónico e arqueológico. Nos anos seguintes dá-se um quebrar com as leis antigas, onde são extintos os Conselhos de Arte e Arqueologia, são criados os termos *Monumento Nacional* e *Imóvel de Interesse Público*, e a figura do Valor Concelhio (ainda que apenas utilizado após 1974). Em 1985 é publicada a Lei de Bases do Património Cultural (Lei 13/1985 de 6 de julho) cujo artigo 43º define as formas e regime de proteção dos bens imateriais, onde são também criados as categorias de “monumentos”, “conjunto” e “sítios”.

Só mais tarde, em 2001, será publicada em Diário da República a Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural (Lei 107/2001 de 8 de setembro)⁹

O século XXI tem vindo a demonstrar a sua preocupação pelas questões de defesa do Património, adotando políticas e leis que contribuam para a salvaguarda de bens. Em

⁹ O artigo 1º, sobre os princípios basilares desta lei, explicita os seus objetivos:

“1. A presente lei estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura.

2. A política do Património cultural integra as ações promovidas pelo Estado, pelas administrações autónomas, pelas autarquias locais e pela restante Administração Pública, visando assegurar, no território português a efetivação do direito à cultura e à fruição cultural e a realização dos demais valores e tarefas e vinculações impostas, neste domínio pela Constituição e pelo direito internacional.” Lei nº107/2001 de 8 de setembro - Lei de bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural.

2004, o Instituto Português dos Museus promove a celebração do Dia Internacional dos Museus, a 18 de maio. Em 2007 é criado o Instituto dos Museus e da Conservação (Decreto-Lei nº97/2007 de 9 de março) no âmbito do Ministério da Cultura ao qual se atribuem competências específicas na área do PCI – Património Cultural Imaterial -, designadamente através do seu Departamento de Património Imaterial. É igualmente necessário apontar a crescente preocupação com o Património Imaterial no panorama patrimonial em Portugal, com o Conselho de Ministros a aprovar a ratificação de Portugal da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. Em 2008, é aprovada a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial por unanimidade em Assembleia da República, a 24 de janeiro (resolução AR nº12/2008), e a 26 de março procede-se à sua ratificação, por publicação no Diário da República do Decreto do Presidente da República nº28/2008 (DR. Nº60 de 26 de março). No ano seguinte, em 2009 é publicado o Decreto-Lei nº139/2009 (Diário da República I/S nº113 de 15 de junho de 2009) que estabelece o regime jurídico de salvaguarda do Património Cultural Imaterial em Portugal. Em junho de 2010 é apresentada na sede da UNESCO ¹⁰ a primeira Candidatura do Estado Português para a inscrição na Lista Representativa do Património Cultural Imaterial da Humanidade com a candidatura do fado, apresentada pela Câmara Municipal de Lisboa. A decisão foi aprovada na 6ª reunião do Comité Internacional da UNESCO em dezembro de 2011. Ainda em novembro de 2010 conclui-se o desenvolvimento e a nova versão do programa MATRIZ, concebido pelo Instituto dos Museus e da Conservação para promover a salvaguarda por parte das entidades portuguesas dedicadas ao estudo, documentação e inventariação de Património Imaterial, entre os quais Museus, Universidade, Centros de Investigação, Autarquias e entidades diversas do Ministério da Cultura. A 1 de junho de 2011 o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) disponibiliza o Matriz PCI como plataforma de acesso *on-line* ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial. Nos dias que correm em Portugal a gestão do Património Cultural recai sob a tutela da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC) (Decreto-Lei nº115/2012 de 25 de maio) que é responsável pela gestão

¹⁰ UNESCO (acrónimo de *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) é a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura, fundada em 1946 sob o objetivo de solidificar e contribuir para a paz no mundo atuando nas áreas da educação, ciência, cultura e comunicações. Tem sede em Paris, França. Na área da cultura a UNESCO procura soluções que salvaguardem o património cultural material e imaterial, e promove a educação patrimonial.

do património cultural em Portugal Continental, atuando em diversos campos, pelo estudo, investigação de divulgação do Património Cultural.

Atualmente Portugal possui quinze sítios considerados Património Mundial pela UNESCO¹¹ inscritos na lista, catorze de âmbito cultural e apenas um deles de âmbito natural, sediados nos arquipélagos dos Açores e Madeira (três deles) e um partilhado com Espanha. O Património Cultural Imaterial em Portugal apresenta três inscritos nos últimos cinco anos, que incluem o Fado inscrito em 2010, a Dieta Mediterrânica em 2013 e mais recentemente o Cante Alentejano elevado a Património Cultural Imaterial em 2014.

1.2 – Caráter e Importância das Associações de Defesa do Património

Em 1982, Françoise Choay sublinha a importância da criação de uma legislação sobre o destino dos bens patrimoniais: “ (...) o problema de fundo é colocado pela necessidade de legislar, na urgência e para o bem do interesse coletivo acerca do destino dos objetos heterogéneos tornados património da nação. ”¹²

Em 1985 surge em Portugal, no Diário da República, a Lei nº13/85 de 6 de julho que atesta a importância do Património Cultural, que apesar de não ser regulamentada, servirá de base e referência para a criação em 2001 da Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural (Lei 107/2001 de 8 de setembro). Estas leis atestam a importância e necessidade de educar os cidadãos para as práticas patrimoniais, como é referido na Lei de Bases sobre o Património Cultural. (ver Anexo I)

O Artigo 4º aborda a contratualização da administração do património cultural como tendo necessidade de alertar as autarquias locais para a preservação do património local.

¹¹ A lista de sítios considerados como Património Cultural Mundial em Portugal engloba a cidade de Angra do Heroísmo nos Açores inscrita em 1983; o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém em Lisboa inscritos em 1983; o Mosteiro da Batalha em Lisboa inscrito em 1983; o Convento de Cristo da cidade de Tomar inscrito em 1983; o Centro Histórico da cidade de Évora inscrito em 1986; o Mosteiro de Alcobaça inscrito em 1989; a paisagem cultural da vila de Sintra inscrita em 1995; o Centro Histórico do Porto inscrito em 1996; os sítios pré-históricos de arte rupestre do vale do rio Coa e de Siega Verde considerado como bem transacional entre Portugal e Espanha inscrito em 1998; a floresta Laurissilva na Ilha da Madeira inscrita em 1999; o Centro Histórico da cidade de Guimarães inscrito em 2001; o alto Douro Vinhateiro na região do Douro inscrito em 2001; a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico inscrita em 2004; a cidade-quartel fronteiriça de Elvas e as suas fortificações inscrita em 2012 e a Universidade de Coimbra inscrita em 2013.

¹² CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*, p. 88.

O Título II aborda os direitos, as garantias e deveres dos cidadãos. No Artigo 10º estabelece a importância das estruturas de Associações de Defesa do Património.

Efetivamente, olhando o percurso das Associações, globalmente consideradas, no período desde a aprovação da Lei em 2001, deduz-se uma evolução, assinalada por mudanças e acontecimentos marcantes, com impacto na opinião pública, ou pelos menos mobilizadores, isto é, com efeito na ação das próprias Associações (CANINAS; 2010)¹³. As Associações de Defesa do Património surgem na sua maioria aquando da mudança do regime político ocorrida a 25 de abril de 1974, ou seja Pós-Estado Novo. Esta mudança política seria decisiva na evolução do conceito de defesa do património, desde logo pela liberdade de expressão e do associativismo sem restrições. É certo que antes deste acontecimento marcante já existiam Associações de Defesa do Património, contudo esta forte afirmação pública não seria possível sem a liberdade que o pós-25 de abril traz. De destacar o trabalho realizado pela Liga para a Proteção da Natureza (1948), Associação dos Arqueólogos Portugueses (nascida em 1863 e reiterada como a primeira Organização Não Governamental de apoio ao Património Cultural) e do Grupo Pró-Évora (nascido em 1919), resultado de ações de pessoas e grupos com ambição e com alguma formação técnica na área da proteção cultural. João Carlos Caninas defende que esta emergência feroz do associativismo nos anos 80 poderá ter sido estimulada por um processo revolucionário, marcado pela afirmação e pelo confronto de díspares ideologias e propostas de organização social e económica. João Carlos Caninas elaborou para a sua comunicação intitulada *Associativismo e Defesa do Património* de 2010¹⁴ um inquérito para perceber quantas ADP existem, e quando se formaram. O autor identifica que existe um crescente número de Associações fundadas por década, com início na década de 70 com oito associações formadas, a década de 80, com 16 e finalmente a década de 90, com 19 Associações criadas. O autor explica este número crescente com base na conjuntura política nacional e comunitária e com as novas exigências em matéria de proteção ambiental a ganhar cada vez mais terreno. O período compreendido entre 1974 e 1985 corresponde, segundo o autor, a nove anos em que o associativismo está no seu auge, contudo esta informação será difícil de caracterizar devido à falta de registos sistemáticos,

¹³http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Consultado em 21 de fevereiro de 2015)

João Carlos Caninas.

¹⁴http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Consultado em 21 de fevereiro de 2015)

João Carlos Caninas.

com grande contraste de organizações ao nível programático e ideológico. É certo que o Associativismo tem sofrido uma evolução constante ao longo dos anos, graças às intervenções dos governos regionais e locais e a campanhas com sentidos e temáticas diversificadas, de iniciativa pública ou privada visando dar a conhecer mais das suas práticas, áreas de atuação e a crescente preocupação com a educação patrimonial dos cidadãos. O certo é que as Associações de Defesa do Património têm desempenhado um papel notável em prol da salvaguarda das memórias do território e da manutenção da diversidade dos seus bens naturais e culturais, de interesse público numa base voluntarista. Entre as ações promovidas visando despertar um maior interesse para o Património Cultural destacam-se a diversidade e cariz das ADP, que atuam tanto a nível cultural como ambiental, protegendo as áreas consideradas como Património Natural. É um facto social incontestado que, cada vez mais, os cidadãos têm consciência comunitária do valor histórico e da riqueza etnográfica do seu património coletivo, tanto cultural como natural, espelho e vetor da sua identidade pátria (JORGE; 2005)¹⁵.

2 – Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

A Associação de Defesa do Património de Beja apresenta-se como uma organização Privada sem fins lucrativos, ou seja, uma Organização Não Governamental, que funciona em horário laboral, durante a semana e com apoios dos seus sócios. É uma das muitas organizações em Portugal empenhadas na salvaguarda dos bens patrimoniais culturais e naturais das cidades e regiões. Apesar de, no caso de Beja, a Associação apenas se dedicar à defesa do Património Cultural, existem exemplos de Associações que atuam em diversas áreas tais como a ADPM¹⁶; a ADPSintra¹⁷; a ADPHA¹⁸; a Almargem¹⁹; a ADPLX²⁰ e a muralha²¹. Algumas destas Associações apresentam-se ainda confederadas na página da Confederação Portuguesa de Associações de Defesa do Ambiente

¹⁵ JORGE, Virgolino Ferreira – *Cultura e Património*, p. 44.

¹⁶ Associação de Defesa do Património de Mértola <http://adpm.pt/> (consultado a 1 de junho de 2015).

¹⁷ Associação de Defesa do Património de Sintra <http://mwmservices.net/adps/> (Consultado a 1 de junho de 2015).

¹⁸ Associação de Defesa do Património Histórico e Arqueológico de Aljezur <http://www.adpha.pt/> (Consultado a 1 de junho de 2015).

¹⁹ Associação de Defesa do Património Cultural e Ambiental do Algarve <http://almargem.org/siteantigo/> (Consultado a 1 de junho de 2015).

²⁰ Associação de Defesa do Património de Lisboa <https://www.Facebook.com/AssociacaoDeDefesaDoPatrimonioDeLisboaAdpLx/info?tab=overview> (Consultado a 1 de junho de 2015).

²¹ Associação de Guimarães para a Defesa do Património <http://www.muralha.org/> (Consultado a 1 de junho de 2015).

(http://www.cpada.pt/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=30) devido à sua natureza e áreas de atuação. Este não é o caso da adpBEJA, mas a mesma encontra-se registada na lista de ONG's nacionais, na plataforma do *website* www.naturlink.sapo.pt²².

2.1 – História da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Explicitado no *site* da adpBEJA (<http://www.adpbeja.pt/>), encontra-se o seu historial, desde a sua constituição em 1979 – apesar de apenas ter sido devidamente legislada através do Decreto-Lei III Série, Nº 173 de 30 de julho de 1987 (ver Anexo V). Desde a sua criação que a Associação tem abraçado diversos projetos visando educar os seus cidadãos para a história da cidade de Beja (ver Anexo III).

Para se tornar sócio (ver Anexo VII) da adpBEJA é necessário contribuir com uma quota anual no valor dos €12, ou €1 por mês, requerimento que nem sempre é respeitado pelos sócios, que por vezes não cumprem com os seus deveres financeiros. Não obstante, a adpBEJA funciona maioritariamente com o apoio dado pelos sócios, recebendo apenas apoios e parcerias em projetos quando é do interesse mútuo entre a adpBEJA e as empresas. As parcerias mais regulares da adpBEJA e das quais recebe fundos é a INALENTEJO²³, e da Câmara Municipal de Beja recebe apoio técnico (cedência de espaço e subsídios).

O atual Presidente da adpBEJA, Dr. Florival Baiôa Monteiro, em entrevista dada à aluna (ver Anexo VIII) defende a criação da adpBEJA – a segunda associação orientada para a defesa do património do país – num momento em que se assiste a uma degradação do património cultural material e imaterial, no final da década 1970. Frisa que os primeiros passos para a criação de Associações de Defesa do Património são dados em Lisboa – a Associação de Arqueólogos Portugueses²⁴ (AAP) é a mais antiga do país,

²² *Website* da Naturlink onde se encontram registadas as ONG de origem Portuguesa, entre elas a ADPbeja <http://www.naturlink.sapo.pt/Intervir/ONGAs/content/ONGAs-Nacionais?bl=1> (Consultado a 4 de junho de 2015).

²³ A INALENTEJO é uma autoridade de gestão de projetos no Alentejo, composta uma Direção e um Secretariado Técnico. Foi criada pela Resolução de Conselho de Ministros nº169/2007, de 19 de outubro (Diário da República 1ª série, nº202 de 19-10-2008). A INALENTEJO financia os projetos com fundos do QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional.

<http://www.inalentejo.qren.pt/index.php/home/autoridade-de-gestao> (Consultado a 4 de junho de 2015)

²⁴ *Website* da Associação de Arqueólogos Portugueses http://www.arqueologos.pt/p_aap.html (Consultado a 4 de junho de 2015).

fundada em 1863 por Joaquim Possidónio Narciso da Silva com o nome de Associação dos Architectos Civis Portugueses, e Santarém, a Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, que se pressupõe ser a mais antiga do país no período pós 25 de abril de 1974, fundada em 1977²⁵. Surge em Beja, através do contato entre historiadores, arqueólogos, professores e entusiastas e o fluxo de ideias que circulavam sobre as práticas patrimoniais, que consideravam não ser as mais corretas adotadas na cidade. Deram-se assim, em reuniões que tiveram lugar na casa de sócios fundadores, os primeiros passos entre amigos com um único objetivo: criar uma Associação que preservasse e desse a conhecer o património Bejense, não só aos forasteiros mas também ao povo local. Nos primeiros anos a Associação preocupa-se com a realização de tradições de âmbito cultural que se estavam a perder, e com a aprendizagem do saber-fazer dessas tradições. Entre elas a olaria, as mantas de lã, a doçaria conventual, áreas que precisavam de dinamização. Hoje em dia, o Presidente da adpBEJA considera que a população tem uma boa imagem das ações realizadas pela Associação. Como refere o Presidente da adpBEJA, muitas vezes os munícipes recorrem à adpBEJA alertando sobre problemas com alguns azulejos danificados da cidade (onde a adpBEJA alerta de imediato os técnicos da Câmara), ou até com ações que visam contrariar o fim de alguns serviços em Beja²⁶. O Presidente da adpBEJA considera ainda que as associações de defesa do património, no geral, carecem de muitos apoios não só do Estado, mas também por parte da população local.

Partilhando essencialmente das mesmas ideias do Dr. Florival Baiôa Monteiro, o Dr. Leonel Borrela²⁷ concedeu igualmente uma entrevista à aluna (Ver Anexo IX) onde revive as memórias dos primeiros anos da adpBEJA. Conta que a ideia da criação da Associação surgiu ainda antes do 25 de abril de 1974, com o surgimento de um Centro

²⁵ Notícia que dá conta da nova direção na Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, fundada em 1977. <http://www.omirante.pt/?idEdicao=54&id=66146&idSeccao=479&Action=noticia#.VXCIQc9Viko> (Consultado a 4 de junho de 2015).

²⁶ Em 2011 a adpBEJA alia-se ao movimento “*Beja Merece*” contra o alegado fim das ligações diretas do comboio intercidades entre Beja e Lisboa, o que contribuiria para a crescente desertificação e separação da região Sul com a região Centro. <http://visao.sapo.pt/comboios-associacao-de-beja-admite-boicotar-presidenciais-em-protesto-contralegado-fim-das-ligacoes-diretas-intercidades-a-lisboa=f586479> (Consultado a 5 de junho de 2015).

²⁷ O Dr. Leonel Borrela, técnico do Museu Regional de Beja, é um dos maiores conhecedores da história e do património cultural da cidade de Beja. Publicou várias crónicas no *Diário do Alentejo* sobre a cidade. É talvez o maior conhecedor da história da freira Mariana Alcoforado em Portugal. De tempos a tempos é-lhe pedido conselho e material sobre aspetos históricos da cidade. Foi um dos sócios fundadores da adpBEJA, não sendo já sócio hoje em dia.

de Juventude que veio substituir a Mocidade Portuguesa. O Centro de Juventude era constituído por indivíduos que partilhavam interesses sociais culturais, e onde existiam estúdios de som, estudos de arqueologia e artes plásticas. Assim, alguns dos elementos (que eram das mesmas famílias ou amigos de longa data) que integraram esse grupo fundaram a adpBEJA. Inicialmente a adpBEJA foi criada para fazer frente à degradação de edifícios em risco e peças de valor da cidade que se estavam a perder. O papel da adpBEJA era o de estabelecer comunicação com os técnicos da Câmara Municipal de Beja, e estes resolviam o problema de acordo com as práticas recomendadas pela Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais. Ao mesmo tempo, promoviam e colaboravam com algumas festas (as Cavalhadas e as Maias). Considera também toda a atividade realizada pela adpBEJA necessária em prol do património de Beja, nomeadamente a edição dos livros *Beja 100 anos de Imagens e Arte Azulejar de Beja*. No entanto, o Dr. Leonel Borrela considera que estas ações não serão ainda suficientes, e que a adpBEJA poderia ter um papel mais ativo quanto à salvaguarda dos edifícios da cidade, podendo desenvolver uma estratégia junto dos técnicos da Câmara e sócios para prevenir a degradação latente dos edifícios históricos que rodeiam a cidade. Deixa também a sugestão da criação de Museus específicos da cidade, por exemplo um Museu Etnográfico.

2.1.1 – Estatutos da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Os *Estatutos* (ver Anexo IV) figuram desde a criação da ADP de Beja e até aos dias de hoje, aprovados em 16 de fevereiro de 1979 e assinados por dez sócios fundadores da Associação que se deslocaram à Secretaria Notarial de Beja (ver Anexo VI), perante a notária Mariana Raquel Tareco Zorrinho Vieira Lima. Dos sócios fundadores – António Joaquim da Costa Mira Almodôvar, Luciano José Caetano da Rosa, José Eduardo Barbosa Bentes, Leonel António Jerónimo Borrela, Rui Jorge Zacarias Parreira, Florival Baiôa Monteiro, José Luis Ildefonso Ramalho, Francisco Lopes Pereira Guerreiro, José Augusto Mira Galvão e José Martins Rocha - dos quais a assinatura consta no registo da Secretaria Notarial de Beja apenas dois figuram ainda nas listas atuais de sócios: Florival Baiôa Monteiro, Presidente da Direção da adpBEJA há 18 anos (saiu da Presidência da adpBEJA em 1988 e no seu lugar foram Presidentes Barbosa Bentes e Joaquim Figueira Mestre. Foi novamente eleito para a Presidência em 1997) e Luciano José Caetano Rosa. Os restantes sócios fundadores, alguns faleceram entretanto ou simplesmente deixaram de pagar as quotas.

2.1.2 – Edifício sede da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

O *website* do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (www.monumentos.pt) dá como data da construção do edifício o século XX, encontrando-se o edifício registado como arquitetura residencial com o número IPA antigo PT040205150101. O edifício (ver Anexo II) está incluído na Zona Especial de Proteção do Castelo de Beja, com o Grau 5 – registo em pré-inventário com um preenchimento mínimo dos campos e pressupondo a existência de um registo iconográfico. O seu enquadramento é urbano, situando-se a poucos metros do emblemático café Luiz da Rocha, e de outros estabelecimentos comerciais, no Centro Histórico da cidade de Beja. Inicialmente, era utilizado como habitação residencial e a sua utilização atual é dividida, sendo sede da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, Associação Portuguesa de ex-combatentes Militares e da Associação de Antigos Alunos da Escola Comercial e Industrial de Beja. No rés-do-chão do edifício funcionam a Associação Portuguesa de ex-combatentes Militares e a Associação de Antigos Alunos da Escola Comercial e Industrial de Beja, ocupando a Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja o primeiro andar. O edifício dispõe de mais um andar, contudo este encontra-se devoluto²⁸.

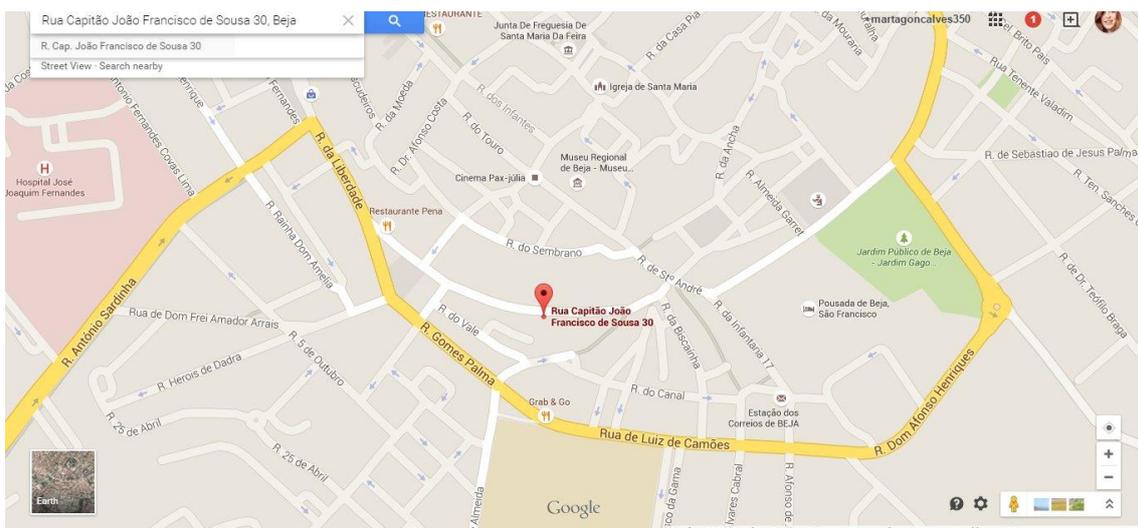


Figura 1 Sede da Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja.
Fonte: Google Maps.

²⁸ Ao tentar obter mais informação sobre o imóvel foi consultado também o *Inventário Artístico de Portugal* do distrito de Beja de Túlio Espanca, o autor não faz qualquer referência ao edifício.

2.2 – Descrição Formal e Organigrama

A Associação compreende diversos membros tais como: sócios – que se dividem em sócios efetivos e honorários, e os corpos gerentes.

-Sócios

Existem dois tipos de associados: os efetivos e os honorários

Efetivos: indivíduos no uso pleno do seu direito que colaboram ativamente na realização de atividades no âmbito da adpBEJA. Comprometidos ao pagamento de uma quota mensal com montante fixo, estes elementos podem perder o título de sócios na ausência desse pagamento.

Honorários: pessoas que, no domínio cultural, artístico e científico, tenham prestado à região de Beja serviços de excepcional relevância, sendo por tal convidados para sócios honorários.

-Corpos Gerentes

A adpBEJA é constituída por três unidades orgânicas:

Assembleia Geral: constituída por todos os sócios, é o órgão supremo da Associação. A mesa da Assembleia: tem por finalidade regular a ordem durante as Assembleias Gerais, e é formada por um Presidente, um Primeiro Secretário e um Segundo Secretário.

Direção: composta por um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e tantos Vogais quanto departamentos. Cabe à Direção pôr em prática as deliberações da Assembleia.

Conselho Fiscal: composto por um presidente, um Secretário e um relator, este Conselho tem por função acompanhar os atos administrativos da Associação.

A Mesa da Assembleia, a Direção e o Conselho Fiscal cumprem um mandato de um ano, são eleitos por voto secreto, podendo ser reeleitos.

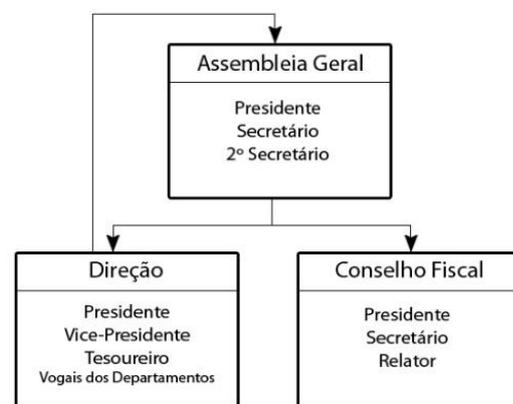


Figura 2 Organigrama dos Corpos Gerentes da adpBEJA
Fonte: <http://www.adpbeja.pt/index.php/a-associacao/descricao-formal>

2.3 – Atividades e Projetos

As atividades realizadas pela Associação de Defesa do Património (Ver Anexo X) incluem um vasto leque de áreas de atuação, ao longo dos seus 36 anos de existência. Ressaltam as seguintes atividades que ocorreram desde a criação da Associação: a organização da Festa das Maias, o Concurso de Cantares Alentejanos, Exposição de Mantas Tradicionais, Exposição de Olarias, mostra de Doçaria Conventual e Tradicional, Cavalhadas, Ciclo de Conferências sobre Arte Regional, Exposições Fotográficas temáticas, Animação de Rua, Mastros Populares e Festival do Azulejo de 2015. O Presidente da adpBEJA, efetua também visitas Guiadas pelos locais históricos do concelho. Incluem-se nestas visitas as efetuadas pelo Dr. Mário Soares. Antigo Presidente da República e o então Primeiro-ministro Aníbal Cavaco Silva, para além de outras a vários ministros e embaixadores estrangeiros em Portugal.

Capítulo II – A Cidade de Beja: contextualização histórico-geográfica

A cidade de Beja pertence à região do Alentejo e constitui uma sub-região e capital do Baixo Alentejo. Sendo a região do Alentejo a mais extensa de Portugal (com 1. 246,44 km² de área²⁹) o município de Beja é subdividido em doze freguesias, duas das quais – União de Freguesias de Salvador e Santa Maria da Feira e União de Freguesias de São João Batista e Santiago Maior – localizam-se dentro da cidade. As restantes dez freguesias pertencem às aldeias e vilas ao redor de Beja³⁰.

1 – A cidade de Beja: elementos para a sua história

Geralmente, atribui-se a fundação da cidade de Beja ao povo Romano que lhe deu o nome de *Pax Julia*. Atualmente, existem dúvidas sobre essa tese corroboradas pela importante descoberta dos vestígios de uma poderosa fortificação da Idade do Ferro localizada na Rua do Sembrano, que se presume ser do tempo dos Cúneos, “*a que se seguiu a ocupação céltica,(...) que parece corresponder a restos da muralha de uma cidade pré-romana que bem pode ser a nossa demandada Conistorgis.*”³¹



Figura 3 Muralha da Idade do Ferro localizada in situ no Museu do Sembrano. 2014
Fonte: Marta Gonçalves.

²⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja> (Consultado a 27 de maio de 2015).

³⁰ Até 2013 a cidade de Beja era constituída por dezoito freguesias, mas após a nova reorganização administrativa do território das freguesias ter entrado em vigor, hoje em dia conta apenas com doze freguesias. Não sendo necessário a extinção de freguesias, mas sim a sua junção.

³¹ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade. Tomo I*, p.38.

Conistorgis corresponde a uma cidade constantemente mencionada na publicação de Manuel Casteleiro de Goes³² sobre a cidade de Beja, que muitos consideram ser a mais fidedigna em relação às fundações da cidade. No capítulo dedicado às origens da cidade de Beja o autor cita Frei Amador Arraes e um manuscrito que o mesmo redigiu intitulado *Antiguidades da Lusitânia* que descreve algumas batalhas entre Lusitanos e Romanos, e onde é referido que o povo Cuneo “(...) que era nas comarcas do condado de Niebla guerreandoos asperamente porque eram obedientes aos Romanos. Conquistaram a poderosa cidade Cunistorgi, & passaram destruindo tudo, té Gibraltar”³³.

Através deste precioso achado constata-se assim que Pax Julia não foi fundada originalmente pelo povo Romano, e que as paredes de muralha encontradas seriam demasiado fortes para pertencerem a um simples castro ou refúgio de pastores, pertencendo por isso a uma espaçosa fortificação³⁴ da Idade do Ferro. Casteleiro de Goes defende que este facto vem demonstrar que a cidade de Beja já era de importância, antes de se tornar uma colónia Romana. Esta tese coloca a fundação da cidade cerca de 400 anos a. C. após a ocupação Céltica; os Cartagineses estabelecem-se na região no século III a. C antes da sua derrota e expulsão da Península Ibérica pelo povo Romano, que ainda durante o século II a.C. iniciou a romanização das populações locais, depois de expulsarem com sucesso todos os restantes povos da Península Ibérica. Assim, esta cidade que passa a ser unificada sob domínio romano recebe o nome de *Pax Julia* (significado em latim para a Paz de Júlio – Júlio César, o general Romano responsável pela queda da República Romana e ascensão do Império Romano). Durante a ocupação Romana, a cidade de *Pax Julia* prospera, pois os romanos souberam não só tirar partido das riquezas naturais que a região oferecia³⁵, como da sua importância estratégica. Também designada como *Pax Augusta* e integrada na província Lusitânia (com a capital em Mérida uma das três regiões administrativas que organizaram a Península Ibérica), a cidade era capital de um dos três *conventus juridicus* (circunscrições territoriais jurídico-administrativas em que se subdividiam as províncias) que existiam no território Português abaixo do rio Tejo,

³² Manuel Lourenço Casteleiro de Goes é um ilustre Bejense, oriundo da aldeia de Nossa Senhora das Neves. Licenciou-se em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa e foi dirigente do Quadro Técnico Superior da Segurança Social de Beja durante mais de dez anos. Foi também Vereador do Município de Beja e é autor de vários trabalhos relacionados maioritariamente com a história da cidade de Beja.

³³ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade. Tomo I*, p. 25.

³⁴ Facto corroborado pelas dimensões perimétricas do terreno.

³⁵ A região de Beja possuía e possui até à data um importante conjunto de recursos mineiros, com várias minas exploradas desde a antiguidade; solos férteis para a prática da agricultura e pecuária.

no sul (ALDEGALEGA; 2015)³⁶. Desta forma reconhece-se a importância de Beja com um estatuto administrativo e jurídico de elevada importância na região. Exemplo dessa importância são os inúmeros vestígios encontrados pela cidade da ocupação Romana. Em 2009 foi escavado um templo Romano, localizado por baixo da atual Praça da República, que se sabe ser um dos maiores templos da Península Ibérica. Apesar de esta descoberta ter mais de 70 anos, a sua localização torna a investigação difícil³⁷. Vários autores mencionam a importância da ocupação Romana para a cidade. Citemos Abel Viana:

*“É pela mão de Júlio César que Beja transpõe o pórtico da História. E que triunfal entrada! Ascendida à categoria de colónia, usufruindo do direito itálico, sede de um convento jurídico, Beja desde logo se transforma em uma das mais fulgentes realizações da expansão latina. Os imperadores acarinhavam-na. Augusto, no vigésimo quarto ano antes de Cristo, ou seja, pouco depois dela ter saído mimada das mãos de Júlio César, toma-a para cabeça de uma das quatro chancelarias da Lusitânia, o que lhe importava ser, na organização administrativa, uma das principais cidades desta província.”*³⁸

Ao redor da cidade era comum a quem deambulava pelas estradas do Império Romano presenciar a grandeza das *villae*, moradias rurais cujas edificações formavam propriedades agrícolas. Dessas propriedades geralmente saíam produtos destinados a abastecer os mercados urbanos ou para exportação através do Mar Mediterrâneo, alcançado a partir de Mértola, pelo Guadiana. Conhecem-se também, os produtos que a região mais exportava – o trigo, o vinho e a azeitona, componentes fundamentais da alimentação dos povos que habitavam o Mediterrâneo. O mais famoso – e quase intacto – exemplo de uma *villae* romana pode ser encontrada a cerca de 5km de Beja, na estrada para Aljustrel: a *villae* de Pisões. Esta *villae*³⁹ engloba um complexo termal completamente apetrechado de mosaicos que, nos dias de hoje, se encontra exposto, sem qualquer proteção.

³⁶ ALDEGALEGA, Rui - *Roteiro Histórico de Beja*, p. 7.

³⁷ <http://ensina.rtp.pt/artigo/templo-romano-beja/> (Consultado a 15 de junho de 2015).

³⁸ VIANA, Abel – *Origem e Evolução Histórica de Beja*, p. 10.

³⁹ A *villae* Romana de Pisões encontra-se correntemente fechada ao acesso do público, sendo apenas visitável mediante visitas guiadas marcadas.

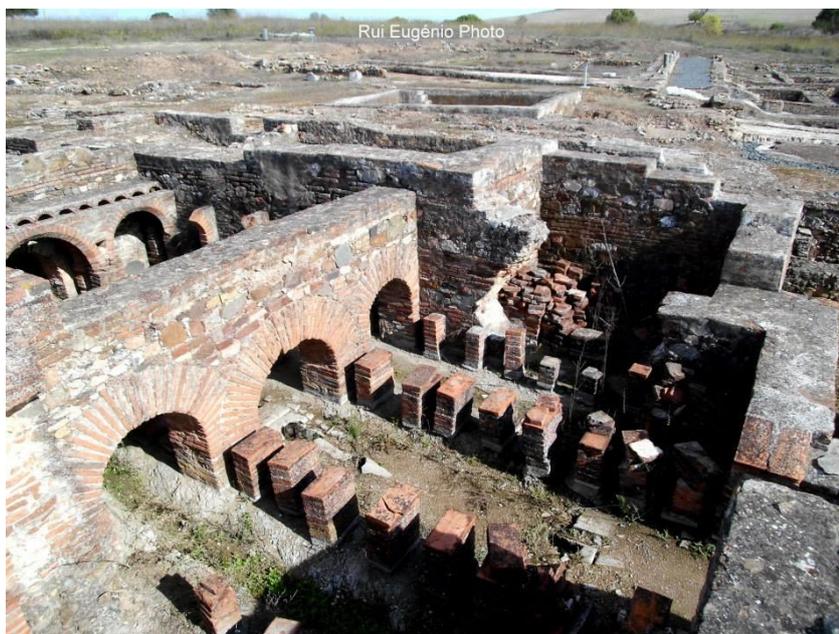


Figura 4 Perspetiva do sítio da villa Romana de Pisões.
Fonte: Rui Eugénio

Após a queda do império Romano em 476 d.C. (século V) vários povos dominaram a cidade, nomeadamente os Visigodos, que deixam inúmeros vestígios da sua ocupação na cidade⁴⁰. O processo de ocupação do povo Visigótico decorre desde o século V d.C. até ao século VIII, e apesar de introduzir algumas mudanças económicas na cidade, não altera a sua importância política e jurídica. Beja mantém-se como sede de um bispado (cujos bispos participam em concílios em Toledo, capital do novo reino Visigótico durante os séculos VI e VII). Cerca de três séculos depois do final da ocupação romana dá-se a ocupação da Península Ibérica pelos muçulmanos e a cidade de Beja é ocupada desde o ano 714 até ao ano 1162 (século XII). Não há dúvidas de que a ocupação muçulmana contribuiu para o florescimento e desenvolvimento da cidade; contudo, Casteleiro de Goes trata este capítulo da história de Beja como um erro indesculpável por parte dos historiadores, a falta de informação que existe sobre os efeitos do período árabe na cidade: “*A história da cidade de Beja sob a dominação árabe tem andado envolta numa perturbadora atmosfera de relativo mistério e indesculpável ignorância. Hoje em dia quase somos levados a crer que se pretendeu apouca-la (...).*”⁴¹ Durante a ocupação Muçulmana a cidade esteve sob o domínio do Califado de Córdoba e pelo povo dos Abáidas do Reino de Taifa, provenientes da vizinha Espanha. Apesar da relativamente pouca informação que existe sobre a cidade durante os mais de 400 anos de ocupação

⁴⁰ Os vestígios da ocupação Visigótica podem ser visitados na exposição do Núcleo Visigótico na Igreja de Santo Amaro, perto do Castelo de Beja.

⁴¹ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade. Tomo I*, p. 143.

muçulmana, sabe-se que este povo alterou o nome da cidade para Baja ou Beja. Não obstante a ocupação muçulmana, ainda nestes moldes a cidade mantém-se como uma das mais importantes do ocidente do Al-Andalus. Também aqui nasce o terceiro e último Rei da dinastia abádida, Al-Mutamid o mais famoso poeta do Al-Andalus; apesar de o resto da sua vida ter sido passada em terras Algarvias, este Rei Árabe continua a ser uma figura associada à cidade de Beja. Se não existe muita produção escrita sobre a ocupação árabe na cidade de Beja, os vestígios arqueológicos, por outro lado, contam uma história diferente. Durante a primeira metade do século XXI é descoberta uma das maiores necrópoles Islâmicas em Portugal, na cidade de Beja, quando se procediam a obras na Escola Secundária Diogo de Gouveia. Sabe-se que a área descoberta é a de uma necrópole devido aos cerca de 250 esqueletos encontrados no local, pelos arqueólogos⁴². No século XII o país é dividido pelo processo da reconquista cristã que vem do Norte de Portugal, expande-se para o Sul, engolindo o domínio Al-Andalus. As sucessivas batalhas entre o exército cristão e muçulmano prolongam-se durante quase um século (entre conquistas e reconquistas de territórios) até a cidade ser integrada em definitivo por D. Sancho II no século XIII no reino de Portugal. Devido aos efeitos das lutas entre os dois povos, a cidade encontra-se terrivelmente destruída e despovoada. Também as rotas comerciais sofrem uma perda grave, com a ligação ao Mediterrâneo (que proporcionou uma vida mais dinâmica à cidade por meio do comércio) destruída. Depois da conquista de Beja por D. Sancho II cabe a D. Afonso III repovoar Beja, concedendo-lhe o foral de cidade em 1252, e inicia-se assim a dispendiosa tarefa de reconstruir a cidade. A reconstrução da cidade é feita de acordo com os moldes da época e com as novas necessidades religiosas e políticas, que dominavam o poder medieval. Assim, nas torres e telhados das igrejas cristãs substituem vestígios dos minaretes das mesquitas islâmicas, ao mesmo tempo que o castelo e respetivas muralhas funcionam não só como defesa dos habitantes de Beja, mas igualmente como afirmação do poder dos monarcas em Portugal. (CORREIA, Susana. ALDEGALEGA, Rui: 2015)⁴³

No século XIV, Beja viu a remodelação do castelo (ver Anexo XIII), em 1310, e a construção da sua imponente Torre de Menagem, ou “torre de Homenagem”⁴⁴, edificada a poente da cidade, com a altura soberba de 40 metros, o que faz dela a maior torre do género de Portugal, de onde se desfruta de uma vista magnífica sobre os arrabaldes da

⁴² <http://noticias.sapo.pt/infolocal/artigo/1128831> (Consultado a 15 de junho de 2015).

⁴³ ALDEGALEGA, Rui; CORREIA, Susana - *Roteiro Histórico de Beja*, p.15.

⁴⁴ CANELAS, Carlos – *Beja e as suas Fortificações*, p. 5.

cidade e os campos circundantes. Quanto à estrutura de muralhas não se sabe bem se esta aproveita partes dos antigos muros defensivos da época muçulmana (ver Anexo XI), mas crê-se que o estilo demarcado é uma renovação do gótico, que em Portugal tem o seu início no século XIII. Também de estilo gótico são os templos que surgem pela cidade, alguns mais antigos sobrevivendo desde a Antiguidade Tardia como é o caso da Igreja de Santo Amaro, perto do castelo – onde hoje se pode visitar o Núcleo Visigótico do Museu Regional (ver Anexo XII) – e com a Igreja de Santa Maria (apelidada de Santa Maria da Feira por se fazer a Feira de São Lourenço e Santa Maria no seu largo) e o Convento de São Francisco – hoje Pousada de São Francisco.



Figura 5 Torre de Menagem do Castelo de Beja. 2014.
Fonte: Marta Gonçalves

uma magnífica coleção de azulejos. A par do Convento, os Duques de Beja fundaram também uma casa para receber os doentes e peregrinos, e que em 1490 seria inaugurado

Chegada a segunda metade do século XV e primeira metade do século XVI a cidade de Beja é palco de grandes transformações, por influência dos Duques de Beja⁴⁵. Aos Duques de Beja deve-se a construção do Convento de Nossa Senhora da Conceição, que havia de se tornar numa das instituições monásticas mais ricas da cidade (CORREIA, Susana. ALDEGALEGA, Rui: 2015)⁴⁶ Apesar de grande parte do edifício ter sido demolido em finais do século XIX com a supressão das ordens monásticas, o mesmo ainda conserva os seus traços originais, onde se observam em harmonia os estilos gótico e manuelino. Por dentro, a igreja é revestida em talha dourada e o claustro conta com

⁴⁵ Os Duques de Beja da altura eram o Infante D. Fernando (primeiro duque de Beja) irmão do rei D. Afonso V, e esposo de Dona Brites. Os Infantes eram pais da Rainha Dona Leonor, consorte do rei D. João II. Anos mais tarde o ducado de Beja pertenceria a D. Manuel, viria a ser reinar em Portugal como D. Manuel I em finais do século XV.

⁴⁶ ALDEGALEGA, Rui; CORREIA, Susana - *Roteiro Histórico de Beja*, p.19.

como Hospital de Nossa Senhora da Piedade⁴⁷ (ou Hospital da Misericórdia), pelo rei D. Manuel I, em funcionamento até aos anos 70 do século XX, quando foi projetado o Hospital José Joaquim Fernandes. Durante o reinado de D. Manuel I, Duque de Beja, o urbanismo em Beja tem o seu auge com a construção de novos arruamentos, casas e praças como a criação da nova Praça D. Manuel I (hoje em dia conhecida como Praça da República), onde mais tarde se irão centrar os Paços do Concelho e os edifícios administrativos. No topo da Praça, manda D. Luís – quinto Duque de Beja – construir a Igreja da Misericórdia, no século XVI, e que originalmente deveria ter sido um açougue. O sucesso e estética do edifício levaram a que o projeto inicial de se instalar lá o açougue da cidade fosse abandonado, e após algumas obras de adaptação, transformou-se em Igreja.



Figura 6 Convento de Nossa Senhora da Conceição e Paço dos Infantes demolido em 1895.

Fonte: página de Facebook Beja em Imagens.

Do mesmo período de construção e relevantes para a cidade são a Igreja de Santo André (hoje Ermida de Santo André situada numa das entradas da cidade) e a Igreja de Santiago (que fica ao lado do Castelo) edificada no século XVI e adaptada a Catedral em 1932. Entretanto, o século XVII irá ser marcado na Europa pelo movimento da Contrarreforma, o qual não afetou religiosamente o reino de Portugal que se manteve sempre fiel à Igreja Católica; no entanto, a cidade iria ser influenciada pela tipologia arquitetónica e a paisagem urbana. Este período marcará o uso de talha dourada nas

⁴⁷ O antigo Hospital de Nossa Senhora da Piedade abriga hoje a Escola Profissional Bento de Jesus Caraça de Beja e um pequeno Museu dedicado ao espólio do Hospital, que encerrou em abril de 1970.

igrejas (exemplo disso é a Igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição, atual Museu Regional) bem como o revestimento de azulejos, sobretudo de manises e hispano-árabes – do qual também o Museu Regional possui um vasto espólio no seu claustro, onde viveu Mariana Alcoforado.



Figura 7 Museu Regional de Beja. Antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição. 2013
Fonte: Diário do Alentejo.

No século XVII surge em Paris no ano de 1669 a publicação das *Lettres Portugaises*, um conjunto de cartas de amor dirigidas ao Marquês de Chamilly⁴⁸. Com o século XVIII chega a Revolução Francesa e, no início do século XIX, a cidade de Beja é novamente vítima de destruição e saques. Sobre esta calamidade, o Coronel Jean-Andoche Junot, duque de Abrantes, relata: “*Já não existe Beja, seus criminosos habitantes foram passados a fio de espada e as suas casas entregues à pilhagem e ao incêndio*”⁴⁹. Beja nesta altura é, segundo o afirmam alguns autores, uma cidade desgastada e envelhecida (FAIÃO: 2015)⁵⁰, e se esta imagem melancólica afasta cada vez mais a cidade dos seus tempos áureos em que era palco de inúmeras visitas de reis e da

⁴⁸ Pensa-se que estas tenham sido escritas por uma famosa freira de Beja. O Dr. Leonel Borrela, oriundo do Algarve e a viver em Beja há vários anos, é licenciado em História e Arqueologia pela Universidade de Évora. É um dos maiores colecionadores da obra de Madre Mariana Alcoforado e tem vários blogues sobre a história da cidade, entre eles *Cartas Portuguesas, Beja dos Tempos Idos e Beja Cidade Monumental*. Escreveu também uma crónica, *Iconografia Pacense* no periódico Diário do Alentejo. Em 1995 Leonel Borrela publica a sua obra, sobre o Castelo da vila de Portel, *O Castelo de Portel: alguns subsídios para a sua História*.

⁴⁹ ARGEL, David; MARQUES, Helena Guerreiro – *Quatro décadas de Beja uma busca das bruscas transformações 1950-1989*, p. 10.

⁵⁰ FAIÃO, Manuel - *Roteiros Históricos de Beja*, p. 28.

corde, quando o Convento de Nossa Senhora da Conceição estava no auge da sua magnificência, então a onda destruidora que se faz sentir a seguir dará um golpe misericordioso no Património artístico da cidade. A vívida descrição do que acontece no século XIX é-nos dada, mais uma vez, pelos autores David Argel e Helena Guerreiro Marques:

“ *Fomentam-se então diversas obras dentro da cidade, com o alargamento e a pavimentação de vários largos e ruas, não tendo havido nenhuma relutância em construir nos espaços de ouro do recinto amuralhado, à custa da demolição de um património monumental que Beja chora ainda hoje: é o Palácio dos Infantes⁵¹; é a Casa dos Corvos ou de Aladin⁵²; é o Convento da Esperança; e é a maior parte do Convento da Conceição, onde a célebre Mariana Alcoforado foi monja. Vivia-se então o surto demolidor desse tempo em que «tudo o que pudesse recordar o mundo extinto era considerado feio, reacionário, carecido de substituição radical»⁵³”⁵⁴. A juntar à extensa lista de edifícios destruídos destaca-se também a Porta de Mértola -apesar de a zona onde estava situada ainda ser apelidada dessa forma. A Porta de Mértola fazia parte de um conjunto total de sete portas⁵⁵ pelas quais se fazia o acesso à cidade intramuros desde a época Romana. Esta onda de demolições deve-se ao Visconde da Ribeira Brava, que foi durante pouco tempo o Governador Civil da cidade.*

Os anos 20 do século XX representam um período onde se fazem grandes mudanças de modo a tornar a cidade funcional para as novas exigências da época. As vias férreas são aumentadas com a ligação em 1902 feita ao ramal de Moura e em 1906 a ligação ferroviária a Vila Real de Santo António, o que permite uma maior facilidade das deslocações e traz mais dinamismo à cidade. Em 1923 é inaugurado o serviço de abastecimento de água da cidade, tirando-se proveito da construção de um grande

⁵¹ O Palácio (ou Paço) dos Infantes era a residência oficial dos Duques de Beja, anexo ao Convento de Nossa Senhora da Conceição. Foi demolido em 1895, juntamente com grande parte do Convento que se apresentava em ruínas devido a falta de manutenção por parte das religiosas que lá habitavam. A última freira falece em 1892 e juntamente com a supressão das Ordens Religiosas o Convento fecha portas. <http://digitarq.adbja.arquivos.pt/details?id=1056508> (Consultado a 18 de junho de 2015).

⁵² A Casa dos Corvos (ou Palácio Árabe de Aladino) era, segundo o autor Abel Viana um edifício junto à Igreja de Santa Maria. Apesar de não haver registo sobre o edifício demolido em 1892, o autor escreve que um exemplar de janela mainelada se encontra na Praça de Armas do Castelo.

⁵³ Citação de José Hermano Saraiva, da obra *O Tempo e a Alma*, da editora Circulo de Leitores, de 1986 vol.2, p. 68.

⁵⁴ ARGEL, David; MARQUES, Helena Guerreiro – *Quatro décadas de Beja uma busca das bruscas transformações 1950-1989*, p. 10.

⁵⁵ O acesso das vias Romanas à cidade fazia-se pela Porta de Évora, Porta de Avis, Porta de Moura, Porta de Mértola, Porta de Aljustrel, Porta de Nossa Senhora dos Prazeres e Porta Nova ou de São Sesinando.

reservatório de água, que ainda está em funcionamento (FAIÃO: 2015)⁵⁶. Passados três anos, inaugura-se o abastecimento de energia elétrica, serviços de que a cidade carecia. Em 1927 é reaproveitado o que resta do outrora majestoso Convento de Nossa Senhora da Conceição como Museu Regional – ou Museu Rainha Dona Leonor – e é conservada a janela de onde alegadamente freira Mariana Alcoforado via o seu amado, para que os turistas e a população possam experienciar o realismo desta história de amor. Este reaproveitar de edifícios abre caminho às construções modernas que se seguem, ainda antes da revolução de abril de 1974. Constrói-se o Liceu em 1934, o edifício dos Correios em 1939, o Palácio do Governo Civil e o Seminário Diocesano em 1940, a Junta de Província em 1946 – que funciona hoje como sede da Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo – a agência do Banco de Portugal em Beja em 1948, o Palácio da Justiça em 1951, e o Estádio Municipal em 1953 juntamente com a nova versão dos Paços do Concelho (atual Câmara Municipal de Beja) que ardera em 1947. (ARGEL, David. MARQUES, Helena Guerreiro: 1990)⁵⁷ Para colmatar a falta de espaços de lazer, constrói-se em 1929 o Parque Vista Alegre (cinema ao ar livre, do qual apenas resta a entrada), o Cine-Teatro Pax Julia (após obras de remodelação) em 1952, a Gare Rodoviária em 1966 e num terreno a escassos metros no mesmo ano, a Piscina Municipal e o Mercado Municipal e a Biblioteca Municipal José Saramago em 1993.

O século XX demonstra ser proveitoso para o nascimento de edifícios complementares aos serviços que faltavam em Beja e não só. Ainda nos anos 40 a cidade expande-se por meio da criação de novos bairros num período de cerca de três anos, (FAIÃO: 2015)⁵⁸ A nova visão urbanística da cidade vem também criar novos largos e praças, e apostar em espaços limpos e verdes, que tanta falta faziam no calor de Beja. Esta visão inovadora reflete-se também nos Planos Gerais de Urbanização devidamente cartografados, de 1949, 1954, 1967 e 1974. Estes planos estabelecem as regras de zoneamento, expansão e proteção da cidade. Aqui podemos testemunhar, devido a estas medidas, o crescimento da cidade, que ocupava em finais do século XIX 55ha, passando rapidamente para os 160ha em 1967. Sabe-se que apesar do rápido crescimento verificado

⁵⁶ FAIÃO, Manuel - *Roteiros Históricos de Beja*, p. 34.

⁵⁷ ARGEL, David; MARQUES, Helena Guerreiro – *Quatro décadas de Beja uma busca das bruscas transformações 1950-1989*, p. 11.

⁵⁸ FAIÃO, Manuel - *Roteiros Históricos de Beja*, p. 38.

na expansão da cidade, esta tem perdido cada vez mais habitantes, como se verifica no gráfico representado, retirado do documento Diagnóstico Social do Concelho de 2013:

	1981	1991	2001	2011
Concelho de Beja	38.246	35.827	35.762	35.734
Distrito de Beja	188.420	169.438	161.211	126.602

Tabela 1 População residente na região de Beja. Dados obtidos nos Censos de 2011

Desde 1981 até aos últimos Censos em 2011 denota-se um decréscimo drástico da população no distrito, fator que pode ser atribuído à desertificação do interior sul do país. Entretanto, é criado o campus Universitário da cidade na periferia de Beja com o Instituto Politécnico de Beja que compreende a Escola Superior Agrária de Beja, a Escola Superior de Educação, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão e a Escola Superior de Saúde. Todas as instituições combinadas contam com um total de cerca de dois mil alunos⁵⁹. Entre 2001 e 2004 o século XXI traz à antiga cidade de Beja as novas obras do programa Polis⁶⁰ que se centrarão em 13 projetos de intervenção em áreas urbanas da cidade: pedonização do Centro Urbano; condicionamento do trânsito automóvel no Centro Histórico; realocação de estacionamento no Centro Histórico; ampliação do “pulmão” verde da cidade; modernização do desenho e equipamentos urbanos. Este plano atuou em áreas como a Praça da República, Praça Diogo Fernandes, Avenida Miguel Fernandes, criação de espaços verdes na cidade e criação do Núcleo Museológico da Rua do Sembrano.

⁵⁹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Polit%C3%A9cnico_de_Beja (Consultado a 19 de junho de 2015).

⁶⁰ O Programa POLIS (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades) nasceu através da Resolução do Conselho de Ministros nº 26/2000 de maio de 2000 com o intuito de implementar medidas excepcionais em matéria de requalificação urbana e de valorização ambiental das cidades Portuguesas, tendo sempre presente a importância de melhorar a competitividade das cidades, reforçar o seu papel na organização do território e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. O Programa foi implementado num grupo inicial de 18 cidades eleitas pelo seu potencial para o prosseguimento de intervenções de natureza exemplar e demonstrativa.



*Figura 8 Núcleo Museológico da rua do Sembrano onde existem vestígios arqueológicos in situ.
2014.
Fonte: Marta Gonçalves.*

2 – Património Cultural local

No *website* da Direção-geral do Património Cultural (www.patrimoniocultural.pt) são 17 os imóveis classificados no distrito de Beja.

Classificados como Monumento Nacional (MN) são oito: a Área Arqueológica da Quinta da Suratesta classificada através do Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977; o Arco Romano de Beja classificado através do Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910; o Castelo de Beja concretamente a sua Torre de Menagem classificado através do Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910; a Ermida de Santo André classificado através do Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910; a Igreja da Misericórdia classificada através do Decreto n.º 22 744, DG, I Série, n.º 142, de 27-06-1933; o antigo Hospital da Misericórdia classificado através do Decreto n.º 15/2006, DR, I série - B, de 6-06-2006; a Igreja de Nossa Senhora da Conceição classificada através do Decreto n.º 8 217, DG, I Série, n.º 130, de 29-06-1922; e a Igreja de Santo Amaro classificada primeiramente pelo Decreto n.º 22 744, DG, I Série, n.º 142, de 27-06-1933 e mais tarde através do Decreto n.º 27 398, DG, I Série, n.º 302, de 26-12-1936.

Classificados como Imóvel de Interesse Público (IIP) temos sete: a *Villae* Romana de Pisões classificada pelo Decreto n.º 251/70, DG, I Série, n.º 129, de 3-06-1970; a Igreja

de Santa Maria da Feira classificada através do Decreto n.º 42 255, DG, I Série n.º 105, de 8-05-1959; a Igreja de Nossa Senhora de Pé da Cruz classificada pelo Decreto n.º 45 327, DG, I Série, n.º 251, de 25-10-1963; o Pelourinho da Vila de Beringel classificado através do Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933; a Capela de Nossa Senhora dos Prazeres classificada através do Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977; o Pelourinho que se encontra na Praça da República de Beja classificado através do Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933; e a Sala dos Túmulos do Convento de São Francisco classificado pelo Decreto n.º 29 604, DG, Série I, n.º 112, de 16-05-1939.

Existe também um exemplar de categoria Imóvel de Interesse Municipal (IIM), a Igreja Paroquial de Santa Clara do Louredo, a cerca de 4 km da cidade de Beja classificada através do Decreto n.º 28/82, DR, I Série, n.º 47, de 26-02-1982. Também o Liceu Diogo de Gouveia, projetado pelo arquiteto Luís Cristino da Silva, se encontra classificado como Monumento de Interesse Público (MIP), pela Portaria n.º 269/2013, DR, 2.ª série, n.º 90, de 10-05-2013.

3 – Património Cultural Imaterial: as tradições

Apresentamos aqui algumas tradições (ver Anexo XIV) da cidade que resistiram ao tempo. Algumas como forma de distração após um longo dia de trabalhar os campos, numa época em que o convívio social ainda não contava com as redes sociais digitais ou com os meios de comunicação de massas.

- O Entrudo

Esta celebração de origem pagã subsiste ainda hoje nas pequenas aldeias não só em Beja, mas por todo o Portugal e no mundo. Esta festividade era celebrada sobretudo pelas comunidades rurais que, através de ritos agrários antigos, procurava assegurar as boas colheitas. Tratava-se de celebrar a passagem do inverno para a primavera com cerimónias recheadas de rituais supersticiosos⁶¹. Escreve Casteleiro de Goes que “*para facilitar a participação nessas práticas, os homens costumavam disfarçar-se de seres bravios cobrindo o corpo com peles de animais. Esses disfarces significavam que, por alguns dias, deixariam agir livremente os seus instintos*”⁶². Desta prática resta ainda a

⁶¹ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade*. Tomo II, p.534.

⁶² *Idem*, p.535.

fantasia das máscaras e os cânticos jocosos com que os populares presenteiam a população. Existe mesmo na aldeia de Entradas, perto de Beja, o festival anual *Entrudanças*, que dura três dias e conta com animações variadas que festeja o Entrudo por modo de danças e cantares tradicionais. É organizado pela Câmara Municipal de Castro Verde, pela Junta de Freguesia de Entradas e pela Associação Pédexumbo, que promove a música e danças tradicionais através de festivais.

- A Semana Santa

“À margem da liturgia cultural da Igreja, a devoção do povo pela Paixão de Jesus Cristo fazia com que no dia de Quinta-Feira Santa o camponês se remetesse à mais devota guarda dos preceitos cristãos não trabalhando na terra depois do meio-dia, em memória da agonia do Salvador na Cruz. Cavar a terra ou simplesmente mexê-la, simbolizava cavar o santo sepulcro; arrancar as ervas era agravar os tormentos do Nosso Senhor, fazer sangrar as suas santas chagas”⁶³.

A Semana Santa celebra a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo e inicia-se no Domingo de Ramos culminando após sete dias no Domingo de Páscoa. Em Beja, durante a Semana Santa são celebradas várias missas e procissões que têm lugar nas várias Igrejas que abundam pela cidade.

- As Maias

As Maias celebram-se a 1 de maio para marcar a chegada da primavera e o florir dos campos. Esta tradição, de origem pagã, enraizou-se por toda a Europa chegando mesmo a ser adotada pelo Catolicismo. Muito celebrada na região Norte de Portugal em que se enfeitam as janelas e as portas com os maios (uma espécie de lírios roxos). Em Beja, a tradição da menina vestida de Maia num trono com flores teve o seu auge nos anos 80 do século XX onde era comum ver-se em todas as esquinas da cidade estas crianças vestidas de branco⁶⁴.

- Quinta-Feira de Ascensão

Neste dia se celebra a subida de Jesus Cristo ao céu, após ter ressuscitado, quarenta dias depois da celebração do Domingo de Páscoa. Casteleiro de Goes defende que este

⁶³ *Ibidem.*

⁶⁴ A tradição das Maias será tratada minuciosamente no Capítulo IV.

acontecimento deu origem ao costume de se sair de casa para os campos e adorar a gloriosa Hora Solene⁶⁵ junto da natureza. Assim se começou também a tradição de colher a espiga que se pendurava por trás da porta de casa como um amuleto de colheitas fartas e boa sorte. O ramo que ainda hoje adorna as casas alentejanas consiste em espigas de trigo de número ímpar que simbolizavam o pão; malmequeres brancos e amarelos como que a pedir ouro e prata; folhas de oliveira que simbolizam o azeite e as papoilas vermelhas que são associadas à alegria. O feriado da cidade de Beja celebra-se neste dia, o que faz com que todos os anos este dia seja um acontecimento celebrado em família, onde a população sai para apanhar as flores campestres. O dia está também assinalado no folclore regional, com modas alentejanas dedicadas a este tema.

- Festa do Santíssimo Sacramento

A grandiosa Festa do Santíssimo Sacramento, apesar de muito antiga, já não se realiza na cidade de Beja. Consta nos arquivos do antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição – hoje Museu Regional de Beja – e foi instituída pela sua benfeitora, dona Beatriz ou Brites, esposa de D. Fernando que detinha o ducado de Beja. Esta festa ocorria em memória de um milagre que teve lugar nas proximidades do Convento, na Igreja de Santa Maria da Feira, o qual Casteleiro de Goes reproduz fielmente, de acordo com o testemunho escrito adaptado dos arquivos do Convento: *“(...) a esta casa é concedido breve de Sua Santidade para que na Ressurreição da Páscoa saia o Santíssimo Sacramento da sua igreja acompanhado de toda a clerezia e oficiais da Câmara com todo o povo e foi concedido esta breve por razão de acontecer que estando um dia de Endoenças na igreja de Santa Maria freguesia da vila, que ainda então não era cidade, de se encerrar o Santíssimo Sacramento se ateou fogo no sepulcro ao que acudiu uma destas beatas e com ânimo varonil se meteu por entre o fogo e tomou o cofre do Santíssimo Sacramento e o trouxe à sua ermida dando disso conta à Infanta a qual mandou que nela se deixasse estar e que ao dia de Páscoa viessem os clérigos da dita igreja e fossem com todos os mais em procissão, e assim, para que ficasse sempre em costume, houve breve de Sua Santidade, o qual se não acha mas a posse só a sustenta neste foro ainda hoje em dias. (...)”*⁶⁶.

A Festa do Santíssimo Sacramento, tal como havia sido ditado pela Infanta dona Beatriz,

⁶⁵ A Hora Solene é, segundo a tradição Católica, quando o Sol atinge a sua altura máxima ao meio-dia. É neste período que se celebra a Ascensão de Jesus Cristo.

⁶⁶ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade*. Tomo II, p.539.

foi sempre um acontecimento de luxo na cidade de Beja, até se perder em 1910. No século XX esta grande festa voltaria a realizar-se, mas apenas temporariamente, pois no século XXI não há indicação de que se tenha realizado mais alguma edição das Festas do Santíssimo. Durante a passagem da procissão do Santíssimo, era frequente ver-se as portadas e sacadas das casas adornadas com flores, pois as ruas eram propositadamente limpas na véspera da procissão.

- Festa de São João

A tradicional Festa de São João que decorre em Portugal de Norte a Sul, onde se celebra este santo com os tradicionais mastros populares, ainda é uma constante na cidade de Beja. Durante o mês de junho, por toda a cidade são realizados mastros onde a população dança ao som da música popular. O mais popular é sem dúvida o mastro organizado pelos moradores do Bairro Social, que dura até ao primeiro fim-de-semana de julho e reúne famílias inteiras para comer a tradicional sardinha no pão.

- A Cavalgada da manhã de São João

A Cavalgada de São João Batista – ou cavalhada como é conhecida – é uma das tradições mais antigas em Portugal, ligada á Igreja Católica. Com mais destaque no Norte do País, sobretudo na vila de Óbidos desde o século XV, estas manifestações consistiam em voltas ou rondas de cavaleiros. Apesar de esta tradição ter também tido lugar ocasionalmente em Beja, mais pormenores e detalhes não são conhecidos, além dos narrados por Maria João Toucinho e Joaquim Figueira Mestre, que reproduziremos no Capítulo IV do presente Relatório de Estágio.

- A Ceia do Espeto

Esta longínqua tradição, que tal como tantas outras não sobreviveu ao passar dos tempos e ao esquecimento da população, era um evento gastronómico que tinha lugar na terça-feira gorda (dia do ciclo do Entrudo). Casteleiro de Goes explica que este evento tinha lugar na chamada Sociedade do Espeto – nome dado durante esses encontros à Sociedade Bejense fundada em 1854. Este encontro tratava-se de uma festa de elite e consistia num farto banquete oferecido por um dos organizadores a todos os outros convidados. Este convívio era denominado de “*festa do clube dos ricos*” e por receber esse título menos favorável, o anfitrião de 1915 decide “*oferecer um bodo de 400 réis a*

trezentos pobres da cidade”⁶⁷. Apesar de não constituir uma tradição propriamente dita da cidade de Beja, era considerada tradição, mesmo assim, pois era nesta festa que a alta sociedade apresentava as suas debutantes (raparigas em idade de escolher um pretendente). Também na dita “sociedade do espeto” se realizavam nos anos 30 e 40 do século XX e com grande luxo os “bailes do alfinete e do palito”. Estes não eram mais do que bailes de carnaval onde as damas se apresentavam aos cavalheiros. Casteleiro de Goes afirma através de uma nota do Diário do Alentejo nº 1153 de 1936 que o Baile do Alfinete era o baile das senhoras solteiras, enquanto que o Baile do Palito era o dos cavalheiros, e a estes encontros se dava o nome de “palitadas”.

- A Festa do Galo

A Festa do Galo é a única festa genuinamente bejense, inventada por um grupo de estudantes do Liceu Diogo de Gouveia. Mais uma vez, a origem é-nos explicada por Casteleiro de Goes que oferece um relato do Professor Luís Augusto de Campos Garcia de Abreu: “*Há uns anos, alguns rapazes roubaram, por brincadeira, um galo, e o dono avisou do furto a policia, que andou à procura dos gatunos, sem os encontrar, sujeitando-se a uma grande troça, que os rapazes lhe fizeram. A partir de então todos os anos se tem feito, no mês de março, a ‘Festa do Galo’*”. A Festa do Galo consistia num cortejo que partia da Praça da República, pelos estudantes do Liceu, que após darem uma volta à cidade, voltavam à Praça, onde era erigido um palanque e se leiloava um galo. Com o dinheiro do leilão do galo se fazia um banquete e eram lidos testemunhos de antigos alunos. Também esta tradição esteve esquecida em anos anteriores a 1950, para se recomeçar a fazer nesse ano. Em algum ponto da história, esta tradição cessou mesmo, caindo no esquecimento por muitos anos, até ser reavivada novamente por antigos alunos do Liceu Diogo de Gouveia em 2015.

As tradições em Beja atravessaram um período de dificuldade, algumas perderam muitos dos seus traços originais, outras cessaram de existir por completo, como é o caso da Cavalgada de São João Baptista e da Ceia do Espeto. Mantém-se a tradição de celebrar o Entrudo pelas aldeias do Concelho, como é o caso do Festival anual Entrudanças, na aldeia de Entradas, que já vai na 12ª edição. Celebrado também com mais destaque pelas

⁶⁷ GOES, Manuel Casteleiro - *Beja XX Séculos de História de uma Cidade*. Tomo II, p.556.

aldeias, as Festas de São João com Mastros e a tradicional sardinhada a acompanhar a música de baile – este ano deu-se destaque ao Cante Alentejano como forma de celebrar também nos Mastros. Alguns ainda existem em Beja, nomeadamente o Mastro do Bairro Social organizado pelos moradores do bairro, que dura todo o mês de junho, e o recente Mastro das Portas de Mértola, no Centro Histórico da cidade. A Semana Santa é celebrada ainda através de Missas, não só na cidade mas também nas outras localidades do concelho de Beja e na Quinta-Feira da Ascensão é costume ver-se pelas estradas e campos grupos de pessoas a apanhar o tradicional ramo de espiga para pendurar na porta de casa. Algumas tradições, que se perderam com o passar dos anos, estão novamente a regressar, aos poucos, e recuperando o seu formato original. Tal é o caso das Maias, que durante muitos anos eram feitas de modo espontâneo pela população e depois nos anos 80 do século XX pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja. Outro exemplo de iniciativas antigas que se estão a retomar, a Festa do Galo, organizada em 2015 pelos antigos alunos do Liceu de Beja.

Capítulo III – A importância das Feiras como espaços de sociabilidade na cidade de Beja

O presente capítulo aborda a relação das Feiras com a população da cidade de Beja e arredores, não só a sua importância no desenvolvimento socioeconómico mas especialmente a sua função enquanto espaços de sociabilidade. As Feiras datam de tempos remotos, muitas desde a Idade Média, e perduram até aos dias de hoje, daí que a sua relevância para as atividades económicas seja inegável.

1 – Elementos sobre a origem das Feiras em Portugal

Virgínia Rau, autora da obra *Feiras Medievais Portuguesas: subsídios para o seu estudo*, defende que as Feiras constituem um dos aspetos mais importantes da organização económica da Idade Média, e que surgiram da necessidade de promover a troca de produtos entre o homem do campo e o da cidade, constituindo o ponto de contacto entre produtor e consumidor concentrando a vida mercantil de uma época em que a circulação das pessoas e das mercadorias era dificultada pela falta de comunicações, pela pouca insegurança das jornadas e pelo excesso de portagens e peagens (RAU; 1983). Desde o seu início e até aos dias de hoje, as Feiras constituem um fenómeno económico que se manifesta da necessidade de troca de produtos, geralmente realizada num determinado lugar próprio (na atualidade com a criação dos recintos de Feiras) e numa data própria também. A importância das Feiras como um fenómeno económico e social está ainda associada ao fator religioso, sendo que o seu auge se deve também ao favorecimento por parte da Igreja Católica, devido à propensão de romarias, peregrinações e todas as Festividades Religiosas que atraíam peregrinos e comerciantes vindos de longe, transformando estas reuniões em centros de troca. Assim, é comum que a maioria das Cartas de Feira Portuguesas unam a data da Feira com alguma festa religiosa, como é o caso da Páscoa, a Natividade da Virgem, o Corpo de Deus ou o dia de São Pedro, São Miguel, São João, Santa Iria ou São Bartolomeu. Existe também a indicação de que muitas Feiras se realizavam junto a algum tipo de capelas ou igrejas particularmente veneradas⁶⁸. Apesar de, no início, a Igreja ter protegido a realização de Feiras e mercados, desde cedo também expressou a sua opinião de que as Feiras e certames não se realizassem ao Domingo, dia dedicado ao serviço de Deus e ao descanso semanal. Esta

⁶⁸ RAU, Virgínia – *Feiras Medievais Portuguesas Subsídios para o seu estudo*, p. 34.

pressão inicia-se desde cedo, no final do século XIV, com relatos existentes datados de 1332 em que por imposição do Bispo de Lamego, foi proibido o mercado dominical em Lamego, e em 1408 D. João I transfere o mercado para a primeira segunda-Feira de cada mês. Tal imposição continuará durante o reinado do rei D. Afonso V (de 1448 a 1477), proibindo-se até a realização das Feiras ao domingo sob pena de excomunhão, prática levada a cabo pelo Prior de Coimbra. Durante anos houve também a ideia de que as Feiras e mercados originaram as primeiras aglomerações entre os séculos X e XI, em que o mercado seria o núcleo primário da cidade, tese defendida por vários historiadores como Sohm e Huvelin. Tese também defendida por André Pomponet na sua comunicação *O Futuro das Feiras Livres*⁶⁹ de 2009, que refere que as Feiras contribuíram mesmo para o florescimento de algumas das maiores cidades europeias modernas, que se organizavam com o propósito de permitir que produtos de distintas localidades comercializassem os seus produtos. Contudo, essa ideia é hoje contestada, sobretudo através da investigação de Henri Pirenne, na sua obra *Les Villes du Moyen Age*, de 1928, em que se destacam as necessidades comerciais da vida económica como o grande fator da renovação do urbanismo das Feiras. Em Portugal, Virgínia Rau atesta que a Feira e o mercado não deram origem à cidade ou ao regime municipal, assim como não o fizeram igualmente em Leão e Castela. O desenvolvimento do comércio toma forma e os comerciantes são obrigados assim a permanecerem em determinados pontos estratégicos propícios às trocas comerciais. Tais locais incluíam portos marítimos e fluviais, pontos de concentração dos comerciantes, que mais tarde se dirigiam às vilas e cidades, aumentando assim os centros de trocas fazendo florescer as Feiras e mercados em pontos estratégicos como a França, Flandres, Itália e Alemanha.

Na sua obra sobre *Etnografia Portuguesa*, no Volume II, José Leite de Vasconcellos atribui o topónimo *Feira* a alguns lugarejos existentes sobretudo nas províncias do Norte e da Beira, pois nesses locais era costume fazer-se Feira, daí a designação do local:

“ No geral sabemos que, para certas terras aumentassem de habitantes, e se engrandescessem, criaram nelas Feiras os reis antigos, às vezes com privilégios especiais. Por causa de uma Feira que se fazia em Bragança, ainda anteriormente às guerras de

⁶⁹ <http://andrepomponet.blogspot.pt/2009/04/o-futuro-das-feiras-livres.html> (Consultado a 7 de abril de 2015).

D. João I com Castela, os moradores começaram a habitar os arrabaldes onde era o local da mesma: exemplo precioso para o nosso caso.”⁷⁰

Em Portugal, as Feiras e mercados chegam mais tardiamente ao interior, com os comerciantes localizados nos centros urbanos do litoral especialmente em Lisboa e no Porto, alimentando o movimento mercantil e marítimo. Os locais onde se realizavam as Feiras encontram-se também documentados em cartas régias, realizados quase sempre intramuros, nas imediações dos castelos, das cercas, nas praças das povoações. A partir de finais do século XIV as Feiras e os mercados começam a realizar-se nos limites das cidades ou vila, obrigando a população a deslocar-se para a aquisição de produtos essenciais que a Feira dava, decisão que não agrada aos soberanos, que criam impostos e Feiras franqueadas para que estas se voltem a realizar dentro dos muros das vilas e cidades. As Feiras não só contribuíram para a melhoria das relações económicas da população, mas representaram também um papel muito importante social e culturalmente. Virgínia Rau eleva a importância das Feiras como momentos de ócio e de grande distração para o povo *“Era nas Feiras que se obtinham notícias do que se passava pelo mundo, do resultado das colheitas das regiões circunvizinhas e de tantos outros assuntos que, então como hoje, são a base do cavaquear do povo. Era nelas que o comerciante vindo do longe contava as histórias maravilhosas ou terríficas das suas aventuras em países longínquos, o que vira e ouvira pelas sete partidas do mundo. Companheiro do peregrino e do jogral, percorrendo com eles as estradas que conduziam a Santiago de Compostela, a Roma, ao Oriente, através dos desfiladeiros dos Pirinéus ou dos Alpes (...)*”⁷¹.

Para além da importância das trocas que se realizavam nestes certames, as Feiras também contribuíram para o melhoramento das vias de comunicação; o aspeto de vilas e cidades foi também modificado para acomodar as crescentes necessidades dos comerciantes, bem como a construção de chafarizes nos locais designados para as Feiras.

Desde cedo que também se associaram as cerimónias de culto, festas e romarias com as Feiras que se realizavam por ocasião da festa de algum santo mais venerado. Apesar de a sua finalidade ser a de compra e venda de produtos, a verdade é que a utilidade das Feiras não se cingia apenas ao comércio de bens essenciais, pois aproximava

⁷⁰ VASCONCELLOS, José Leite de – *Etografia Portuguesa*, Reimpresso nas Oficinas Gráficas da Imprensa Nacional, 1980. Vol. II, p.585.

⁷¹ RAU, Virgínia – *Feiras Medievais Portuguesas Subsídios para o seu estudo*, p. 53.

também os cidadãos, que viviam por vezes em localidades isoladas e de difícil acesso, deslocando-se aos aglomerados apenas durante as Feiras, criando assim interesses comuns.

1.1 – As Feiras na atualidade

Com o crescimento da oferta de produtos e a diversidade da procura, depressa se multiplicou a necessidade de mais Feiras e mercados e a sua especialização. Atualmente, verifica-se que as Feiras se realizam periodicamente em Parques de Feiras e Exposições, concentradas essencialmente no exterior das aglomerações urbanas, com diversas especializações como alimentação, pecuária, construção, mobiliário, automóvel, informática, turismo, artesanato, entre outras, agregadas por tipos, como Feiras Multissetoriais, Feiras comerciais especializadas, Feiras Regionais, Feiras de consumo e Feiras Internacionais, como atesta Marcos dos Santos (Santos; 2012)⁷². As Feiras, consideradas como parte importante desde cedo no crescimento económico, constituem ainda hoje em dia uma mais-valia, apesar do avanço das tecnologias e surgimento de novos espaços comerciais como hipermercados onde a oferta de produtos é relativamente maior e mais variada, e onde se pratica uma estratégia de marketing cada vez mais eficaz. Muitos vêm as Feiras ainda como espaços de convivência social, meios onde se pode disfrutar do cheiro, textura e apreciação direta dos e onde existe uma maior troca de informações entre comerciante e comprador. Tais situações fazem com que o setor das Feiras continue a crescer, devido à perceção de que hoje em dia as Feiras constituem lugares privilegiados de comunicação, receção e transmissão de experiências.

Em grande escala, as Feiras são também importantes motores de promoção de produtos, com as grandes e médias empresas recorrendo a estes certames para promoção dos seus produtos, apostando na promoção local.

⁷² SANTOS, Marcos – Contributos para o conhecimento do papel das Feiras, p.5, acessível em http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Feiras_QuestoesIntrodutorias.pdf (Acesso em 29 de abril de 2015).

2 – A Feira de São Lourenço e Santa Maria (Feira de agosto) em Beja

2.1 – História

Ao folhear as monografias, publicações e periódicos (ver Anexo XVII) que dizem respeito à história do concelho de Beja, existe quase sempre um capítulo que trata das antigas tradições que pautavam as ruas da capital do Baixo Alentejo. A Feira de São Lourenço e Santa Maria⁷³ (vulgarmente conhecida nos dias de hoje por Feira de agosto) é constantemente mencionada nos anais da história de Beja e nos seus periódicos mais antigos. Esta Feira de São Lourenço e Santa Maria (ver Anexo XV) é considerada uma das mais antigas do país; na memória dos Pacenses perdura a data de Feira como sendo no mês de agosto. Contrastando com este facto, a verdade é que a Feira teve início em 1261 por carta régia de 20 de abril pelo Rei D. Afonso III que instituiu que a Feira, de cariz anual, duraria quinze dias e deveria começar quatro dias antes da festa de Ramos. Contudo, após a emissão desta carta o movimento comercial de Beja desenvolve-se, pois D. Dinis, a pedido dos habitantes da vila, concede outra carta régia a 22 de janeiro de 1292 anunciando que a Feira deve agora durar todo o mês de abril, iniciando-se no primeiro dia desse mês, ao invés de apenas duas semanas (RAU; 1983). Sabe-se agora que durante esse tempo o comércio em Beja floresceu, desenvolvendo-se ainda mais e a um ritmo vertiginoso, o que terá levado D. Dinis, no início do século XIV, a criar uma Feira franqueada em Beja, pedindo aos comerciantes da cidade que escolhessem a época em que achassem mais conveniente para a realização da Feira. Foi então acordado que a Feira se realizasse de 15 de agosto a 15 de setembro «*apanhando seu pam antre vinho velho e nouo*». Assim, em 23 de abril de 1308 é aprovada a realização da Feira de 15 de agosto a 15 de setembro, com a duração de um mês, no local da Corredoura⁷⁴. No final do século XV D. Manuel I emite carta régia em 1499 concedendo aos Feirantes de São Lourenço e Santa Maria vários privilégios que seriam mais tarde confirmados por D. João III em 1530, e mais tarde pelo Infante D. Luís, Duque de Beja em 1551. Em 1642, por determinação das Cortes reunidas a pedido dos Procuradores de Beja, que consideravam ser demasiado o período de um mês da Feira e que esta sofreria economicamente ao invés de progredir, estabeleceu que a Feira deveria apenas durar desde o dia 9 de agosto (Dia de São Romão e véspera de São Lourenço) até ao dia 16 de agosto, dia seguinte ao Dia

⁷³ RAU, Virgínia – *Feiras Medievais Portuguesas Subsídios para o seu estudo*, p. 78.

⁷⁴ Atual Avenida Miguel Fernandes.

de Santa Maria que se comemora a 15 de agosto. Contudo, nas Cortes do Rei D. João IV em Lisboa, os procuradores de Beja requereram que houvesse uma mudança na Feira de agosto e que se dividisse em duas por diferentes alturas do mês, de oito dias cada uma, indo a primeira metade desde o dia 20 de março até ao dia 28 do mesmo mês, e a segunda metade em agosto de 9 a 16, ambas com os mesmos privilégios que D. Manuel I havia concedido. Passados poucos anos desta divisão voltariam a reunir-se as Cortes em Lisboa a que assistiram os procuradores de Beja e que requereram nova mudança na data da primeira metade da Feira, pois a data anteriormente prevista (de 20 a 28 de março) coincidia demasiadas vezes na Semana Santa. D. João concede novamente a 20 de outubro de 1647 a mudança da Feira para o mês de abril durante os mesmos oito dias, de 17 a 25 do mesmo mês.

Esta divisão prosperou durante alguns anos, contudo os comerciantes da cidade verificam que nesta alternativa em abril não havia dinheiro para se praticar o comércio, deixando a Feira sem utilidade. Suspendendo o artigo anterior, foi então retomada a normalidade da Feira feita apenas no mês de agosto desde o dia 9 até ao dia 16. A Feira juntava assim duas festividades: a de São Lourenço no dia 10 de agosto⁷⁵ que era o dia reservado ao comércio do gado grosso, enquanto que a véspera, o dia 9, era reservado para o gado miúdo; o dia de Santa Maria⁷⁶, dia 15 era reservado para o mercado geral, dia conhecido do público como “dia das Bias” segundo se diz pela afluência de camponesas, a maioria delas com esse nome (diminutivo de Maria). Sobre o aspeto da vida económica da cidade, todos estavam de acordo que a Feira anual de agosto constituía o grande momento de negócios e diversão, um evento cuja instalação ocupava uma área de grande dimensão e cuja área central se custava a atravessar devido ao aglomerado de gente que lá se concentrava. (Piçarra; Mateus. 2010)

2.2- A Feira: suas componentes

A Feira de São Lourenço e Santa Maria era sem dúvida a principal e mais importante Feira da cidade de Beja. Para a sua grandeza contribuía o facto de que se realizava depois das colheitas, o que fazia dela um ponto de atração para todos os

⁷⁵ O dia 10 de agosto é o dia que a Igreja Católica dedica a São Lourenço, ao dia da sua morte. (<http://santoprotetor.com/sao-lourenco/> - Consultado a 3 de junho de 2015).

⁷⁶ O dia 15 de agosto é conhecido como o dia em que se celebra a “Assunção de Maria”, o dia em que o corpo da Virgem Maria ascendeu ao céu. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Assun%C3%A7%C3%A3o_de_Maria – consultado a 3 de junho de 2015).

lavradores da região que nela transacionavam cereais, gado, produtos hortícolas e faziam contratos de arrendamento de propriedades rústicas e urbanas. Em vários documentos do século XVI, é possível encontrar referências a pagamentos de terras e casas por “Santa Maria de agosto”. De Beringel e das olarias de Beja vinham as mais variadas loiças, os ferreiros apresentavam charruas e outros apetrechos para trabalhar as terras, os tecelões vendiam panos, os albardeiros emprestavam um colorido muito especial na forma como decoravam molins, selas e arreios. Na Corredoura fazia-se a grande Feira do gado onde acorriam gados de todo o Alentejo. O aspeto e as particularidades da Feira de São Lourenço e Santa Maria permaneceram durante vários anos inalteradas, contudo com a crescente publicação de monografias e obras sobre as tradições da cidade de Beja crescem também os relatos sobre a maior Feira da cidade. A partir de um certo período da história – ainda durante o século XIX - sabe-se que a Feira começa a perder força, mas ainda assim subsiste durante largos anos como a maior atração do Baixo Alentejo, com os mercadores a antecipar sucesso nos meses de preparação, e a enchente de pessoas a fazer correr tinta pelos vários jornais da região.

Jozé Silvestre Ribeiro escreve na sua obra *Beja no ano de 1845*, publicada dois anos depois, em 1847, sobre o esplendor da Feira, notando por esta altura o decréscimo de gente que se fazia sentir:

*“Data do Reinado do Senhor D. Manoel o estabelecimento de uma grande Feira em Béja, que ainda hoje se faz no mez de agosto de cada anno. Durava n’outro tempo desde o 1º d’agosto até ao dia 16 do mesmo; agora porém dura uns seis dias, e com quanto tenha decahido da sua primitiva grandesa, ainda no anno de 1845 a presenciei muito abundante e grandiosa. Em anos de socego, de boas colehitas, e de atividade comercial he esta Feira muito considerável pelo crescido número de lavradores, negociantes e artistas do Alemtejo, Algarve e Lisboa que ella concorrem, pela extraordinária abundancia de géneros, fructos mercadorias, artefactos e gado de diferentes especies que alli são trazidas e finalmente pelo movimento de importantes transações.”*⁷⁷

⁷⁷ RIBEIRO, Jozé Silvestre – *Beja no ano de 1845*, p. 63.



*Figura 9 Atual Avenida Miguel Fernandes antigo largo da "corredoira"
s.d
Fonte: página de Facebook Beja em Imagens.*

A Feira de agosto era conhecida pela sua monumentalidade, como o grande pórtico que anunciava a entrada da Feira, e a “corredoira”, local distinto de passagem do gado. Tais marcas conseguiram sobreviver até muito recentemente, mas o que era ao início uma Feira de exposição de gado depressa se tornou num grande acontecimento. Atração típica de qualquer Feira, e que tornavam apelativo à visita das crianças eram os carrosséis, o velho circo, os fantoches, e as barracas dos comes e bebes onde se vendia vinho da região, dispostos geralmente na rua principal da Feira. Não perdendo a feição regional que lhe era atribuída, a Feira de Beja depressa se transformou numa Feira-exposição, não apenas de produtos locais e da região mas também de outras regiões, com artigos manufaturados e maquinismos estrangeiros. Em exposição encontravam-se os mais diversos tratores e alfaías agrícolas, de marcas estrangeiras diversas, expostos juntamente com os automóveis que eram o último grito da moda da altura, camiões e furgonetas. De notar também as ruas onde se expunham para venda os mais variados e diversos artigos como calçado, artigos de ourivesaria, mantas alentejanas, confeções em madeira e palha, barracas com loiças de porcelana e barro. Tendas com frutos da época e as ocasionais guloseimas como Torrão de Alicante, algodão-doce e gomas para os mais pequenos. Ao fim de tarde, a atração principal eram os já citados carrosséis, os cavalinhos, o poço da morte e o circo que com a sua algazarra enchiam as ruas da cidade de cor e movimento. Ocasionalmente, ocorria a mostra de animais ferozes enjaulados, mas a

verdadeira atração ocorria no dia 10 de agosto, e mantém-se até aos nossos dias com a tradicional Tourada de São Lourenço, festa feita desde a Idade Média.

Constantino Piçarra e Rui Mateus sublinham, na sua obra *Beja roteiros Republicanos* de 2010, a crescente preocupação das gentes da cidade pela diminuição do número de pessoas que se juntavam na Feira. Os autores recolheram depoimentos do jornal da época *O Porvir* para comprovar a fraqueza da Feira, algo que se vinha a demonstrar há já vários anos e se consolida assim no século XX:

*“Apesar da grande afluência à Feira ser o cenário mais habitual, no final dos anos 20 registam-se os primeiros comentários dando conta da fraqueza do evento. O Porvir, embora salientando que esta Feira ainda “é a mais importante de todas as que se realizam no Alentejo, já pelas grandes transações que nesta época se costumavam efetivar quer em gados, quer em cereais, já pela sua feição típica, bons arruamentos e ótima disposição”, refere que as transações foram menores que noutros anos “devido à escassez de dinheiro que se fazia sentir”. No ano seguinte já se dizia que estas Feiras tinham sido “fraquíssimas de transações e com diminuta concorrência de forasteiros (...) a, a mais pobre dos últimos 30 anos, quer em transações, quer em barracas. Uma autêntica miséria. Causou estranheza o facto de se ter permitido a venda de bugigangas, ao centro da rua principal, dando uma nota ainda mais visível da pobreza da Feira. Até uma banca de jogo ali havia”.*⁷⁸

Apesar de inúmeros periódicos da altura darem conta, ano após ano, do decréscimo na Feira, o ano de 1982 prova ser um bom ano, como noticia o *Diário do Alentejo* de 18 de agosto desse ano, entrevistando o Presidente da Câmara Municipal de Beja da altura, José Colaço que afirma que *“as pessoas gostaram mais desta Feira do que das anteriores.”*⁷⁹. Denotando que agosto é geralmente o mês reservado ao auge da época balnear, ainda assim a Feira é tida em consideração para os que, devido a fatores maioritariamente monetários, resolvem ficar em Beja.

2.2.1 – Memórias da Feira no tempo atual

Foi realizado, no mês de abril de 2015 um pequeno questionário à população de Beja, com 5 perguntas relativamente às antigas Feiras de Beja – a Feira da primavera e a

⁷⁸ PIÇARRA, Constantino; MATEUS, Rui – *Beja Roteiros Republicanos*, p.64.

⁷⁹ *Diário do Alentejo* de 18 de agosto de 1982.

Feira de agosto. As perguntas permitiram compreender as memórias que a população guarda desses certames. Foram realizadas compreendendo as faixas etárias entre os 20 e os 80 anos, tendo em conta as memórias dos entrevistados, sendo que a Feira de agosto não se realiza desde 2001, e a Feira de maio se funde com a Ovibeja em meados dos anos 80. Foram realizadas catorze entrevistas⁸⁰ durante todo o dia e compreenderam oito indivíduos do sexo masculino e seis indivíduos do sexo feminino. Foram as seguintes as questões colocadas:

- 1- Quais as suas memórias das Feiras (primavera e agosto)?
- 2- Deslocava-se apenas por ócio ou para consumo de produtos que considerava melhores nas Feiras?
- 3- Quais as suas memórias dos locais das Feiras?
- 4- Concorda com a “extinção” destas duas Feiras?
- 5- Se considera importante para a cidade de Beja a tradição dessas Feiras, tem alguma proposta/ideia para o recuperar dessa mesma tradição?

As conclusões retiradas destas entrevistas demonstram que a maioria das pessoas guarda memórias afetuosas destas Feiras, das luzes, dos cheiros, da comida, das diversões e dos Feirantes, alguns mais icónicos e reconhecidos pelas gentes da cidade. Deslocavam-se maioritariamente por ócio ou com os pais e avós, que eram comerciantes ou compradores, discordando com a extinção destas Feiras, mas concordando, porém, que o comércio tradicional, e mais tarde a criação de hipermercados, satisfazem mais as suas necessidades do que as Feiras o faziam. Verificou-se igualmente que a maioria das pessoas não se recorda da Feira da primavera, apenas que se tratava de uma Feira mais modesta e mais curta, em relação à Feira de agosto, e de diferente cariz, mais virada para o comércio de produtos agrícolas, como maquinaria e gado. Os entrevistados revelaram, na sua maioria, que se deslocavam pelas diversões que a Feira proporcionava e pelo convívio, pois a Feira era palco de reuniões familiares e de reencontro de amigos, ou para repasto pois como é mencionado num dos discursos *“o frango da Feira era o melhor, pois tinha aquele gosto a pó”*.

⁸⁰ Todas as entrevistas estão transcritas no anexo XXIII.

Exatamente como descrito nos jornais e publicações, as localizações da Feira de agosto variam consoante a idade e memória dos entrevistados: perto do atual hipermercado Continente, abaixo da atual Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I, na zona do atual Liceu Diogo de Gouveia e da atual Casa da Cultura de Beja. Os entrevistados mais jovens apenas se recordam de a Feira se realizar no Parque de Feiras e Exposições de Beja, e não se recordam da Feira da primavera, justamente por a mesma se ter unido com a Ovibeja. Quando confrontados sobre se concordam com a extinção das Feiras a opinião é unânime: de que estas iniciativas, mais do que quaisquer outras que se tenham realizado, traziam animação à cidade e uma dinâmica que era apenas igualada com as primeiras edições da Ovibeja (que recentemente tem vindo a decair cada vez mais no número de visitantes). A opinião geral é de que a Feira deveria ter evoluído, contudo muitos culpam o facto de as novas instalações não serem apelativas para a realização do certame, pois o novo local não prevê a existência de diversões tradicionais (carrosséis, circo, por exemplo). De entre os entrevistados, foram especialmente importantes para o presente Relatório as informações que obtivemos do Senhor Engenheiro Carrusca (ver Anexo XXII), figura assídua no café centenário de Beja, o Luiz da Rocha nas Portas de Mértola. Este entrevistado partilhou as suas memórias da “grande Feira anual” de Beja. Informou-nos ainda que a sua versão, que nos fez chegar por escrito, conferindo com as informações que oralmente nos prestara, e que transcrevemos em Apêndice, será futuramente por ele publicada num periódico da cidade. Começa por dizer o que todos repetem *“era grande acontecimento na cidade. (...) Vou tentar descrever aqui, à maneira de uma romagem de saudade, como a Feira se apresentava ao bejense comum, durante os derradeiros tempos da sua grandeza, entenda-se durante as décadas de 30, 40 e 50 do século XX.”*

Apesar de dedicar grande parte do seu texto à Feira mais conhecida de Beja – a Feira de São Lourenço e Santa Maria – o Engenheiro conta também como havia uma Feira, de menor dimensão, intitulada Feira da primavera (que inicialmente se realizava em março, depois em abril e finalmente em maio), que não era tão acorrida como a de agosto. Salienta também a realização de duas exposições-Feiras agropecuárias⁸¹, uma

⁸¹ As Exposições Agropecuárias são Feiras que tem como tema principal a exposição de animais e produtos agrícolas. Na região do Baixo-Alentejo, um exemplo desta iniciativa é a Feira de Garvão, no concelho de Ourique, realizada entre os dias 8 a 10 de maio. No ano de 2015 comemorou a sua vigésima primeira edição, promovendo iniciativas como exposição agroalimentar, artesanato, gastronomia, mostra de pecuária, corrida de touros, encontro de produtores, exposição de vaca garvonesa, leilão de suínos, atividades equestres, tasquinhas, espetáculos e animações.

delas em maio de 1940 e a outra em 1954, a última chegando mesmo a receber a visita do Presidente da República General Craveiro Lopes. Mas não só das Feiras e lojas tradicionais se fazia o comércio em Beja, segundo o Engenheiro, havia também o tradicional mercado de gados, que apenas cessava funções nos meses das Feiras. Ainda sobre as duas exposições-Feiras agropecuárias, é de opinião do Engenheiro Carrusca que estas duas Feiras fossem premonições da grande Feira, que tomaria forma em meados da década de 1980, e que viria a fundir-se com a Feira da primavera, a Ovibeja. Ao longo do texto são delineadas as memórias sobre a Feira de agosto, e a verdade é que são tão frescas como se tudo isto tivesse acontecido há um par de horas. Descreve a Feira de agosto como o evento que representava o auge da vida social da cidade, onde toda a população acorria com gosto, e que atraía sempre muita gente vinda de fora. Nas semanas que antecediam a Feira, a população procedia ao arranjo das habitações, caiavam-se as casas, para receber a Feira. É também feito o reparo de que a população bejense, nos dias de Feira, escolhia a sua melhor indumentária para passear na Feira. Entretanto, sem acesso a tecnologias, tão vincadas nos tempos livres do dia-a-dia de hoje como a televisão ou internet, a população aproveitava as noites agradáveis de agosto para frequentar não só a Feira mas também os espaços públicos da cidade como a Praça da República, o Jardim Público ou a ocasional esplanada de cinema ao ar livre (chegaram a ser duas, nomeadamente o Parque Vista Alegre⁸² e a Esplanada Jardim, situada no interior do Jardim Público). Mas chegado o período da Feira, todos estes espaços se encontravam desertos, pois rara era a pessoa que não ia passear à Feira (o Jardim Público e as esplanadas de cinema chegavam mesmo a fechar durante as noites da Feira). A popularidade da Feira era tal que, nos longínquos anos 40 e 50 do século XX a Feira começava a 4 de agosto (cinco dias antes da data normal) e terminava a 17 de agosto (dois dias depois do dia de Santa Maria, que normalmente era o derradeiro dia da Feira). Refere o Engenheiro Carrusca que nos dias 9 e 10 do mês, em terrenos anexos à Feira, realizavam-se os mercados de gado. Uma parte importante da Feira de agosto que ainda se mantém até aos dias de hoje, é a tradicional tourada⁸³ de São Lourenço, celebrada a 10 de agosto. Das memórias transcritas não

⁸² O Parque Esplanada Vista Alegre, localizado no centro histórico da cidade, foi reabilitado no âmbito do programa POLIS, o que resultou numa ligação pedonal entre a rua do Sembrano e a rua Capitão João Francisco de Sousa e a criação de um espaço com jardim para lazer do público. Devido ao seu pouco uso, encontra-se hoje debilitado e fechado ao público devido à insegurança do local. A Câmara Municipal de Beja avançou entretanto com um concurso público que visa a reabilitação do local, com uma verba no valor de 10.000.00 euros. O concurso decorreu de 7 a 31 de maio de 2015.

⁸³ Originalmente, a tourada do dia de São Lourenço era realizada numa praça de touros existente no largo do Terreirinho das Peças, onde hoje em dia se situa um Lar de Idosos. A 9 de agosto de 1909 é inaugurada a nova Praça de Touros na rua de São Sebastião. Em 1988 a praça ganha o nome de Praça de Touros José

ficaram também de fora as constantes alterações do lugar onde se realizavam os certames, e a disposição da Feira, com a sua monumental entrada em arco e todas as atrações que faziam da Feira o evento mais esperado do ano na cidade de Beja. O Engenheiro recorda-se de como a Feira não se instalou sempre no mesmo local, mas que durante vários anos “dançou” ao redor das proximidades do Liceu Diogo de Gouveia. A sua magnitude (transmitida em grande detalhe – ver Apêndice 1) levava a que a Feira ocupasse espaços em terra e muito amplos. Só a monumental entrada, designada por “arco”, que era decorado com um sem número de lâmpadas, ocupava grande parte do espaço, e distinguia-se à distância. Ao trespassar esta convidativa entrada, a população seguia por uma ampla faixa (também fortemente decorada por lâmpadas coloridas) até um alargamento circular. Ao longo da principal “avenida” do recinto da Feira, distribuíam-se as barracas com a variedade de artigos desde brinquedos até louças, dos mais diferentes materiais utilizados na época como a lata, madeira, barro, vidro, louça e cutelaria. Também as barracas dos “comes e bebes” mereciam destaque na Feira, onde a variedade nesta época, apesar das dificuldades, ainda era muita. São também mencionados comerciantes, famosos pelos seus produtos, locais ou forasteiros. Era também disponibilizado, para quem quisesse descansar na Feira, ao longo da faixa principal e mediante o pagamento de uma módica quantia de tostões, cadeiras de ferro, propriedade do Hospital da Misericórdia. Por vezes, e de modo espontâneo, na faixa principal abria-se uma clareira, que era ocupada por grupos de ciganas dançando flamenco. E porque não apenas de comércio se faziam as Feiras, as diversões e o seu intrincado mecanismo são também detalhados meticulosamente. O espaço circular no final da rua principal - mencionado anteriormente - era destinado aos circos, carrosséis, pistas de automóveis elétricos (os chamados “carrinhos de choque”) e algumas barracas de atrações de truques de magia. Algumas edições da Feira eram também pautadas pela maior atração das Feiras, o chamado “poço da morte” ou por vezes a “esfera da morte”. Durante as várias épocas da Feira era comum ouvir-se as empregadas das barracas de tiro, chamarem “*Oh simpático, queres vir dar um tirinho?*”.

Se nos anos de auge da Feira as barracas e esplanadas típicas que serviam petiscos da tradição local enchiam a Feira, mais tarde, já nos anos de decadência, estas eram substituídas pelos restaurantes. Na área das tecnologias, a Feira dava os primeiros passos.

Varela Crujo, em homenagem a um cavaleiro da cidade, falecido no ano anterior, após ter sido colhido por um touro numa corrida em Lisboa.

Por ocasião da Feira eram montadas, no recinto, barracas de fotografias que atraíam diversa clientela. Também a Feira tinha a sua sonoridade característica, recorda o Engenheiro, não só feita das vozes dos Feirantes que apregoavam os seus produtos - como o aguadeiro que carregava um copo de vidro e gritava “*Água fresca, a dois tostões a barrigada!*”. Estes sons eram abafados por vezes pelo som do jornal sonoro que transmitia publicidade – “*Quer andem para cima quer andem para baixo, todos vão parar à barraca do Cartaxo!*” - e a música, que estava na berra na época. O dia final da Feira, o dia 17, é recordado como um dia triste, sobretudo para aqueles que, sem possibilidades, passavam o verão na cidade, e a Feira era o seu único entretenimento. Os dias 18 e 19 ofereciam um consolo ao manter os circos, que faziam a gentileza às senhoras de oferecer a entrada, quando devidamente acompanhadas. Justifica a grandeza da Feira o facto de esta ser motivada pelas datas do calendário agrícola, mas com as alterações provocadas pelas novas tecnologias na agricultura e nas condições socioeconómicas, tais fatores influenciaram de tal modo a velha Feira que esta acaba mesmo por entrar em decadência, até deixar de existir. As mudanças de sítio, que tornavam também a presença dos Feirantes inconstante, e afetando a sua distribuição no espaço desorganizada, bem como a falta de lugares para descansar assinaram também a sentença de morte da mais velha Feira do Baixo-Alentejo. Esta rica recolha de memórias afiança a importância de se manterem vivas as tradições, e tão importante como manterem-se vivas as tradições é justamente manterem-se vivas as memórias das mesmas. As memórias do Engenheiro Carrusca, juntamente com as coleções de jornais e monografias dão um retrato minucioso sobre a vida da Feira e o dinamismo que apresentava à cidade. Não citado no texto recorda-se que, em conversa, o entrevistado referiu que a par da Feira de agosto, havia – e há ainda, apesar de ser mais pequena e fraca nos dias de hoje – a Feira de Castro Verde. Ao comparar as duas Feiras, era comum dizer-se que a Feira de Castro Verde era pouca, e a de Beja era de luxo.

2.3 – Os locais onde a Feira se realizava

Existem relatos divergentes não sobre os locais onde a Feira se realizava, mas sim nas datas e cronologia onde se realizava a mesma, contudo as datas apresentadas advém de artigos de jornais que realizavam periodicamente um artigo sobre a atual situação da Feira e de monografias sobre a cidade. Para melhor compreensão dos locais da Feira transcrevemos (ver Anexo XVI) um excerto do livro *Quatro décadas de Beja: uma busca*

das bruscas transformações 1950-1989 de David Argel e Helena Guerreiro Marques que nos dá uma explicação cronológica dos locais da Feira até aos primeiros anos da década de '80 do século XX:

Ao analisar o excerto transcrito no Anexo XVI referente aos locais da Feira compreendemos que a mesma se fez durante muitos anos (durante um período de seis séculos), e possivelmente até ao final do século XIX no largo da Igreja de Santa Maria⁸⁴. Esta afirmação é verificada por Túlio Espanca no seu Inventário Artístico de Portugal do Distrito de Beja:

*“A paróquia passou à posterioridade, com o título de Santa Maria da Feira – embora o seu orago seja de N^a S^a da Assunção -, porque desde 1261, no terreiro envolvente se efetuava o mercado popular que aquele rei havia concedido à cidade de Beja.”*⁸⁵

A Corredoura ainda hoje é conhecida da população de Beja, como o antigo largo onde se comercializava o gado. Durante esta altura também, a Feira passa a ter lugar no local que vem ser ocupado pela atual Escola Secundária Diogo de Gouveia, na rua Luiz de Camões. Em 1934 foi inaugurado oficialmente o Liceu Diogo de Gouveia, e ainda durante as obras do mesmo⁸⁶, iniciadas em 1931⁸⁷ as Feiras passam a ter lugar, na rua a sul da rua Luiz de Camões – a rua Ramalho Ortigão - em terrenos adjacentes, onde viriam a ser construído o Edifício da Junta da Província⁸⁸. Sabe-se que em 1936 a Feira ainda se

⁸⁴ Túlio Espanca faz referência às possíveis origens da Igreja como sendo a primeira Sé Visigótica. Admite também que outras versões históricas apontam para que o edifício fosse também, uma mesquita muçulmana. ESPANCA, Túlio. *Inventário Artístico de Portugal: distrito de Beja*, p.127.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ O edifício da Escola Secundária Diogo de Gouveia foi projetado pelo arquiteto Luís Cristino da Silva em 1929. Devido a esse facto somos obrigados a imaginar que a construção se tenha iniciado nessa altura o que obrigada à mudança do local da Feira.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Secund%C3%A1ria_Diogo_de_Gouveia (consultado a 9 de junho de 2015).

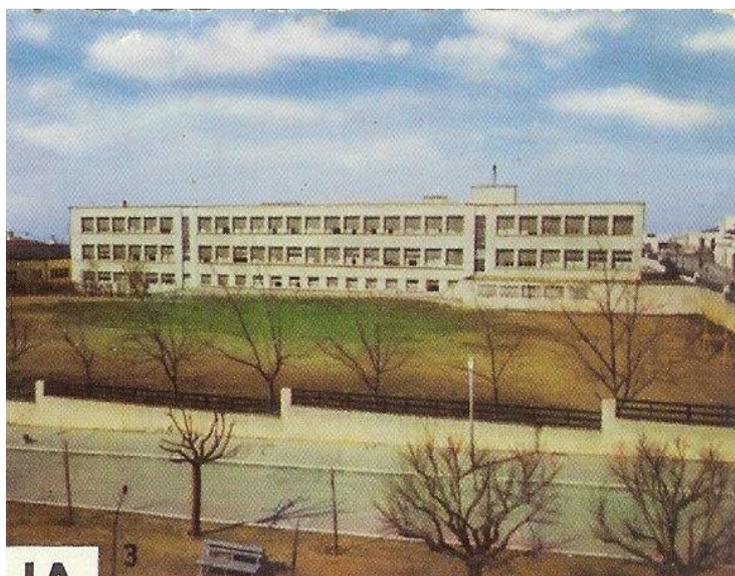
⁸⁷ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16815 (consultado a 9 de junho de 2015).

⁸⁸ O Edifício da Junta da Província foi ocupada pela Assembleia Distrital de Beja. Em 2014 é dissolvida a Assembleia Distrital de Beja, e a tutela dos seus bens, bem como o edifício que ocupava passa para a CIMBAL – Comunidade Intermunicipal do Baixo Alentejo.

realizava neste local, devido à fotografia abaixo, pois podemos ver no canto inferior esquerdo o muro do Liceu Diogo de Gouveia.



*Figura 10 Postal da Feira de agosto de 1936.
Fonte: página do Facebook “Beja em Imagens”.*



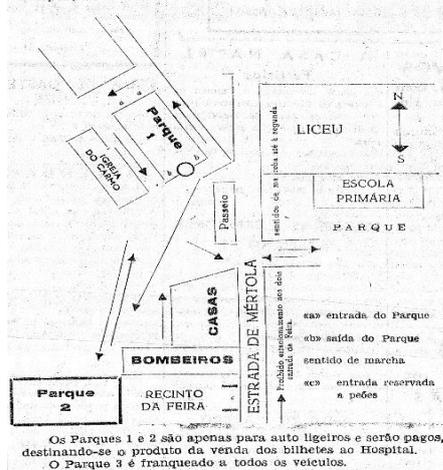
*Figura 11 Liceu Diogo de Gouveia, onde se pode ver o seu muro, e do lado de cá o antigo recinto da Feira agora ocupado por casas.
Fonte: página de facebook “Beja em Imagens”.*

FEIRA DE BEJA

Parques de estacionamento

O sr. comandante da Polícia desta cidade, capitão Henriques Pinheiro, de acordo com o vice-presidente do Município, sr. dr. Gonçalves Fagundes, resolveu estabelecer parques de estacionamento de automóveis, a fim de desimpedir o recinto adjacente à entrada da feira, destinado aos «stands» de máquinas agrícolas.

Os referidos parques encontram-se localizados em sítios bastante acessíveis, como se pode concluir pelo exame do gráfico que publicamos.



Os Parques 1 e 2 são apenas para auto ligeiros e serão pagos, destinando-se o produto da venda dos bilhetes ao Hospital.
O Parque 3 é franqueado a todos os veículos.

Figura 12 Planta do Parque da Feira de 1950.

Fonte: *Diário do Alentejo* de 9 de agosto de 1950.

O Edifício da Junta da Província, inaugurado em 1946, leva-nos a crer que antes dessa data a Feira tenha passado para o local seguinte, a escassos metros do anterior, a sul do Matadouro Municipal – onde hoje é a Casa da Cultura – na rua Luiz de Camões. Após, mais uma vez, essa área ser urbanizada com vivendas, pois a Casa da Cultura só seria construída em 1976/89, a Feira move-se novamente. Depois da pesquisa efectuada pelas edições do jornal *Diário do Alentejo* a investigação demonstra que em 1950 a Feira era feita ao lado do atual quartel dos Bombeiros de Beja, com dois parques de estacionamento criados exclusivamente para a Feira no largo da Igreja do Carmo. Não existem, contudo, referências à data em que a Feira começa a ser neste terreno, mas é bem possível que

se tenha “fundido” com o terreno ocupado pela Escola Industrial e Comercial (o único local referido pelos autores, que fica nesta zona, apesar de não ser indicada uma data certa de quando a Feira se realizou aqui).

O local seguinte de realização da Feira torna-se algo confuso, uma vez que os autores David Argel e Helena Marques Guerreiro afirmam que a Feira passa a realizar-se no local onde é hoje a Escola Secundária c/3º Ciclo D. Manuel I, antiga Escola Comercial e Industrial de Beja. Baseiam-se numa notícia de arrendamento datada de 3 de agosto de 1955, de um ferragial na área destinado a ser recinto da Feira. Após uma pesquisa no website www.monumentos.pt, na página⁹⁰ destinada ao edifício da Escola Comercial e Industrial, as informações da construção são as seguintes:

“1954-1956 - foi realizado o estudo de implantação de máquinas e outras instalações na Oficina de Serralharia da Escola Industrial e Comercial de Beja; por intermédio da Comissão para a Aquisição de Mobiliário tratou-se da aquisição de diversos móveis e equipamentos para a oficina; a direção da Escola forneceu três

⁸⁹ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=34046 (Consultado a 9 de junho de 2015).

⁹⁰ http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17458 (Consultado a 9 de junho de 2015).

esbocetos e a Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário também foi ouvida sobre o equipamento a adquirir; fez-se concurso limitado e a adjudicação do mobiliário de madeira foi para José Domingues de Almeida & Irmão (Serração de Valadares); 1958 - continuação da obra; 1959 - está em curso a obra pela Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário (...) ”.

Esta informação dá conta de que entre 1954 e 1956 foi realizado o estudo de implementações na Oficina de Serralharia da Escola Industrial e Comercial de Beja, que nessa altura funcionava no atual edifício da G.N.R de Beja na rua D. Nuno Álvares Pereira. É possível que este estudo nada tivesse a ver com a construção da nova Escola Industrial e Comercial de Beja, que a informação refere estar em obra em 1958. O *website* da Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I refere que a Escola passaria para o atual edifício entre 1960 e 1961⁹¹ e passaria a chamar-se Escola Secundária nº2. Mas efetivamente, os mesmos autores sublinham que em 1957 a Feira, após ser aprovada a construção do Bairro da Caixa, da Escola Industrial e Comercial de Beja, e da urbanização do local das Feiras e mercados, muda-se de novo. Analisando estes dados, e não sabendo a data exata de quando a Feira começa a ser realizada no local destinado a albergar a Escola Industrial e Comercial, é possível que a Feira apenas tenha ocupado este espaço, sensivelmente até 1957, data em que é anunciada a construção do bairro anexo ao local. O certo é que a Feira, mais uma vez muda de local, para leste do Estádio Municipal e pavilhão gimnodesportivo⁹². Há quem ainda se recorde de ver a velha Feira a ter lugar ao lado da Rodoviária de Beja, na atual rua Cidade de São Paulo. Em 1982, é aprovado o Plano de Urbanização do campo da Feira e também o *Diário do Alentejo* noticia, na sua edição de 11 de agosto de 1982 que as Feiras terão lugar a sul da rua de S. Tomé e Príncipe (abaixo da atual Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I, antiga Escola Industrial e Comercial). Aqui a Feira e os mercados realizar-se-iam por mais dez anos, apesar de nem sempre no mesmo espaço, pois à medida que a construção de edifícios avançava, a Feira ia passando cada vez mais para sul. Esta situação manteve-se até à construção do supermercado Prisunic⁹³ em 1992, que seria inaugurado a 2 de abril de 1993.

⁹¹

http://espacosnasescolas.parque-escolar.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=280&Itemid=549 (Consultado a 9 de junho de 2015).

⁹² *Diário do Alentejo* de 11 de agosto de 1982, p. 8.

⁹³ O Prisunic fazia parte da cadeia de super e hipermercados do Grupo SONAE, do qual o proprietário é Belmiro de Azevedo.

O Boletim Municipal da Câmara Municipal de Beja de agosto de 1993 noticia que “A Feira de S. Lourenço e de Santa Maria realizou-se este ano no novo Parque de Feiras e Exposições e teve a presença de 100 expositores e Feirantes.”⁹⁴ Esta informação sustenta a tese de que neste ano a Feira de agosto junta-se ao local da antiga Feira de maio - conhecida como Ovibeja, desde 1984. O novo Parque de Feiras e Exposições – conhecido assim por albergar o Pavilhão das Lãs da Ovibeja, hoje escritórios e sede da ACOS⁹⁵ na atual rua Cidade de S. Paulo, com a entrada na rua anexa ao Centro de Paralisia Cerebral. Esta solução para a Feira seria provisória até à construção do Parque de Feiras e Exposições, a prometida solução pela Câmara Municipal de Beja durante muitos anos. Em 1999 começam as obras do Parque, e no ano de 2000 a Feira não se realizou devido às obras no espaço onde a mesma se realizava. Em 2001 a Feira de agosto tem a sua última edição, no novo Parque de Feiras e Exposições de Beja.



Figura 13 Mercado de Beja em terrenos a sul da rua S. Tomé e Príncipe, onde também se realizavam as Feiras. S.d

Fonte: Quatro décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989

⁹⁴ Boletim Municipal da Câmara Municipal de Beja. agosto de 1993 p, 12.

⁹⁵ A ACOS (Associação de Agricultores do Sul) é a empresa que realiza todos os anos a Ovibeja, desde 1984.



Figura 14 A Feira de agosto localizada no novo Parque de Feiras e Exposições de 1993. À direita o Centro de Paralisia Cerebral e à esquerda o edifício que alberga a ACOS. S/d
Fonte: Página de Facebook do Diário do Alentejo.



Figura 15 Mapa de Beja com todos os locais por onde a Feira de agosto passou.
Legenda: 1 – Largo de Santa Maria da Feira o primeiro local conhecido da Feira; 2 – Atual Liceu Diogo de Gouveia onde a Feira funcionou até 1931; 3 – Avenida Vasco da Gama, sabe-se que em 1936 era aqui a Feira; 4 – Antigo Matadouro Municipal hoje local da Casa da Cultura; 5 – Edifícios adjacentes aos Bombeiros Voluntários de Beja onde a Feira se realiza em 1950; 6 – Atual Escola Secundária c/3º Ciclo D. Manuel I, antiga Escola Industrial e Comercial de Beja. Possível extensão do anterior local da Feira até 1957; 7 – Terrenos a leste do Pavilhão Gimnodesportivo, entre a Rodoviária de Beja. Atual urbanização Pax Julia; 8 – Atual terreno que compreende o Hotel Melius e o edifício da EDIA (Empresa de Desenvolvimento de Infraestruturas do Alqueva SA) onde a Feira se ocupa em 1982; 9 – Possível extensão da Feira até ao terreno onde hoje se situa o Hipermercado Continente (antigo Prisunic) até 1993; 10 – Terreno entre o Centro de Paralisia Cerebral e o edifício da ACOS que alberga a Feira até 1999; 11 – Novo Parque de Feiras e Exposições de Beja, inaugurado em 2001 e último local da Feira conhecida como Feira de agosto. Palco da RuralBeja e da Ovibeja, além de outros festivais e festas da cidade.
I – Largo da Corredoura onde se transacionava o gado sensivelmente até meados do século XX; IIa/IIb – Parques de estacionamento destinados à Feira nas edições dos anos '50 e '60 do século XX.
Fonte: Google maps.

2.4 – A decadência da Feira

As razões da decadência da Feira podemos encontrá-las em alguns fatores, de que destacamos a crescente procura das grandes superfícies comerciais, como os Hipermercados, que, contendo uma grande variedade e marcas de produtos, e que fazem com que as pessoas procurem a Feira apenas por diversão. Também as normas europeias de comercialização de gado, tão típicos desta Feira, impedem que a mesma se realize sem serem observadas as normas comunitárias: a função da Rua da Corredoura deixou definitivamente de fazer sentido nos tempos atuais. Tal facto levou a que o cariz tradicional das antigas Feiras se tenha perdido, apesar de algumas da região ainda se manterem, como é o caso de Alvito, Cuba, Aljustrel, Castro Verde, e até a Feira de agosto de Grândola que conta já com mais de 360 anos de história⁹⁶. Mas os campos térreos estão abandonados em quase todas elas, dada a existência de grandes complexos de Parques de Feiras e Exposições. Em agosto de 1989 o Dr. Joaquim Figueira Mestre, na altura Diretor da Biblioteca Municipal de Beja, publica no *Boletim Municipal de Beja* dedicado nesse mês à Feira de São Lourenço e Santa Maria, menciona os problemas acima citados, e sugerindo que as Feiras acompanhem com a mudança dos tempos:

“As Feiras tiveram a sua época. Atualmente é necessário criar alternativas que correspondam às características das transações comerciais neste final de século e que podem passar, entre outras, pela construção de um Parque Municipal de Feiras e Exposições, tal como tem projetado a Câmara Municipal. Será certamente um espaço com características para permitir a exposição das potencialidades económicas da região. A antiga e tradicional Feira de agosto que como vimos se foi transformando no decorrer dos séculos, como conseqüências das modificações económicas e sociais, prepara-se para uma nova e decisiva mudança.”⁹⁷

O mesmo Boletim sugere a construção de um Parque de Feiras e Exposições a construir na zona da Variante/Rua Zeca Afonso. As Feiras de gado também teriam o seu espaço próprio, a construir nos terrenos adjacentes à Ermida de São Pedro, numa das saídas da cidade. Verifica-se hoje, passados quase 26 anos, que tal cenário não corresponde ao que se planeou. Efetivamente, houve a construção de um Parque

⁹⁶<http://www.publico.pt/local/noticia/cerca-de400-expositores-na-Feira-de-agosto-de-grandola-umas-das-mais-antigas-do-pais1667799> (Consultado a 12 de junho de 2015).

⁹⁷ Joaquim Figueira Mestre - Boletim Municipal agosto 1989.

Municipal de Feiras e Exposições, situado na Avenida Salgueiro Maia, contudo não se conhece construção própria para a transação de gado. O *Diário do Alentejo* de 30 de julho de 1999 fala no revitalizar de uma velha tradição, no ano em que este certame comemorava meio milénio, com um diversificado programa para atrair o público que antes acorria à Feira:

“Este ano, a Feira de São Lourenço e Santa Maria vai ser diferente, para melhor. Procurando revitalizar o certame, que se realiza de 10 a 15 de agosto, a Câmara Municipal de Beja tomou um conjunto de medidas, desde a passagem a Feira franca a um vasto e diversificado programa de animação, bem como diversos melhoramentos no recinto. Relativamente a esta última questão, é de assinalar, além da mudança da entrada principal para a Avenida Salgueiro Maia e a criação de um novo parque de estacionamento, a montagem do primeiro pavilhão do futuro Parque de Feiras e Exposições. Nesse pavilhão, com cerca de de 2.000 m² de área coberta, vão funcionar diversos stands de associações e outras entidades temáticas do Município e uma grande exposição-venda de artesanato (...) artesãos a trabalhar ao vivo, teares de Odivelas, olaria e doçaria são alguns dos muitos atrativos que o visitante vai encontrar nesse setor do pavilhão. (...) no restante recinto da Feira, além de um maior número de vendedores em relação a anos anteriores, o visitante vai co encontrar um conjunto de diversões, algumas das quais pela primeira vez da Feira de agosto. Desportos radicais, tasquinhas exploradas por diversas associações, dois palcos e muitos espetáculos programados são outros motivos bem fortes para o visitante dar um pulo, passear, fazer algumas compras e divertir-se numa das mais velhas Feiras que se realiza no nosso país. (...) Relativamente a espetáculos, fique desde já a saber que os do palco 1 têm início às 22 horas e os do palco 2 à meia-noite. A não perder!”⁹⁸

Apesar do atrativo programa, esta seria a penúltima de agosto realizada; no ano seguinte, em 2000, a Câmara Municipal de Beja prometeu que em 2001, findas as obras do Parque de Feiras e Exposições, *“haverão novamente condições logísticas que permitam o renascer da Feira de agosto.”*⁹⁹. A Ata da reunião de Câmara realizada a 11 de julho de 2001 (ver Anexo XVIII) testemunha a hasta pública para arrematação de

⁹⁸ J.S, “Revitalizar uma velha tradição”, *Diário do Alentejo*. Beja, nº901 de 30 de julho a 5 de agosto de 1999, p.6.

⁹⁹ http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=852502&page=3 (Consultado a 10 de abril de 2015).

lugares de diversão da Feira de São Lourenço e Santa Maria (a qual seria a última edição da mesma), e no Edital da Câmara Municipal de Beja de 2002 (Ver Anexo XVIII) tomase a seguinte decisão:

“A Câmara Municipal de Beja, de harmonia com a deliberação tomada em reunião de Câmara de 24 de julho de 2002, faz público que a RURALBEJA – Feira de Santa Maria terá lugar nesta cidade, no Parque de Feiras e Exposições de Beja e nos terrenos adjacentes à Avenida Salgueiro Maia, de 9 a 13 de outubro de 2002.”¹⁰⁰

Em 2014 a autarquia da Câmara Municipal de Beja celebrou as Festas em honra de Santa Maria, de 14 a 17 de agosto, que assumem ser o revitalizar da antiga Feira de agosto, porém com uma programação bem diferente da antiga Feira. De 14 a 17 de agosto as festas de Santa Maria tiveram música tradicional Alentejana, música de baile e um grupo de gaitas e chocalhos de Viana do Castelo, no largo do Museu Regional de Beja. O dia 15, dia de Santa Maria foi comemorado com um espetáculo no Parque de Feiras e Exposições, com o cantor angolano Anselmo Ralph. Nesse dia houvera também uma missa solene em honra de Santa Maria da Feira. As festividades encerraram-se com um espetáculo de pirotecnia no Parque da Cidade de Beja.

A Feira de agosto por decisão da Câmara Municipal de Beja e atendendo ao descontentamento dos Feirantes sobre as condições impostas funde a Feira de São Lourenço e Santa Maria com a Rural Beja, que passará a realizar-se em outubro, perdendo o cariz tradicional e alterando a configuração da Feira. Em Ata do ano anterior de 11 de julho de 2001 fica patente o descontentamento dos Feirantes (ver Anexo XVIII).

2.5 – Outras Feiras e Mercados de Beja¹⁰¹

Para além da importante Feira de São Lourenço e Santa Maria, é necessário recordar outras antigas Feiras e mercados que se realizavam, e que, por alguma razão, deixaram de ter lugar.

¹⁰⁰ Edital da Câmara Municipal de Beja de 2002.

¹⁰¹ Entende-se por Feira o ato de expor um determinado produto ou tipo de produto. As Feiras, que podem durar até vários dias e ter diversas temáticas são compreendidas como grandes mercados. A definição de mercado expressa que pode ser um lugar-comum, ao ar livre ou coberto, para aquisição de mercadorias. Por norma, um mercado dura um curto período de tempo, geralmente não durando mais do que um dia. <http://www.priberam.pt/dlpo/Feira> (Consultado a 12 de junho de 2015). <http://www.priberam.pt/dlpo/mercado> (Consultado a 12 de junho de 2015).

Virgínia Rau dá conta de uma Feira instituída em maio (ver Anexo XX e XXI), a pedido da população Pacense, que poderá ser a Feira da primavera. Aponta a autora que esta decisão ficou estabelecida nas cortes de Lisboa em 1439. Esta Feira não diferia muito da Feira de agosto, apenas era mais “pobre”, durava menos tempo (começava geralmente no 1º domingo de maio, com a duração de 5 dias). A Ovibeja, a conhecida Feira de gado do Baixo Alentejo resulta da junção da Feira da primavera, com uma primeira exposição de ovinos em 1984 no âmbito da Feira da Primavera.

Os antigos mercados (ver Anexo XXI) realizavam-se nas primeiras e segundas terças-Feiras de cada mês, excetuando os meses em que havia Feira. Realizavam-se nos locais da Feira, e no antigo Mercado Municipal (entretanto demolido), no Largo dos Duques junto ao Museu Regional, antigo Convento da Conceição.

Capítulo IV – As Festividades Religiosas na cidade de Beja

O presente capítulo centra-se numa descrição de duas tradições de Beja, a Festividade das Maias, uma festividade conhecida em diversas culturas e com variações diferentes, e a tradição das Cavalgadas da manhã de São João Batista. Para melhor compreensão destas celebrações, o capítulo incluirá uma contextualização destas tradições nas Festas de cariz religioso bem como o panorama atual da sua prática na cidade.

1 – As festividades religiosas enquanto manifestação e herança cultural

As Festividades Religiosas definem-se como manifestações culturais presentes em diversas religiões do mundo¹⁰². A junção das palavras “festividade” e “religiosas” acomete o seu significado para a comemoração de um dia santificado, ou um acontecimento religioso que, por norma, é celebrado por um determinado grupo social. Tais manifestações e convicções não deixam de estar ligadas com o fator da identidade social, fortalecendo o sentido de pertença entre as pessoas. Esta é uma tese defendida por Joaquim de Sousa Teixeira:

*“ O conceito ontológico de identidade assume aqui um sentido antropológico dinâmico, em ato na construção social das identidades. Com efeito, entendida na sua relação com a festa, a identidade deixa-se colher mais nos processos comunitários de identificação (uma identidade in fieri) do que num modelo estático extrinsecamente proposto (uma identidade in facto esse). Tais processos identificativos pressupõem estruturas antropológicas transculturais constantes, reveladoras da «essência fenomenológica» da festa (tema da antropologia filosófica e da filosofia da cultura), sem a qual o discurso sobre festa e identidade corre um risco de empastelamento.”*¹⁰³

No caso das celebrações religiosas, os indivíduos tendem a manifestarem publicamente as suas convicções religiosas de modo a vincarem a sua identidade no grupo. As festividades são tidas como momentos de celebração da vida e uma quebra com a vida quotidiana, onde o sagrado e o profano coexistem ou, pelo menos, subsistem alguns elementos profanos. Num sentido amplo, estas celebrações servem para perpetuar as

¹⁰² http://pt.wikipedia.org/wiki/Festividades_religiosas (Consultado a 6 de maio de 2015).

¹⁰³ TEIXEIRA, Joaquim – *Festa e Identidade*, p. 17.

tradições milenares, constituindo um testemunho precioso para a identidade de um povo e uma forma rica de património cultural e de memória. Os Festivais Religiosos ou *feriae*, eram uma parte elementar do quotidiano dos Romanos, tanto durante e era Imperial como na Republicana, e o calendário Romano girava em torno das celebrações. Estas celebrações, públicas ou privadas, recebiam fundos públicos, e serviam muitas vezes para honrar a memória de um indivíduo ou famílias inteiras. Como a religião Cristã é a que reúne maior número de fiéis, contando atualmente com cerca de 2.4 biliões de seguidores (seguida do islamismo, do hinduísmo e do budismo, respetivamente), faz sentido que este Capítulo mencione ainda que de uma forma genérica as celebrações religiosas adotadas por esta doutrina, dado ser também a confissão religiosa dominante em Portugal. Uma das festividades que o Relatório de Estágio irá acompanhar é igualmente uma festividade tradicional cristã.

Em Portugal os censos realizados em 2011 revelam 7 281 887 cristãos católicos¹⁰⁴ dos seus 8 989 849 habitantes, representando assim a maioria absoluta, mais do que qualquer religião no país (religião Judaica 3 061, religião Muçulmana 20 640, outra não cristã 28 596). A religião católica no nosso país acaba por estar muito relacionada à cultura Portuguesa, manifestando-se de várias formas (pintura, escultura, património construído, música e literatura). Um dos momentos de maior significado no panorama católico português aconteceu em 1917, com a aparição da Virgem na Cova de Iria. Hoje no local encontra-se erigida um santuário a Nossa Senhora de Fátima, que regista todos os anos um número crescente de visitantes¹⁰⁵. O culto da manifestação religiosa em Portugal tem sido bem documentado através dos tempos. Pierre Sanchis ressalta a importância da celebração religiosa e do culto cristão no quotidiano dos portugueses:

“ Chega a Páscoa e a primavera e Portugal inteiro entra no ritmo da festa, até aos primeiros anúncios do outono. Ritmo que, aliás apenas abranda durante os meses de inverno. As aldeias celebram o seu patrono principal na igreja da paróquia e na praça que a rodeia, ou então o santo titular de uma capela secundária, no desvio de uma rua, ou de uma ermida rural; as cidades importantes multiplicam as festividades, que culminam geralmente com a festa municipal ou do ‘Concelho’, festa que pode durar

¹⁰⁴http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006396&selTab=tab10 (Consultado a 7 de maio de 2015).

¹⁰⁵ As estatísticas mais recentes referentes ao número de visitantes do Santuário de Fátima demonstram que no ano de 2014 se registaram 151. 172 Peregrinos individuais a visitarem o Santuário de Fátima. Fonte: Arquivo e Biblioteca do Santuário de Fátima.

vários dias e juntar à espontaneidade da multidão, que então ocupa a rua, as cerimónias religiosas, os espetáculos e desfiles programados e organizados pela administração.”¹⁰⁶

Tal como Pierre Sanchis demonstra, tanto os guias turísticos como as associações locais e até as próprias pessoas das aldeias rejubilam com as celebrações religiosas. Estas celebrações, tal como tudo o que integram, constituem parte significativa da herança cultural, ligadas à constante transformação social da população. Com a evolução dos objetos do dia-a-dia também os costumes e objetos que fazem parte das festas se alteram, seja os instrumentos musicais, as roupas utilizadas, os costumes que se perdem e que fazem com que cada vez mais os anciãos repitam a mesma frase vezes sem conta quando é notícia alguma prática extravagante que irrompe pelas festas “se vocês vissem isto há anos, não era assim!”. Mas as antigas tradições que durante algum tempo foram esquecidas devido à necessidade de quebrar com tudo o que era antigo, numa época pós-Salazar, estão cada vez mais a voltar em força. Explica Pierre Sanchis que “(...) *de tempos a tempos desenha-se uma reação, por vezes encorajada pelos poderes públicos: uma tradição que não quer morrer aproveita-se de todas as brechas que se lhe oferecem para insinuar um seu rebento, de todo o espaço ainda livre para nele germinar um botão. Desaparecimentos, transformações, tentativas de ressurreição ou de sobrevivência temporária, mas também novos nascimentos. O calendário das festas não assinala, ao longo dos anos, decrepitude nem mesmo estaciona. Por uma que desaparece reforçam-se dez, e quantas novas festas surgem um pouco por toda a parte! As mesmas? Ou semelhantes? Não completamente. E se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação.*”¹⁰⁷

2 – Festa das Maias

Vários são os autores que nas suas obras sobre etnografia portuguesa ou costumes e celebrações cíclicas abordam a tradicional e muito antiga festa das Maias. De todos os autores que iremos abordar durante o presente Capítulo, o que reúne mais detalhes e nos quais iremos apoiar a pesquisa será Jorge Lage, que editou em 2010 a obra *As Maias: Entre mitos e crenças* o autor debruçou-se à partida no *Dictionnaire de la Mythologie Greque et Romaine* para explicar o simbolismo e a mística desta festa, que tem as suas origens nos costumes dos antigos Romanos, sendo adaptada um pouco por todo o mundo.

¹⁰⁶ SANCHIS, Pierre – *Arraial: Festa de um Povo*, p. 15.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

Em Portugal, esta tradição enraizou-se desde cedo, mas atravessou uma fase conturbada quando, tal como a maior parte todas as tradições, foi quase obliterada pelo pós 25 de abril de 1974 numa clara rutura com tudo o que simbolizava o antigo e tradicional. Ultimamente, assiste-se a uma quebra com esta rigidez e ressurgem os antigos costumes, difundidos pelos mais jovens através das escolas e autarquias locais que cada vez mais alertam para o perigo de se deixar cair no esquecimento algo tão importante como uma tradição centenária. Contudo, para se compreender a origem e o porquê de uma tradição, é necessário explorar as suas origens.

2.1 – A História das Maias

Paulo Lage explica que alguns dicionários enciclopédicos que consultou referem-se ao termo Maia como *“a antiga festa popular nos primeiros dias de maio, em homenagem à primavera.”*¹⁰⁸ Esta parece a definição mais assertiva para dar início à explicação do que consiste a Festa das Maias. Todos os autores pesquisados tem uma opinião unânime sobre o significado e no que consistia esta celebração. Manuel Joaquim Delgado diz que *“a festa tinha variantes, mas em geral constava da coroação com flores de uma rapariga de 10 ou 12 anos, a Maia, que se enfeitava com um vestido branco, joias, fitas e flores, sendo colocada num trono florido, e em frente da casa, onde ela ficava, dançava-se durante todo o dia. Em certas terras, cada rua tinha a sua maia, qual delas mais vistosamente vestida e aperaltada.”*¹⁰⁹ Rocha Peixoto refere um pormenor muito importante, que reside nos enfeites das meninas Maias, que consistiam de giestas em flor: *“As giestas são associadas ainda aos enfeites das Maias e do maio moço (...) nalgumas terras é um homem a cavalo ou um rapaz todo vestido de giesta florida e acompanhado de outros rapazes e raparigas cantando (...).”*¹¹⁰

Também Ernesto Veiga de Oliveira¹¹¹ menciona os adágios comuns do mês de maio, onde explica que a aposição de flores nas portadas das janelas se faz na noite de véspera para que o mês de maio encontre as casas floridas, desde o início, para que a personagem “burro” ou “maio” não entre em casa. Esta personagem existe associada também a um preceito matutino em que a população tem que se levantar cedo para que o

¹⁰⁸ LAGE, Paulo – *As Maias: Entre mitos e crenças*, p. 27.

¹⁰⁹ DELGADO, Manuel Joaquim – *A Etnografia e o folclore no Baixo Alentejo*, p. 152.

¹¹⁰ PEIXOTO, Rocha – *Etnografia Portuguesa*, p. 55.

¹¹¹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – *Festividades Cíclicas em Portugal*, p. 111.

“maio” não os encontre deitados. Estas entidades são, assim, também associadas às maleitas e apregoadas em género de ameaças.

Paulo Lage identifica os adágios associados às Maias com a possível relação da agricultura:

*“Alguns investigadores fazem recuar a origem dos Maios ao Paleolítico ou ao Neolítico quando apareceu a agricultura. Seja como for, é claro que esta tradição nasceu da necessidade de invocar a proteção dos deuses através de um ritual, para os produtos semeados e outros bens que se possuíam, bem como para conseguirem proteção para eles próprios.”*¹¹²

É portanto um rito destinado a favorecer a fecundidade e a fertilidade das terras com o intuito de propiciar colheitas favoráveis. As Maias representam uma tradição milenar que revela raízes sobretudo mitológicas clássicas, que Jorge Lage liga direta ou indiretamente a tradições antigas no mês de maio ou da primavera que ajudam a compreender melhor esta celebração. Na maioria das religiões antigas adorava-se a deusa-mãe, representada com pequenas estatuetas, dotada do poder de garantir o futuro da nossa espécie. A figura da deusa-mãe ou da mulher, que pode ser associada à menina maia, ou à maia giesta em flor (símbolo do crescimento e fertilidade) aparece, por exemplo para os ameríndios¹¹³ com a figura de uma donzela virgem para uma melhor fecundidade, e ser mais fácil o bem poder vencer o mal – como da abundância contra a fome, bem como a felicidade contra a doença e a morte (LAGE: 2010). Também próximo desta noção de celebração das colheitas e fertilidade haviam ainda, segundo o autor *“as donzelas do milho, na América Central, que ali dançavam para que a colheita fosse boa.”*¹¹⁴. No Egito, quando os faraós dominavam as terras férteis do Nilo, em honra da deusa Ísis, deusa da magia e natureza, faziam-se grandes festas, sendo a figura central da celebração também uma mulher. Sabe-se, assim, que o costume de se celebrar no mês de maio a figura feminina de modo a enaltecer o ciclo produtivo e reprodutivo provem dos costumes antigos, e que oram fortemente influenciados pela mitologia. Estas celebrações estavam também ligadas ao culto da deusa Flora. A deusa Flora era uma divindade da mitologia Romana, símbolo das flores e da primavera, adorada pelos Sabinos. É representada a colher flores com uma mão e na outra com um ramo em forma de cone da abundância.

¹¹² LAGE, Jorge – *As Maias: entre mitos e crenças*, p. 28.

¹¹³ Os ameríndios eram o povo nativo originário da América, antes da chegada dos Europeus ao continente.

¹¹⁴ LAGE, Jorge – *As Maias: entre mitos e crenças*, p. 29.

Conta-se que oferece à deusa Juno, o equivalente à deusa Hera da mitologia grega, uma flor e quem a tocasse ficava fecundada. Os romanos, sabendo desta magia, graças a uma flor, puseram o nome de março ao primeiro mês da primavera. (LAGE: 2010)

Tal como na mitologia clássica, as maias na forma de flor fazem uma aparição no Cristianismo. Relata Jorge Lage que *“com a passagem do «mal» pelas casas, havia, por isso, a necessidade de as blindar contra tudo o que fosse malévolos. E tem paralelo no Êxodo dos Hebreus do Egito, narrado na Bíblia, onde as flores de giestas são substituídas pelo marcar das portas com sangue de cordeiro ou cabrito, para que os israelitas ficassem protegidos dos males que ameaçam a condição humana e os bens domésticos. Esta força protetora das Maias parece-nos uma forte razão da sua sobrevivência.”*¹¹⁵

Porém, não é apenas através deste episódio que as Maias são associadas ao Catolicismo. Mais tarde a Igreja consagrará o mês de maio a Maria, mãe de Jesus, e poderá associar-se também a celebração do Dia da Mãe¹¹⁶ em muitos países, a esta prática (apesar de a Igreja Católica proibir expressamente a celebração das Maias já nesta altura). Se antes esta celebração era bem recebida, com a difusão do Cristianismo na Península Ibérica as Maias foram sendo aqui excomungadas. Jorge Lage analisa esta evidência com exemplos da *Grande Enciclopédia Galega*:

*“O Concílio de Lugo, no século VIII, proibia, também, as manifestações populares fitolátricas contrárias ao cristianismo. Mas passava-se a assimilá-las ou a adaptá-las, passando maio a ser o mês de Maria e os dias dedicados aos santos, como o dia três à Santa Cruz. As interdições continuaram na Idade Média. (...) O rei de Espanha, Carlos IV (e já Carlos III), em 1785, ordenava que nenhuma pessoa se vestisse de Maia, nem pedisse com pratinhos, nem os pais deixassem os filhos construir altares”*¹¹⁷.

Apesar de hoje em dia se festejarem as Maias e de ser costume as crianças pedirem dinheiro e enfeitarem-se com as giestas, a verdade é que a proibição outrora imposta não foi levantada. Apenas a tradição deixou de ser vista como uma celebração a uma divindade específica e passou a festejar-se a Maia como uma festa de e para as crianças, com simples jogos, que chegaram até aos nossos dias.

¹¹⁵ LAGE, Jorge – *As Maias: entre mitos e crenças*, p. 41.

¹¹⁶ Em Portugal o Dia da Mãe celebra-se no primeiro domingo do mês de maio.

¹¹⁷ LAGE, Jorge – *As Maias: entre mitos e crenças*, p. 42.

2.1.1 – Maias em Portugal

Como em qualquer tradição, também as Maias tem as suas variações de Norte a Sul de Portugal, onde cada terra adapta a celebração de acordo com os seus próprios costumes, mas no geral em Portugal, segundo Ernesto Veiga de Oliveira em *Festividades Cíclicas em Portugal*, as Maias comemoram-se de duas formas principais, através de consagrações florais por todo o país, com a decoração de flores patentes nas janelas e portas das casas e através de Manjares Cerimoniais, costume de cada região. Tal como os manjares, também os cantares do mês de maio existem.

Concretamente no Alentejo, Jorge Lage explica que a Maia Alentejana costumava estar sentada numa cadeirinha com um pano branco sobre os ombros, enquanto as Aias e Aios – meninas e meninos que acompanhavam a Maia – pediam ao seu redor: “*Esmolinha à Maia / Para um pandeiro / Que não tem dinheiro!*”¹¹⁸.

Estas ladainhas que as crianças cantavam por ocasião das Maias, apenas chegaram até aos nossos dias através dos testemunhos de autores como Manuel Joaquim Delgado que ensina que em certas terras havia o costume de as crianças andarem em bando a cantar de porta em porta:

*“Este maio moço,
Chama-se João;
Anda na campanha,
Lindo capitão.”*

Depois o grupo responde:

*“Ele lá vai, ele lá vem,
Pelas portas de Santarém.
Vivó, vivó,
Passe por lá muito bem.*

Se a pessoa a quem cantavam não lhes dava nada, diziam:

*“Este maio é de lírios;
E o vosso é de assobios;*

¹¹⁸ LAGE, Jorge – *As Maias: entre mitos e crenças*, p. 66.

*Este maio é de rosas,
E o vosso é de cordas.*”¹¹⁹

Hoje em dia as crianças não conhecem já estas expressões, nem conhecem a origem e a tradição das Maias, que tem vindo a cair no esquecimento e tem acatado mudanças principalmente a nível de vestuário, tal como se comprova com as recentes edições da Festa das Maias organizada em Beja pela adpBEJA (ver Anexo XXIV). Nas primeiras edições das festas das Maias organizadas pela adpBEJA, o mote da celebração era o concurso da Maia mais tradicional e que melhor simbolizasse o espírito da festividade e a chegada primaveril. Manuel Joaquim Delgado comenta também as alterações que se fizeram à celebração para se acomodar melhor ao passar dos anos, e o facto de muitas tradições perderem o seu cariz original ou até mesmo desaparecerem:

*“Lembra-me de, quando eu era menino e moço, ver o entusiasmo que reinava entre os componentes dos grupos e, às vezes, entre as próprias mães, que tudo faziam para que as suas maias fossem as mais formosas e bem ataviadas de todas. Desse entusiasmo de competição não raro acontecia resultarem discussões e rixas que, valha a verdade, nem sempre terminavam muito agradavelmente, o que causava aborrecimentos e não era para desejar. (...) Em Beja, tanto os folguedos carnavalescos pelas ruas, como as festas do 1º de maio, as maias e os próprios bailes em volta dos mastros pelo S. João, têm, nestes últimos, caído em desuso. Assim continuando, é de crer que tendem mesmo a desaparecer de vez. Ainda hoje se vê uma ou outra maia, mas mal ataviada e sem graça nenhuma.”*¹²⁰

O costume das meninas Maias era vestirem-se com um simples lençol branco cravejado de flores do campo – as tradicionais giestas amarelas – que serviam também para adornar a cabeça das crianças. As Maias mais recentes não seguem uma regra específica de vestimenta utilizando apenas um vestido branco, dando-se mais pormenor na elaboração do trono e dos adereços floridos.

2.2 – As Maias em Beja

Desde sempre se fizeram Maias em Beja, contudo os registos (escritos e fotográficos) sobre esta celebração na cidade são escassos. Sabe-se apenas que a

¹¹⁹ DELGADO, Manuel Joaquim – *A Etnografia e o folclore no Baixo Alentejo*, p. 153.

¹²⁰ *Idem*, p. 155.

festividade foi realizada de maneira espontânea pelas gentes de Beja para manter a tradição, mas adaptando a mesma a ser mais direcionada como um entretenimento de crianças, não mais que isso. (GOES: 1999)¹²¹ Em 1983, a Festa das Maias foi organizada por Florival Baiôa Monteiro, quando dirigia o Núcleo de Etnografia da Casa da Cultura da Juventude de Beja. Esta edição contou já com um concurso onde ganharia a Maia cujo traje estivesse mais de acordo com a tradição. Após a fundação da adpBEJA em 1979 os sócios procuraram agir em áreas relacionadas com o património local e atuar de modo a preservar certas tradições. A par de promover concursos de gastronomia e doçaria regional e dar a conhecer tudo o que a terra tinha de melhor, decidiram em conjunto tomar as rédeas da organização da festa das Maias (ver Anexo XXV), que desde tempos remotos era feita sem quaisquer ajudas pelos pais e pelas crianças da cidade. Em 1985, organizaram a primeira festa das Maias com o dia 11 de maio a ser reservado para as Maias individuais, e no dia 15 de maio as Maias coletivas. No dia das Maias individuais organizavam-se concursos para escolher a Maia que apresentava a aparência mais tradicional. Os aspetos a ter em conta consistiam nas vestimentas, acessórios e os detalhes do trono que deveriam ser elaborados tendo em conta os materiais tradicionais utilizando o tecido branco, as flores campestres e as folhas de eucalipto para decoração do trono. Estas Maias normalmente eram espalhadas pelo Centro Histórico e pela cidade, como antigamente, iluminando as passagens com as flores campestres. No final do dia, o júri, constituído pelos dirigentes da adpBEJA escolhia a menina Maia que mais pontos obtivera através de um somatório de campos. À vencedora era dado um prémio específico e às participantes era entregue um certificado de participação. As Maias coletivas que se realizavam no fim do mês consistiam numa Maia rodeada de Aias que faziam companhia à Maia. Por vezes, e como manda a tradição, também se viam os ocasionais Aios. Este dia, tal como o dia dedicado à Maia individual era celebrado com cantorias e diversões para as crianças. Estas Maias tinham que inscrever-se através de um Boletim inserido no periódico *Diário do Alentejo*, enviado por carta ou entregue presencialmente na sede da adpBEJA, até 1986 provisoriamente no Museu Regional de Beja e a partir desta data na Rua da Misericórdia nº 10, até ao século XXI. Este evento era organizado pela adpBEJA com a colaboração da Câmara Municipal de Beja, da fundação INATEL, das Juntas de Freguesia e da Associação de Comerciantes da cidade. No ano de 1986 as Maias foram apresentadas com um espetáculo organizado pela adpBEJA e com a atuação do cantor de

¹²¹ GOES, Manuel Casteleiro – *Beja XX Séculos de História de uma Cidade Tomo II*, p. 538.

canções infantis Avô Cantigas. Este acontecimento marcou a festividade das Maias e veio cimentar a reputação da festa como uma celebração de cariz tradicional com o enfoque nas crianças. O último ano em que a adpBEJA organizaria as Maias seria em 1989, após um período constante a produzir a festa. O Vice-presidente da adpBEJA, António Curre Barahona, alega que não existiam condições sobretudo financeiras para a realização do evento nos anos seguintes. Assim, a partir de 1990 a festa das Maias foi realizada pelas escolas primárias da cidade onde cada turma tinha uma menina Maia ou Aia a participar. Mais uma vez, os adereços e as roupas eram feitos pelas mães das meninas e os tronos eram enfeitados e decorados com a ajuda das crianças pelas professoras. Os tronos eram espalhados pelo Centro Histórico, com ênfase na zona da Rua de Mértola – conhecida pela população como Portas de Mértola. Esta prática decorreu mais ou menos constantemente, sem grandes alaridos ou publicidade, pelo que não existem registos que possam provar os anos em que a organização foi feita por parte das professoras.

No ano de 2014 a adpBEJA decide revitalizar uma das mais antigas tradições da cidade e organiza nesse ano a festa das Maias. Esta iniciativa foi muito bem recebida pela cidade e noticiada em vários periódicos da cidade bem como na rádio. A festa teve lugar no dia 10 de maio de 2014 na zona das Portas de Mértola e desde o seu início às 10h contou com várias animações a cargo dos alunos da Escola Profissional Bento Jesus Caraça e pelos alunos do Conservatório Regional do Baixo Alentejo. Também houve atuação de artistas locais como os grupos tradicionais. Na parte da tarde a festa prolongou-se no Jardim Público onde as famílias eram convidadas a fazer um *pic-nic* e a assistir a um pequeno espetáculo de teatro a cargo do Teatro Fórum de Moura. A animação da tarde contou com jogos tradicionais e uma sessão de contos. No espetáculo o encerramento, houve entrega dos diplomas a todas as Maias e Aias e Aios participantes. A festa foi organizada pela adpBEJA com o contributo da Câmara Municipal de Beja.

Em 2015 a tradição repete-se com a organização a definir a data da festa das Maias para 15 e 16 do mês de maio (ver Anexo XXVI). Inicialmente, o Programa delineado contaria, tal como no ano anterior, com animação e decorreria também no Jardim Público, mas entretanto a Câmara Municipal de Beja decide organizar no mesmo fim-de-semana a segunda edição da festa Beja Romana, uma recriação da cidade na época romana, onde destaca grande parte dos grupos de animação da cidade para este festival. A adpBEJA decide assim manter apenas o Programa original e ter as Maias nas Portas de Mértola, apesar de a Rota do cortejo a cavalo do Beja Romana incluir uma passagem aqui, o que

levantou preocupações pelo bem-estar das crianças. A festividade de 2015 incluiria na manhã de sexta-Feira dia 15 as Maias apresentadas pelas escolas e na manhã de dia 16 as Maias que se inscrevessem pelos pais. A animação ficou mais uma vez a cargo da Escola Profissional Bento Jesus Caraça e o encerramento do evento foi feito às 12.30h, com a entrega dos diplomas aos participantes a cargo do Presidente da adpBEJA. Tal como no ano anterior, algumas organizações¹²² foram escolhidas para criar colares e coroas tradicionais de flores do campo (apanhadas previamente pela organização do evento) para entregar às Maias

2.2.1 – A Memória das Maias em Beja

Durante o trabalho de Estágio e a investigação decorrente relativa às festividades de cariz religioso, e tal como sucedeu com a recolha das memórias sobre as Feiras de Beja, também foi realizada a recolha das memórias de antigas Maias da cidade para uma melhor compreensão de como era vivida e organizada esta festividade e o que pensam as entrevistadas sobre estas práticas e costumes. Através da página de *Facebook* da adpBEJA, instituição onde estagiava, a mestranda lançou o desafio a antigas Maias para que estas pudessem dar uma entrevista que consistiria de oito perguntas. Ao todo, foram realizadas cinco entrevistas a cinco pessoas do sexo feminino com idades compreendidas entre os 10 e os 50 anos. As entrevistas (ver Anexo XXVII) foram gravadas e serão reproduzidas em anexo. As perguntas realizadas foram as seguintes:

- 1 – Que memórias guarda do dia em que foi Maia/Aia?
- 2 – Qual o percurso que era feito pelo cortejo na cidade/ onde estavam as Maias sentadas?
- 3 – Quem escolhia as participantes no cortejo e a Maia/ quem as inscrevia?
- 4 – Havia personagens masculinas? Se sim, qual a sua função?
- 5 – Quem elaborava os adereços? E os vestidos?
- 6 – Para si, que significado tinha esta tradição?

¹²² As organizações disponíveis para colaborar com a adpBEJA seriam a Cáritas Diocesana, os utentes do Lar Residencial de Beja, os utentes do Centro Social do Lidador, os utentes da Cruz Vermelha, o Centro Social e Paroquial do Salvador e a Associação Sementes de vida.

7 – Lembra-se dos cânticos característicos das Maias?

8 – Acha importante a prática e o reavivar destas tradições? Porquê?

Entre as Maias que responderam a estas perguntas (ver Anexo XXVIII) quatro foram escolhidas pela turma na escola e uma Maia foi do tempo ainda em que esta festividade se celebrava espontaneamente nas ruas da cidade. Quem elaborava os seus adereços eram as mães que vestiam as raparigas com um vestido simples branco que já tivessem e eram também as mães que elaboravam os colares de flores. De todas as Maias entrevistadas, nenhuma percebia o conceito e o que significava ser Maia, não lhes era explicado o porquê de se sentarem num trono adornado com flores, o que demonstra que, apesar de ser uma tradição muito antiga da cidade, as crianças que interpretam a personagem da Maia não conhecem a sua raiz. Apesar disto, a maioria das entrevistadas considera este e outros costumes vitais para o património da cidade e consideram importante manter estas tradições e até educar as gerações vindouras sobre o seu significado.

3 – A Cavalgada da Manhã do dia de S. João Batista

As Cavalgadas da Manhã do dia de S. João Batista – ou Cavalhadas (ver Anexo XXIX) como são conhecidas pelo povo – são uma tradição medieval Portuguesa que existe até aos dias de hoje em algumas terras sobretudo no Norte. Em Beja, esta tradição terminaria em 1835, mas seria reavivada pela Associação de Defesa do Património Cultural da Região de Beja em 1988, mas apenas nesse ano.

3.1 – História das Cavalhadas

Para compreender a tradição antiga das Cavalhadas é necessário perceber a mística à volta de São João. Casteleiro de Goes explica em tom de graça que no ciclo festivo dos chamados Santos Populares, o dia de S. João levava a palma aos de Santo António e de S. Pedro. Festejados todos de igual modo com os mastros, S. João garantia maior concurso de foliões por se rodear de rituais pouco exigentes, até agradáveis de cumprir e que andam todos em torno da água (GOES: 1999)¹²³. A água, já de si um elemento místico, é associada a este santo pelo costume com que se purgavam os males do corpo olhando ao antigo ritual dos banhos sagrados no rio Jordão e à prática do

¹²³ GOES, Manuel Casteleiro – *Beja XX Séculos de História de uma Cidade Tomo II*, p. 543.

Batismo, que se considera o sacramento de purificação das almas segundo a religião do Catolicismo. E apesar de a água e o fogo serem elementos opostos, Casteleiro de Goes afirma que a Igreja admitiu-os como purificadores da alma humana, ou seja, a água pelo batismo e o fogo pela expiação dos pecados do purgatório. Deste modo as fogueiras (onde os foliões dançavam e saltavam em honra deste santo para afastar o mal) de S. João estão assim associadas ao culto festivo cristão. Outro aspeto também celebrado em Portugal em honra de S. João são as cavalgadas celebradas na manhã de 24 de junho. Explica Ernesto Veiga de Oliveira que “*o costume, que compreendia geralmente escaramuças festivas, em ruidosos jogos de canas, simulados torneios, documenta-se já em diplomas do século XV, um dos quais, referido à vila de Óbidos, o menciona como sendo «huua postura antigua, que se fez em louvor de São João Bautista».*”¹²⁴

O autor faz a descrição desta festividade da seguinte forma:

*“No dia de S. João, todos, antes de ser manhã, cavalgam e se vão à porta do juíz, e com a bandeira da vila andam por ela a derredor com toda a festa e escaramuça e canas com muito alvoroço e vão ouvir missa a casa de S. João Batista. E faz-se sempre por este dia um almoço, que se dá aos que cavalgam, à custa do concelho.”*¹²⁵

Não só em Portugal, como também em países no estrangeiro¹²⁶ se mantém esta tradição. A mais famosa e difundida nos meios de comunicação social no nosso país será a tradicional Cavalgada de S. João Batista de Vildemoinhos, em Viseu.

3.2 – A Cavalgada da manhã de S. João Batista em Beja

Apesar de não abundar a documentação sobre esta prática em Beja, em 1985 Maria José Toucinho e Joaquim Figueira Mestre editam, com a Câmara Municipal de Beja, a obra mais detalhada sobre esta tradição intitulada *Uma antiga Tradição de Beja “A Cavalgada da manhã do dia de S. João Batista”*. Esta obra nasce da necessidade de recordar a tradição extinta em 1835, e que seria reavivada três anos após a edição da obra, em 1988 pela adpBEJA. A obra é constituída não só por relatos da população mas também com documentos existentes no Arquivo Municipal da cidade de Beja. Em primeiro lugar,

¹²⁴ OLIVEIRA, Ernesto Veiga – *Festividades Cíclicas em Portugal*, p. 159.

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ Celebram-se também as Cavalhadas na cidade de Pirenópolis, no Brasil onde a lenda tem uma variação. Nesta terra comemora-se a cruzada de Carlo Magno, um guerreiro Francês Cristão que no século VI batalhou contra a religião Islâmica.

é-nos descrito pelos autores do percurso desta atividade, assim como dos locais onde culminava a festa: *“o juiz e os oficiais da camara dita de São João Bautista... sahem da casa do alferes E vão à orta do arrieiro que está obrigada a dar d’antigamente ramos com que se todos enramão e dali vem asi direito à praça desta villa onde se dá um convite de bolos, vinho e frutas, e então vão a Santa Clara e... depois de pugnarem as canas e folgarem vão até à pousada do alferes e ahi se despedem e se vem cada hum para a sua casa e jantar... e à tarde correm touros na praça e se os não há tornam acompanhando a camara a dar outro convite na orta do convento de Santa Clara.”*¹²⁷

Todos os anos, na manhã de São João Batista, o Senado Municipal se dirigia ao Mosteiro de Santa Clara¹²⁸ para apresentar cumprimentos, conduzindo a cavalo a bandeira real, que era obrigatoriamente acompanhada de uma cavalgada (GOES: 1999).¹²⁹ A tradição ditava que a bandeira da Câmara, ou bandeira real, deveria ser recebida com pompa e circunstância pelas freiras que, na Portaria do convento, ofereciam aos integrantes do cortejo um copo-de-água. Após esta cortesia a cavalgada dirigia-se depois à Igreja de Nossa Senhora de ao-Pé-da-Cruz, de onde partia para a Fonte do Areeiro para se refrescarem com a água de S. João. No final, o cortejo dirigia-se para junto do edifício da Câmara, na antiga Praça D. Manuel I – atual Praça da República – onde era servido um banquete. Já no século XVI a organização da cavalgada obedecia a determinadas regras:

“A concentração dos participantes fazia-se ao nascer do sol junto do Tanque dos Cavalos¹³⁰ onde os cavaleiros iam dar de beber às montadas e receber as canas que os hortelões das Hortas do Tanque e da Abóbada, por obrigação, forneciam para ser distribuídos por todos os acompanhantes da bandeira¹³¹, tanto os de cavalo como os de pé, sendo vedado aos hortelãos dar canas a quem quer que fosse, antes da chegada da bandeira real conduzida pelo alferes na sua qualidade de porta-bandeira. Dali partiam os cavaleiros em direção à cidade que contornavam, a sul, pelas Olarias e Rua de Santa Catarina, com passagem pela Corredoura, indo tomar a Estrada de Lisboa até ao

¹²⁷ TOUCINHO, Maria José; MESTRE, Joaquim – *Uma antiga tradição de Beja. “A Cavalgada da manhã do dia de S. João Batista”*, p.7.

¹²⁸ O Mosteiro da Santa Clara foi fundado em 1340 fora das muralhas de Beja por iniciativa de D. Afonso IV. Abrigada a Ordem dos Frades Menores e era um Mosteiro exclusivamente com religiosas do sexo feminino. Foi extinto em 1886 após a morte da última religiosa no âmbito da reforma geral eclesial.

¹²⁹ GOES, Manuel Casteleiro – *Beja XX Séculos de História de uma Cidade Tomo II*, p. 544.

¹³⁰ O Tanque dos Cavalos é o local onde se situa hoje o Bairro de São João.

¹³¹ Casteleiro de Goes denota aqui que a documentação mais antiga fala da bandeira real, mas em documentação mais recente pesquisada pelo autor, fala-se na bandeira da Câmara.

Mosteiro de Santa Clara onde o Senado, a Vereação, os nobres, os fidalgos, os antigos vereadores e almontacés eram recebidos pelas madres que lhes ofereciam um copo-de-água à base de confeitos e outros mimos gastronómicos. Finalizado o jejum, o cortejo reorganizava-se e partia, contornando a cidade pelo Norte, em direção à Igreja de Nossa Senhora ao Pé da Cruz a caminho da Fonte do Areeiro onde os cavaleiros se dessedentavam antes de regressarem à cidade para, na Praça Grande, se deliciarem com os doces ofertados pela Câmara.”¹³²

Este percurso, começa no século XVII a perder entusiastas. Em 1627 dá-se mesmo conta de que foram presos e multados três *homens* “*por terem faltado ao acompanhamento da bandeira na manhã de S. João de 1672, e por terem incitado outros homens com foro de fidalgos a não irem com a bandeira.*”¹³³ Esta passagem demonstra a rigidez deste costume que em 1697 estava já em vias de terminar para sempre. Nesse ano, nenhum nobre ou fidalgo, nem as pessoas acostumadas a estar na administração da cidade, nem os descendentes dos antigos vereadores acompanharam a bandeira na manhã de S. João Batista (GOES: 1999)¹³⁴. Apesar da severa punição de 1672, nesse ano D. Pedro II ordena que não se proceda criminalmente contra os faltosos, mas manda que nas próximas edições da cavalgada seja afixado um edital no Pelourinho da Praça para que a todos seja notório o dever de comparecer e acompanhar a bandeira sob pena de oito dias de prisão domiciliária contra os nobres e fidalgos, caso faltassem, e cadeia pública para o resto do povo. Uma provisão de 12 de junho de 1673 dá-nos uma ideia sobre as pessoas que integravam o cortejo das Cavalhadas, sendo algumas eram mesmo obrigadas a ir, devido à sua posição social: “*... bom antigo e nobre uso de acompanharem todas as pessoas assim nobres como fidalgos a bandeira da camara na manhã de São João Bautista pelos lugares públicos dessa cidade que sucedendo estarem nella os senhores Infantes n’esse dia a acompanharão pessoalmente.*”¹³⁵ Todas as pessoas importantes da Corte eram obrigadas a participar, sobretudo os fidalgos, que deveriam carregar a bandeira real. Em 1835, como já havia sido apontado por Maria José Toucinho, foi a última vez que se cumpriu a tradição, segundo o Padre José Inácio de Mira. Neste ano já não se fez cavalgada, organizando-se apenas um cortejo “*sem qualquer pompa*”.¹³⁶ Os vereadores

¹³² GOES, Manuel Casteleiro – *Beja XX Séculos de História de uma Cidade Tomo II*, p. 545.

¹³³ *Ibidem*.

¹³⁴ *Idem*, p. 546.

¹³⁵ TOUCINHO, Maria José; MESTRE, Joaquim – *Uma antiga tradição de Beja. “A Cavalgada da manhã do dia de S. João Batista”*, p.7.

¹³⁶ GOES, Manuel Casteleiro – *Beja XX Séculos de História de uma Cidade Tomo II*, p. 547.

não cumpriram nesse ano o percurso habitual. Havia também cavalcadas sem ser para comemorar a manhã de S. João Batista. Por norma, as cavalcadas que respeitavam o mesmo percurso e trajeto da cavalcada original de junho eram realizadas para honrar as festas da cidade ou para comemorar o nascimento de um príncipe. Estas incluíam justas e os tradicionais jogos a cavalo.

3.3 – As Cavalcadas organizadas pela Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja

Quando a adpBEJA iniciou as suas funções em 1979 comprometeu-se, entre os seus objetivos a “*divulgar o património cultural da região através de todos os meios ao seu alcance.*”¹³⁷ De entre o património cultural da região que a adpBEJA se comprometeu a divulgar entre a tradição das Maias acima referida, resolveu também no ano de 1988 revitalizar a tradição das cavalcadas.

Esta festividade decorreu a 12 de maio, no âmbito das festas da cidade de Beja e teve organização da adpBEJA e da Câmara Municipal de Beja, com a coordenação da Guarda Nacional Republicana e da Sociedade Hípica de Beja, que estiveram envolvidos para prestar apoio. A cavalcada percorreu o núcleo do Centro Histórico de Beja – um percurso diferente do original das cavalcadas – e os jogos tradicionais a cavalo a ter lugar no Jardim Público da cidade. Esta iniciativa visou reativar uma tradição há muito erradicada, que nos seus anos finais foi caindo em desuso e falta de interesse por parte da população. Um dos principais objetivos deste evento foi também o de reunir mais população no Centro Histórico da cidade, que já nesta altura se encontrava de certo modo despovoado, com a área urbana da cidade a expandir-se cada vez para mais longe do centro.

Apesar do sucesso da iniciativa e de ser louvada nos meios de comunicação social da região: “*(...) quer as cavalcadas, desta vez não na Praça da República mas no Jardim Público, mereceram a atenção e entusiasmo de centenas de pessoas, o que tem de considerar-se estimulante para os organizadores, para que, em anos vindouros, as festas da cidade melhor se dimensionarem constituindo um cartaz turístico que traga à capital do Baixo Alentejo gente de outras paragens, que agora aqui não estivesse, talvez por desconhecimento (a divulgação parece não ter sido muito cuidada) ou dívidas sobre o*

¹³⁷ <http://www.adpbeja.pt/index.php/a-associacao/historial-da-associacao> (Consultado a 30 de julho de 2015).

êxito da iniciativa.”¹³⁸ (ver Anexo XXX). Esta iniciativa não se voltaria a repetir, pois no ano seguinte a adpBEJA entra em declínio financeiro e enfrenta uma grave crise entre os membros onde quase se extingue a Associação. Não se conhecem mais registos sobre as cavalhadas promovidas pela adpBEJA em conjunto com a Câmara Municipal, devido à já citada perda de registos da Associação, antes de ter sede própria. Resta lembrar esta e outras tradições através dos testemunhos orais e das fotografias e imagens que vão surgindo nas redes sociais, testemunhando como eram estes antigos costumes da cidade. Esta recolha de memórias deve servir também para virem a ser repensadas estratégias pelos diversos agentes responsáveis pela cultura na cidade, de molde a potenciar a sua oferta turística e o seu rico património imaterial.



*Figura 16 Aspeto da Cavallada promovida pela adpBEJA em 1988. 1988.
Fonte: Diário do Alentejo.*

¹³⁸ JM, “Festas da Cidade de Beja – um regresso às tradições perdidas”, *Diário do Alentejo*. Beja, nº 317 de 20 a 26 de maio de 1988, p13.

Capítulo V – Atividades desenvolvidas no âmbito do estágio curricular na Associação de Defesa do Património de Beja

Durante o primeiro ano do Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural – variante História da Arte – foi realizada uma reunião com os alunos do Mestrado, para esclarecimento de dúvidas em relação ao segundo ano e posterior decisão sobre as opções a tomar, ao enveredar pela redação de um Relatório de Estágio ou Dissertação de Mestrado. Ponderando as escolhas apresentadas, e ao navegar em determinados *blogs* e páginas de rede sociais sobre a cidade de Beja, a aluna repara em antigas fotografias sobre Feiras e Festividades Religiosas de Beja, e onde, na secção de comentários, se podiam ler comentários saudosos sobre estas memórias cada vez mais longínquas da cidade. A juntar aos comentários tecidos sobre a Feira de São Lourenço e Santa Maria, liam-se comentários também sobre as Festas das Maias. Após o final das férias, e em inícios de setembro, a aluna, que já havia travado conhecimento com o diretor da adpBEJA- o Professor Florival Baiôa Monteiro -, pediu uma reunião, a ter lugar no edifício da adpBEJA para, em conjunto com o Diretor, explorar esta ideia e também para pedir permissão para realizar o Estágio do Mestrado na adpBEJA. A reunião demonstrou-se proveitosa para ambas as partes, ficando a aluna com uma ideia mais definida dos assuntos a abordar no Relatório, que consistiriam essencialmente de trabalho de pesquisa focado nas antigas memórias de Feiras e festas religiosas da cidade de Beja.

No início das aulas do 3º semestre, a aluna, aconselhando-se com a orientadora do Estágio, a Professora Doutora Antónia Fialho Conde, resolve criar em forma de Relatório de Estágio uma recolha de memórias sobre estas tradições, que iria consistir de entrevistas, recortes de jornal, vídeos e fotografias, tudo junto da população para melhor compreender a ligação dos Bejenses com o seu património cultural imaterial e a sua história, inserida esta recolha no trabalho desenvolvido na Associação, além de acompanhar as atividades da mesma ao longo do período de Estágio. Os objetivos passavam ainda por, além da recolha de material, a aluna apresentar, com base nesse mesmo material, propostas de revitalização de algumas dessas tradições – as consideradas pelos bejenses como mais significativas e marcantes para a identidade da cidade em termos patrimoniais. A recolha de materiais começou desde cedo junto da Biblioteca e Arquivo Municipal de Beja, preparando a disposição e o que se trataria nos capítulos, ao mesmo tempo que se acertava uma data com o Professor Florival Baiôa Monteiro para o

início do Estágio. De modo a completar as 360 horas de Estágio e a acompanhar a Festividade das Maias marcada para os dias 15 e 16 de maio, acordou-se que o mesmo teria início a 9 de fevereiro e término a 21 de maio, com as sextas-Feiras livres para que a aluna se pudesse reunir com a orientadora na Universidade de Évora e procedesse a tarefas necessárias à pesquisa. O horário de trabalho seria o horário laboral normal da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja.

Assim, no dia 9 de fevereiro teve início o período de Estágio, onde na primeira semana se procedeu à investigação para o capítulo referente à importância das Associações de Defesa do Património, a sua criação e especificando a história da adpBEJA. O material relativo às ações da adpBEJA foi encontrado essencialmente nos arquivos da sede da adpBEJA, e as dúvidas foram sendo esclarecidas com o Professor Florival Baiôa Monteiro e com os colaboradores da adpBEJA – Pedro Lopes e Sónia Moreira - e com o vice-presidente António Barahona, técnico do Museu Regional de Beja. O trabalho de pesquisa foi dividido entre a sede da Associação e a Biblioteca Municipal de Beja, local onde a aluna iria requisitar os livros necessários à investigação, assim como pesquisa em jornais do arquivo da Biblioteca. Apresentam-se a seguir, por ordem cronológica de acontecimento as ações de estágio em que a aluna participou, promovidas pela Associação e fazendo parte do seu Plano de Atividades.

1 – Apresentação do livro *Beja 100 anos de imagens*

A 22 de dezembro de 2014 a Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, anuncia no seu *website* (<http://www.adpbeja.pt/index.php?start=7>) a edição exclusiva de 1.000 exemplares de livros de fotografias da cidade de Beja, abrangendo o período de 1866 a 1974, a ser lançado em abril de 2015, da autoria do Presidente da adpBEJA Florival Baiôa Monteiro. De modo a compreender o interesse dos munícipes sobre o livro é lançada uma subscrição a preencher através de formulário no *website* ou na sede da adpBEJA na Rua Capitão João Francisco de Sousa. A subscrição, com um valor de €20 seria efetuada até ao dia 12 de janeiro e após esse prazo o custo do livro seria de €30. Durante estes meses o autor trabalhou no livro, até que o mesmo é terminado em inícios do mês de abril e entregue no edifício da adpBEJA na manhã de 28 de abril¹³⁹. Foram impressos 2.000 exemplares. De seguida, a aluna anuncia através de

¹³⁹ Devido à falta de espaço e à impossibilidade de enviar os livros para o primeiro andar do edifício – local onde está instalada a adpBEJA – coube ao Professor Florival Baiôa, ao tesoureiro Francisco Serafim, aos

publicação na página do *Facebook* da adpBEJA que o livro encontrar-se-ia disponível para aquisição no dia do lançamento, a ter lugar na cafetaria do Cine-Teatro Pax Julia pelas 18.30h. No rés-do-chão situar-se-ia o ponto de venda dos livros, para subscritores e não subscritores, onde a aluna deu apoio aos funcionários da adpBEJA na venda dos livros. O livro provou ser um sucesso, com diversas pessoas a acorrer a adquiri-lo

2 – Festa do Azulejo

A Festa do Azulejo (ver Anexo XXXI) começou a ser preparada em conjunto com os alunos de todas as escolas de Beja, em novembro de 2014, atividade incluída nos planos de atividade dos agrupamentos¹⁴⁰ das escolas. Em fevereiro a adpBEJA recebeu, também no dia 9, quatro estagiários do Curso Técnico de Informação e Animação Turística da Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I, que durante um mês fotografam e inventariam azulejos de fachada da cidade de Beja. Em simultâneo, o Diretor da adpBEJA o Professor Florival Baiôa trabalha num livro sobre arte azulejar em Beja e a aluna coloca publicações com fotografias tiradas pelos alunos estagiários de Turismo na página do *Facebook* da adpBEJA sobre os vários azulejos espalhados pela cidade, como forma de publicitar o evento que decorreu em maio.



Figura 17 Exemplo de publicação no Facebook sobre a arte azulejar da cidade de Beja.

empregados da Associação Pedro Lopes e Sónia Moreira e à estagiária, colocar as paletes de livros num espaço cedido pela Câmara Municipal de Beja, em frente ao edifício.

¹⁴⁰ O Agrupamento nº1 das escolas de Beja inclui a Escola Secundária Diogo de Gouveia, a Escola Básica de Santa Maria e a Escola Básica de Santiago Maior. O Agrupamento nº2 inclui a Escola Secundária c/ 3º ciclo e a Escola Básica Mário Beirão.

A 16 de maio é lançado no *website* da adpBEJA e na página do Facebook o repto para a Maratona Fotográfica de arte azulejar de Beja, a ter lugar a 11 de abril de 2015. As inscrições, com €5 e almoço no restaurante Luiz da Rocha resultaram em 17 efetivos. Cerca de dois dias antes do evento, o mesmo teve que ser cancelado devido à previsão de chuva forte pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera. O concurso foi realizado no dia 18 de abril, conforme planeado e os vencedores seriam anunciados durante o Festival do Azulejo.

O cartaz da Festa do Azulejo foi anunciado nas redes sociais e no *website* da adpBEJA a 30 de abril de 2015 – no mesmo dia da apresentação e lançamento do livro *Beja 100 anos de Imagens* – pela aluna, a decorrer entre os dias 6 e 9 de maio de 2015. A Festa do Azulejo, que incluiu diversas atividades como exposições, apresentação de livro e filme, concursos, desfile de moda, concertos, exposição de fotografia e visitas guiadas, foi celebrada em locais emblemáticos da cidade de Beja como a Praça da República, a Casa de Cante, a Pousada de São Francisco, o Teatro Municipal Pax-Julia e o Museu Regional de Beja. Esta iniciativa ajudou a dinamizar o centro histórico, tal como demonstram as notícias dessa semana sobre a iniciativa da adpBEJA. O programa, repartido por diversos locais do centro, atraiu centenas de pessoas, que consideraram esta iniciativa como algo que faltava à cidade, e algo necessário para promover o património azulejar da cidade de Beja. Dias antes do Festival, a 4 de maio, a aluna lança na página do *Facebook* da adpBEJA a notícia de que o livro intitulado *Arte Azulejar de Beja*, com uma tiragem de três mil exemplares, seria apresentado no dia 8 de maio – o terceiro dia do Festival do Azulejo – pelas 21h no Museu Regional de Beja. O livro compreende um período da produção azulejar abrangendo cinco séculos, desde o século XV ao século XX. Trabalhando em parceria com uma empresa de produção de eventos da cidade de Beja – Cocas Produções – é lançado *merchandising* a utilizar pelos participantes do festival como seis pin's com diferentes padrões de azulejos como prémio do *peddy-paper*, t-shirts com motivos azulejares para as crianças, blocos de colorir para as crianças pintarem os azulejos da cidade durante o *peddy-paper* e cinco exemplares diferentes de toalhetes individuais também com motivos de azulejos para utilização por parte de Restaurantes localizados nas imediações da Praça da República de Beja (local onde se realiza a Festa do Azulejo no dia da abertura).

O primeiro dia do programa – dia 6 – incluiu a afluência de mais de duas mil crianças de todas as escolas de Beja à Praça da República onde participaram na criação

de pinturas de azulejos (atividade reservada aos alunos de 2º e 3º ciclo apenas), a reprodução em cartolina de um puzzle gigante, visitas guiadas no Museu Regional com as Professoras, e *peddy-paper* para os alunos de 2º e 3º ciclo. Durante essa semana, a aluna ajudou a coordenar e preparar as atividades, distribuindo cartazes, panfletos e toalhetes de mesa nos restaurantes e ao redor da Praça da República e lojas de comércio tradicional. Durante as atividades na manhã de dia 6, a aluna em conjunto com os estagiários da Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I, coordenaram as inscrições no *peddy-paper*. No final da atividade, que terminou às 12.30h a aluna participou com os funcionários e membros da adpBEJA na desmontagem e arrumo dos materiais. Durante a tarde, a aluna deslocou-se à Rodoviária para receber os roteiros, que iriam ser apresentados no âmbito do lançamento da Rota do Azulejo, às 18h no Museu Regional, pelo Professor Florival Baiôa Monteiro. O dia 7 foi, como já havia sido mencionado, dedicado à inauguração da exposição da Maratona Fotográfica, no Museu Regional de Beja e ao anúncio do vencedor do concurso¹⁴¹. As fotografias dos autores foram coladas num painel num dos corredores do Museu, tarefa na qual a aluna participou elaborando a lista dos participantes e a colagem das fotografias em papel especial. Seguidamente, os presentes na inauguração da exposição deslocaram-se para a Casa do Cante de Beja, de modo a desfrutar da inauguração da exposição da Arte Azulejar de Beja nas escolas, com trabalhos como cubos e quadros feitos pelos alunos. Assistiu-se também a um pequeno concerto a evocar o cante alentejano pelos alunos do 3º ciclo do agrupamento nº2 de Beja (Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I e Escola Básica Mário Beirão). No dia 8 aconteceu a inauguração, pelas 18.30h no Cine-Teatro Pax Julia da exposição de Arte Azulejar de Beja em homenagem a Maria Santos¹⁴². À noite no Museu de Beja, pelas 21h teve lugar a apresentação do livro *Arte Azulejar de Beja* da autoria do Professor Florival Baiôa Monteiro assim como a apresentação de um filme para acompanhar o lançamento do mesmo, onde é contada a história dos azulejos de Beja, narrado pelo Presidente da adpBEJA. O Festival encerrou-se dia 9, na sexta com um desfile de moda, organizado por uma empresa de produção de eventos de Beja, em colaboração com a MODATEX¹⁴³. No

¹⁴¹ O primeiro lugar do concurso foi ganho por Rui Eugénio. Alguns dos participantes viram as suas fotografias serem transformadas em postais da cidade (apenas aquelas cujos formatos se enquadravam no postal).

¹⁴² Maria Santos era uma ceramista de Beja que dedicou a sua vida a fazer esculturas e pinturas. O espólio deixado por si inclui mais de uma centena de peças, das quais apenas cerca de vinte foram mostradas na exposição. Maria Santos faleceu em fevereiro de 2015, pelo que todo o seu trabalho pertence agora à sua família imediata.

¹⁴³ Centro de Formação Profissional da Indústria Têxtil, Vestuário, Confeção e Lanifícios.

desfile de moda, as modelos apresentaram confeções com padrões azulejares, de acordo com o tema do Festival.

3 - Festa das Maias

Ao longo dos meses de estágio, as ações desenvolvidas pela aluna na adpBEJA, à parte da investigação para o relatório de estágio, prenderam-se com a atualização sistemática de páginas de rede social da adpBEJA, nomeadamente a página do *Facebook* (<https://www.Facebook.com/adp.beja?fref=ts>) postando notícias relacionadas com a região, iniciativas que iriam decorrer em Beja e colocando memórias como textos fotografias sobre a Festa das Maias, para aguçar a curiosidade e preparar o público para o evento. Os textos incluídos nas fotografias, da autoria da aluna, são oriundos de livros que abordam a temática das Maias, ou de dizeres típicos das Maias da cidade de Beja. Ao mesmo tempo inicia-se a preparação da Festividade das Maias, que teria lugar a 15 e 16 de maio (sexta-Feira e sábado, respetivamente). À aluna foi dada a responsabilidade de criar ofícios a serem entregues a empresas nacionais e internacionais, de forma a dar a conhecer a Festividade de Beja para angariar verbas (ver Anexo XXXII). Os ofícios seriam enviados pelo Presidente da adpBEJA através de *e-mail*, para empresas cujo público-alvo se destinasse sobretudo a crianças, pois a Festa das Maias é ela própria e sempre foi uma festa criada com e para crianças. Os ofícios enviados para as empresas seguiram acompanhados um pequeno texto, já redigido de anos anteriores sobre o significado da Festa das Maias, bem como os restantes ofícios enviados de modo a divulgar a iniciativa junto das escolas locais, da comunicação social e da autarquia local. Entretanto, em conjunto com os membros da adpBEJA, delineou-se a programação do evento. À semelhança do ano anterior, o dia 15 (sexta-Feira) seria dedicado apenas às Maias apresentadas pelas escolas da cidade durante a manhã, enquanto que o dia 16 (sábado) seria o dia dedicado à inscrição de meninas Maias por parte dos pais. Inicialmente, o dia de sábado seria passado durante a manhã na zona chamada “portas de Mértola” e à tarde realizar-se-iam espetáculos com artistas no Jardim Público da cidade, onde haveria mais espaço para as crianças e para as atuações. Tal não foi possível devido a fatores exteriores à organização, sendo que no mesmo fim-de-semana decorreu o mercado romano na praça da República, englobado na iniciativa da Câmara Municipal de Beja, o Beja Romana.



Figura 18 Exemplo de publicação no Facebook da adpBEJA sobre a tradição das Maias.
Fonte: Marta Gonçalves

A 7 de abril, a aluna lança um apelo a antigas Maias, através da página do *Facebook* da adpBEJA, para que estas concedessem uma breve entrevista sobre as suas memórias de Maias. Apesar disso, apenas três raparigas entraram em contacto com a aluna. Durante o período de abril a aluna procedeu também ao levantamento de logótipos, bem como os detalhes do cartaz anterior das Maias para enviar a Susa Monteiro, artista responsável pelo desenho do cartaz das Maias. Realizaram-se também três

reuniões com os membros da adpBEJA a fim de discutir o programa e fazer alterações e arranjos necessários. Na fase inicial de elaboração do programa a aluna sugeriu a organização, para os dois dias da Festa das Maias, de um concurso de fotografia para crianças, com prémio, que mais tarde se decidiu ser uma máquina fotográfica. No mês antecedente à Festa das Maias a aluna juntamente com um dos colaboradores da adpBEJA contactou com a diretora Centro Social do Lidador para pedir colaboração na realização de colares de flores para as Maias entregarem aos transeuntes. Através deste contacto, foi possível forjar colaboração com mais quatro entidades para elaboração dos colares como a Cáritas Diocesanas, o Centro Social e Paroquial do Salvador, a Cruz Vermelha Portuguesa (Centro Humanitário) e a Associação Sementes de Vida. Neste período foi lançada, através do *website* da adpBEJA a folha de inscrição para as Maias. Chegada a semana de 11 a 16 de maio, é convocada uma reunião entre os membros da adpBEJA e as Professoras responsáveis pelas turmas que iriam disponibilizar meninas Maias para o dia 15 – o dia das escolas. Na reunião debateu-se a questão de ser necessário apanhar-se flores para providenciar às instituições para que fossem feitos os colares.

No dia 14 de maio, no feriado da cidade de Beja – quinta-Feira da Ascensão – juntaram-se cinco membros da adpBEJA, juntamente com o Diretor e a estagiária, para a colheita das flores, pelas 9.30h da manhã, nas estradas adjacentes à cidade de Beja. Durante a noite e em casa, a aluna procedeu à realização de colares de flores com flores apanhadas por si, na sua terra, para entregar como exemplo às instituições. No dia seguinte a aluna deslocou-se, juntamente com um funcionário da adpBEJA para a entrega das flores e material, bem como a explicação de como deveriam ser feitos os colares, às instituições acima mencionadas. Durante esse tempo, as escolas chegam com as Maias à Rua de Mértola, já vestidas como Maias e instalam-se às portas do comércio tradicional, espalhadas por ali, com os alunos da Escola Profissional Bento Jesus Caraça a providenciarem a animação. A Festa de sexta acabou às horas previstas, cerca das 12h, tratando os funcionários, membros e a aluna estagiária de arrumar e limpar o espaço onde decorreu a Festa. No dia seguinte, as Maias, acompanhadas dos respetivos responsáveis começam a chegar por volta das 9.30h e dá-se início a mais um dia de Festa, desta vez na Rua Capitão João Francisco de Sousa. O Diretor encarrega a aluna de distribuir panfletos a anunciar a Festa das Maias que decorre não na Rua de Mértola mas sim na rua adjacente. Desta feita, a festa termina com a animação pelo grupo de cantar alentejano infantil “Mocinhos em Cante” e de um artista local. Durante a manhã a animação coube mais uma vez aos alunos da Escola Profissional Bento Jesus Caraça. Procedeu-se então à entrega de Certificados de Participação às Maias e encerrou-se assim a Festa, em sucesso, com um total de cerca de 27 Maias, Maios, Aias e Aios.



Figura 19 Maias no dia reservado aos pais e avós, a 16 de maio de 2015.

Fonte: Marta Gonçalves



Figura 20 Maias das Escolas, no dia 15 de maio de 2015.
Fonte: Marta Gonçalves

4 – Outras ações

Durante o período de estágio a aluna prestou serviços necessários à adpBEJA bem como atendimento ao público que se deslocava à adpBEJA ora para adquirir os livros, ora para esclarecimento de dúvidas. Além disso, a aluna ficou também encarregue de atualizar a página do *Facebook* da adpBEJA, bem como da pesquisa de notícias relacionadas com a Associação na internet. Outras tarefas incluíram também a organização de materiais e colagem de cartazes pelo centro histórico nas lojas. No dia final do Estágio da aluna – 22 de maio de 2015 – o Diretor da adpBEJA lançou o desafio de a aluna proceder à redação de um documento sobre a Festa das Maias do ano 2015, mencionando o que poderia ser melhorado durante o próximo evento das Maias, a ter lugar em 2016. A estagiária comprometeu-se a redigir esse documento, dado o seu interesse em continuar a colaborar com a adpBEJA.

5 – Entrevistas

Para poder compreender a percepção da população Bejense face às ações da adpBEJA, a aluna realizou algumas entrevistas, a título demonstrativo. As entrevistas foram gravadas (ver Anexo XXXIII) e consistiram em perguntas sobre o Festival de Arte Azulejar de Beja e sobre a Festa das Maias, realizados no mês de maio de 2015. As perguntas sobre o Festival da Arte Azulejar foram as seguintes:

1 – Considera vantajoso para a cidade a realização do Festival do Azulejo? Se sim, em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja.

2 - Como pensa que poderia ser estabelecida uma relação com o património azulejar de Beja? Através da sugestão de uma rota?

3 – Considera que o comércio local/restaurantes beneficiam destas iniciativas?

4 – Considera importante para a história da cidade os livros *Beja 100 anos de imagens e Arte Azulejar de Beja* da autoria do diretor da ADP? Já os conhece? Conhece outros sobre esta temática em Beja? Compraria os livros?

5 – Quais os eventos/iniciativas que gostaria que voltassem a ser realizados em Beja? (Feiras, festa do santíssimo sacramento, procissões, cavalhadas, mercados pontuais)

Dos quatro entrevistados sobre esta iniciativa, todos consideram a ação proveitosa para a cidade, uma vez que Beja possui um património azulejar muito vasto e rico que a maioria da população desconhece. São unânimes também em reconhecer que ações deste cariz beneficiam não só o comércio local como os restaurantes. Sobre os livros lançados pela adpBEJA, consideram que são livros importantes para a cidade – alguns dos entrevistados possuíam já o livro editado em maio – e apesar de existir já outra obra escrita pelo Professor Florival Baiôa Monteiro sobre os azulejos da Igreja do Convento de Nossa Senhora da Conceição, este não é tão conhecido entre os entrevistados. É também opinião generalizada que antigas tradições deveriam voltar ser recriadas em Beja, como as Feiras, as Maias (que se realizarão novamente em 2016) e também antigas procissões e festas.

O mesmo método foi aplicado com vista a recolher opinião sobre a antiga Festa das Maias, com as seguintes perguntas:

1 – Considera vantajoso para a cidade a realização da Festa das Maias? Se sim, em que aspetos acha que contribui para atrair mais gente a Beja?

2 – Qual a sua percepção das Festas das Maias? Considera que era mais atrativa em anos anteriores?

3 - Considera que o comércio local/restaurantes beneficiam destas iniciativas?

4 – Vê esta festividade como algo próprio e característico da cidade? Exemplo: se um turista abordasse e perguntasse sobre as festividades da cidade, referiria as Maias?

Uma vez que a Festa das Maias foi realizada no Centro Histórico – concretamente na zona das Portas de Mértola – o inquérito foi realizado aos comerciantes dessa zona. Todos concordaram que esta e mais iniciativas são proveitosas para a cidade, mas especialmente esta devido aos seus cerca de dois mil anos de história, e devido ao facto de trazer mais movimento ao centro da cidade. Sobre a questão da grande diferença existente entre as Maias dos anos '80 (quando a adpBEJA começou a organizar a celebração) e as agora realizadas a grande maioria dos entrevistados revela que realmente durante essa década havia mais pormenor na festa e havia mais Maias, não só no centro, mas pela cidade toda. Sendo as Maias uma celebração de referência em vários locais do país, os entrevistados concluem que esta festividade é característica da cidade, e que apesar de um pouco esquecida e posta de lado pelos mais novos, é com grande alegria que recebem novamente as pequenas Maias na cidade.

Capítulo VI – Feiras e Festividades Religiosas de Beja: Proposta para o resgate, reconstituição e reativação de expressões culturais em risco de desaparecimento

No presente Capítulo, e depois de analisadas as opiniões da população Bejense sobre as Feiras e as Festividades Religiosas e de toda a recolha documental a que procedemos, torna-se necessário refletir sobre as medidas a tomar. Esta reflexão justifica-se não só para que estas memórias não caiam no esquecimento, mas também para devolver estas antigas tradições à cidade, com a noção de que estamos num tempo histórico distinto, que a cidade em si mudou (malha urbana, por exemplo), bem como os hábitos da população no que respeita à ocupação dos tempos livres e de lazer, entre outros fatores.

1- As Maias

A Festa das Maias, a par da antiga Feira de agosto, será talvez uma das mais antigas celebrações feitas na cidade de Beja¹⁴⁴, seja de modo espontâneo, antes de a adpBEJA intervir, onde as pessoas se organizavam para materializar esta tradição, ou de modo organizado, com inscrições prévias e promovidas por uma entidade cultural. É interessante verificar que, apesar de o património cultural ter um impacto maior hoje em dia na vida social das populações – algo que não se verificava noutros tempos, onde destruir património em detrimento de *tornar moderno*, era prática comum –, e apesar de cada vez mais os jovens se distanciarem de práticas e ritos antigos, existe também um sentido de entreatuda para com os que não querem deixar as tradições, consideradas fator de identidade. Assim se prova que os cidadãos tem cada vez mais consciência patrimonial para com a sua cultura/manifestações culturais, que obriga antes de mais a não esquecer as nossas raízes e o porquê de celebrarmos certas manifestações de forma igual ou diferente de outras comunidades, e o que torna a nossa celebração única. Nos tempos que correm, onde a internet e as plataformas sociais de partilha de informação tem um grande impacto sobre a sociedade atual, onde nos é ditado o que ver, o que comer, o que vestir, etc., conteúdos que fazem com que sigamos todos o mesmo padrão e modo de vida, a questão da identidade torna-se primacial. É através da cultura e do património que nos

¹⁴⁴ O Diretor da Associação para a Defesa do Património Cultural da Região de Beja, Dr. Florival Baião Monteiro, estudioso da Festa das Maias, estima que esta manifestação religiosa tem mais de dois mil anos de existência.

distinguímos do outro, e nos tornamos singulares. Mas para conseguirmos compreender o que nos distingue dos povos ao nosso redor, é cada vez mais necessário compreender as nossas origens. Torna-se emergente a necessidade de uma educação patrimonial sobre as práticas corretas a adaptar quando se interage com monumentos, costumes e culturas – património material e imaterial. Em Portugal, a prova disso são as Leis que se têm criado de forma a preservar o património nas suas diversas manifestações¹⁴⁵, bem como as Convenções internacionais que se respeitam, onde questões sobre a segurança dos monumentos ou sobre a importância do turismo cultural na economia é debatida pelas instâncias governamentais.

De modo a ensinar as crianças sobre a importância do seu património e de como este representa o seu país e a sua cultura (noções que as crianças aprendem de imediato no ensino primário, onde em disciplinas como Estudo do Meio são lecionados conteúdos sobre a História e formação do Portugal e a sua independência de Espanha e formação da Península Ibérica), é necessário implementar a aprendizagem das manifestações patrimoniais desde cedo. No caso de realidades locais, como a tradição da festa das Maias em Beja, e uma vez que os conteúdos selecionados para o Programa de cada disciplina do ano letivo têm um número mínimo e máximo de horas contadas, seria difícil projetar para o ano letivo a sensibilização para a referida festa junto dos alunos do ensino primário (1º ciclo) e até do 2º ciclo (uma vez que é uma tradição feita exclusivamente com crianças). Assim, uma boa aposta para ensinar aos pequenos Bejenses tudo sobre a antiga tradição da sua cidade, bem como aguçar o interesse pelo património cultural, seria a criação de uma Oficina de verão. Cada vez mais os espaços culturais¹⁴⁶ recorrem à criação destas iniciativas de modo a ocupar o tempo dos mais pequenos, nas férias do verão, bem como para dinamizar o interesse pela cultura local. Em Beja, os *ateliers* de verão para crianças são assegurados pelas Juntas de Freguesia locais que, através de uma determinada quantia, disponibilizam um espaço, bem como um monitor, que realiza atividades adequadas à idade de aprendizagem das crianças.

¹⁴⁵ Em 1985 é publicada uma primeira forma da Lei de Bases do Património Cultural (Lei 13/1985 de 5 de julho de 1985), que não teve qualquer aplicabilidade prática. Surge em 2001 a Lei de Bases da Política e do Regime de Proteção e Valorização do Património Cultural (Lei 107/2001 de 8 de setembro).

¹⁴⁶ A Fundação Calouste Gulbenkian realiza pontualmente a oficina de verão Moby Dick onde os miúdos aprendem sobre as baleias e outros temas variados da cultura Portuguesa. Também o Oceanário de Lisboa e a Fundação Serralves oferecem diversas atividades, maioritariamente viradas para a cultura e artes plásticas.

A proposta aqui apresentada é a de criar um horário na adpBEJA para a realização de atividades de verão onde as crianças sejam sensibilizadas o essencial da cultura de Beja. As atividades centrar-se-iam na recolha de lendas e histórias das Maias, de modo a compreender não só a tradição com manifestações diversas noutros locais mas especialmente as suas especificidades na cidade de Beja ao longo dos anos. Começar-se-ia por explicar às crianças as origens da tradição, bem como ensinar os detalhes e costumes da apanha das giestas em flor (ou maias), e ensinar às crianças a fazer os colares e coroas de flor que as meninas Maias usavam na sua vestimenta, bem como a decoração do trono. Desta forma, dinamizar-se-ia o espaço da adpBEJA, onde durante o período do verão os colaboradores preparam a gestão dos projetos a implementar no ano seguinte, e dar-se-ia a conhecer aos pequenos Pacenses a sua história.

2 – Cavalgada de São João Batista

A tradição da Cavalgada da Manhã de São João Batista, apesar de ser a mais antiga tradição bejense documentada, extinguiu-se de vez ainda durante o século XIX. As razões recaem no facto de ser uma prática medieval, onde se comemorava o solstício de verão e o dia de São João Batista com tradicionais cortejos a cavalo, de forma a pedir a bênção ao Santo. Foi perdendo popularidade durante os séculos até à sua derradeira extinção em 1835. O percurso da Cavalgada da Manhã de São João Batista original tinha início na casa do fidalgo organizador desse ano, que comandava o passeio até ao atual Bairro de São João¹⁴⁷ nos arredores da cidade; aqui era benzida a bandeira do Rei e aqui se adquiriam as canas, caso houvessem justas e jogos a cavalo. Seguiam depois em romaria pela Rua de Mértola, comumente designada como Portas de Mértola, e aí iam à atual Praça da República, antiga Praça D. Manuel I. O cortejo descia depois até à Corredoura (onde hoje se situa a Avenida Miguel Fernandes) e seguia pela Rua de Lisboa até ao extinto Convento de Santa Clara, entretanto demolido, e onde hoje se situa o cemitério. Aí tinha lugar um copo de água e banquete e, caso houvesse tourada, o cortejo partia novamente em direção à Praça de Touros antiga, localizada no largo do Terreirinho das Peças. O percurso levado a cabo pela adpBEJA em 1988, quando organizou a única reativação das Cavalhadas, diferiu um pouco do percurso original. O cortejo com

¹⁴⁷ O nome atual do Bairro deve-se precisamente à celebração da Cavalgada de São João Batista, tendo também o bairro passado a ser conhecido vulgarmente como o Tanque dos Cavalos. Ainda hoje é possível visualizar o tanque utilizado para saciar a sede dos cavalos do cortejo.

figurantes vestidos com trajes medievais partia da Praça de Armas do Castelo de Beja, dirigindo-se ao Jardim Público onde ocorreram tradicionais jogos e justas a cavalo.

De modo a conservar a tradição e relembrar este costume antigo da cidade de Beja, a mestrandia propõe a realização de um percurso¹⁴⁸ a cavalo organizado pela adpBEJA, desta vez sem qualquer atividade no Jardim Público da cidade, uma vez que a entrada de animais está interdita no citado espaço. Para conservar a veracidade e fidelidade, este percurso passará por todos os locais das Cavalhadas originais. Será dirigido a famílias que queiram participar num pequeno passeio a cavalo, onde, em cada ponto do percurso, será explicada a história das Cavalhadas, bem como uma referência ao crescimento da malha urbana de Beja. Serão distribuídos folhetos explicativos do percurso, exibindo também a respetiva Rota. (ver Anexo XXXVI)

O percurso terá início ao final da tarde do dia 25 (não durante a manhã como se fazia originalmente, devido ao trânsito e para conjugar a atividade com o horário laboral dos participantes) e terá início no Bairro de São João. Os cavalos que farão parte da atividade serão cedidos para o passeio pela Escola de Equitação da Guarda Nacional Republicana e para os mais pequenos, seria acordado com uma Escola de Equitação da região, nomeadamente o Centro Hípico Monte d'Avó, a utilização dos seus pôneis para as crianças¹⁴⁹ acompanharem os mais graúdos. Saído do Bairro de São João, o cortejo dirige-se pela Rua Cidade de São Paulo, contornando a rotunda e saindo pela Avenida do Brasil em direção às Portas de Mértola. Chegados à zona das Portas de Mértola os participantes seguem pela Rua Conde da Boavista, entrando na Rua do Touro e seguindo para a Praça da República, com pequena paragem. Descendo pela Rua Abel Viana e seguindo pela Avenida Miguel Fernandes até à Rua de Lisboa, o cortejo não parará nas imediações do cemitério, uma vez que neste ponto originalmente se erigia o Convento de Santa Clara, que foi entretanto demolido. Para colmatar este ponto, o passeio terminará na Mata da cidade de Beja, junto à Rua 1º de maio, onde será organizado um piquenique pela adpBEJA para os participantes, de molde a considerar o antigo copo de água que o fidalgo organizador da Cavalhada oferecia aos participantes. Este piquenique contará com

¹⁴⁸ O trabalho editorial do percurso das Cavalhadas e a Rota das antigas Feiras como elaborado pela aluna, ficaram a cargo da *designer* gráfica Rafaela Ascensão.

¹⁴⁹ O Centro Hípico Monte d'Avó, sediada no Cercal do Alentejo, perto de Vila Nova de Milfontes, disponibiliza o seu Pony Club a crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Não estão previstas atividades com os animais fora do recinto do Centro Hípico, contudo, após uma cuidada explicação sobre a atividade poderão haver exceções.

atividades dirigidas às crianças, e serão contadas histórias, animadas com Teatro Infantil. A estimativa do tempo total do percurso não excederá a 1 hora, pois o trânsito das ruas principais da cidade não poderá estar cortado durante mais tempo. A duração das atividades do piquenique será de meia hora. De modo a compreender a viabilidade do percurso a cavalo pelas principais artérias e Centro Histórico da cidade, a mestranda contactou com o posto da G.N.R de Beja, o qual remeteu o assunto para a Polícia de Segurança Pública, uma vez que a P.S.P é a responsável pelas questões de trânsito na cidade. Aqui foi-nos esclarecido que está prevista a realização de passeios a cavalo pelo Centro Histórico da cidade (nomeadamente a passagem pela Praça da República) sendo o percurso acompanhado pela P.S.P.

A todos os participantes será facultado um folheto explicativo (ver Anexo XXXVII)

3 – Feiras de Beja

A Feira de agosto de Beja é lembrada como o mais empolgante acontecimento na cidade. Esta Feira deixou de existir essencialmente pelo facto de não se chegar a um acordo entre os Feirantes e a autarquia da cidade, no ano de 2002. Mas passados cerca de treze anos da extinção da mais antiga Feira do Baixo Alentejo, a população ainda recorda as memórias da velha Feira. E porque tudo o que resta da Feira são as memórias, quer em forma de fotografia, quer na forma oral, a juventude vai-se apercebendo do impacto que esta saudosa Feira deixou na população. Desde a sua extinção, nunca houve qualquer tentativa por parte da Câmara Municipal de Beja de voltar a reativar esta tradição. Porém, durante alguns anos, e mais recentemente, tem-se realizado a Feira Rural Beja – que é, segundo a Câmara Municipal de Beja, a nova forma da Feira de agosto. Nos anos de 2014 e 2015 a Câmara Municipal de Beja organizou, através da sua Comissão de Festas, a iniciativa das Festas em honra de Santa Maria, a ter início desde o dia 15 até sensivelmente ao dia 17 de agosto, com vários artistas a atuar no Parque de Feiras e Exposições, e um Cortejo Histórico.

A proposta apresentada pela aluna para o resgate da importante e acarinhada Feira de Beja, não passa pelo reativar da mesma enquanto Feira, mas um revisitar dos locais onde a mesma se realizou, compreendendo a sua relação com a cidade. De acordo com as crenças de John Ruskin¹⁵⁰, editadas na sua obra *The Seven Lamps of Architecture*, em 1849, as obras do passado deveriam ser mantidas intactas de forma a compreender a relação entre os estilos arquitetónicos e as técnicas de construção. Mais, defendia que estas construções representavam um veículo de compreensão para o testemunho cultural do passado, e via nos monumentos e espaços urbanos – marcos referenciais da identidade e memória de um povo - uma forma de compreender a nossa história: “(...)it is again no question of expediency or feeling whether we shall preserve the buildings of past times or not. We have no right whatever to touch them. They are not

¹⁵⁰ John Ruskin foi um crítico de arte Britânico, cujos ensaios influenciaram a maneira de viver e pensar a arte na Era Vitoriana. O seu pensamento de que a restauração de edifícios e monumentos vandalizados ou parcialmente destruídos constituía uma falsa realidade e um engano aos olhos do admirador, influenciaram a técnica do restauro. John Ruskin foi também a influência principal do Movimento *Arts & Crafts*, que defendia o artesanato como alternativa à mecanização da produção em massa. Este movimento defendia também que o artesão ou artista, deveria deixar a sua marca, no objeto que alterara de modo a não ser confundido com uma imitação. Esta noção seria a primeira base fundamental do mundo do *design*.

ours. They belong partly to those who built them, and partly to all the generations of mankind who are to follow us."¹⁵¹

John Ruskin acreditava que um monumento ou edifício, não deveria ser refeito, por mais maltratado que estivesse, pois defendia que a construção pertencia sempre ao primeiro arquiteto, e profana-la com restauros ou arranjos seria destruir a obra, falsificando-a através da imitação. Para Ruskin, tanto a obra como a sua memória cultural deveriam manter-se intactas, pois pertenciam às gerações futuras, como um testemunho da cultura. É através deste pensamento, partilhado pela aluna, embora aplicado a uma realidade completamente distinta, dado não estar a trabalhar com património construído mas sim com património imaterial, que se propõe a criar uma Rota para manter viva a memória da Feira e dos seus locais – que foram bastantes, como se pode comprovar devido ao crescimento da malha urbana da cidade de Beja (ver Anexo XXXIV). O percurso da Rota seria feito com recurso a bicicletas, utilizando as vias especiais reservadas a velocípedes que marcam o Centro Histórico e Avenidas da cidade. O total de tempo estimado entre o primeiro ponto do percurso e o último a visitar (12 pontos no total) é de cerca de 1 hora e 30 minutos, contando com paragens previstas de 10 minutos para esclarecimentos e para contar um pouco da história dos edifícios que se situam no antigo local das Feiras. Trata-se, assim, de uma Rota pela memória da Feira, não só para compreender o quanto a cidade de Beja cresceu e se expandiu num curto espaço de tempo, mas também para lembrar aos munícipes onde se fazia a velha Feira.

O percurso (ver Anexo XXXV) foi pensado tendo em conta a cronologia e os locais da Feira de S. Lourenço e St^a Maria ao longo dos anos (do local mais antigo para o mais recente). A cronologia é a seguinte:

1º Local de Realização da Feira (séc. XIII): Largo de Santa Maria;

2ª Local de Realização da Feira (até finais do séc. XIX): antigo largo da Corredoura, atual Avenida Miguel Fernandes;

3º Local de Realização da Feira (até 1931): terrenos do atual Liceu Diogo de Gouveia;

¹⁵¹ http://www.buildingconservation.com/articles/ethics/conservation_ethics.htm (Consultado a 13 de agosto de 2015).

4º Local de Realização da Feira (desde 1931 até à década de 40 do século XX): terrenos do antigo edifício da Junta da Província, atual sede da;

5º Local de Realização da Feira (década de 40 do século XX): terrenos a sul do antigo Matadouro Municipal, atual Casa da Cultura;

6º Local de Realização da Feira (década de 50 do século XX até 1957): terreno adjacente ao Quartel dos Bombeiros de Beja, atual Escola Secundária c/ 3º Ciclo D. Manuel I e bairro adjacente;

7º Local de Realização da Feira (1957 até 1982) terrenos da Rua Cidade de São Paulo, atual Urbanização Pax Julia;

8º Local de Realização da Feira (1982 até 1992): terrenos a sul da Rua São Tomé e Príncipe, atual edifício da EDIA e Hipermercado Continente de Beja;

9º Local de Realização da Feira (1993 até 1999): antigo Parque de Feiras e Exposições (Pavilhão do IROMA), atual Acos;

10º Local de Realização da Feira (última edição em 2001): atual Parque de Feiras e Exposições de Beja.

O percurso tem início na Igreja de Santa Maria da Feira, primeiro local de realização da Feira, e logo a seguir subimos pelo Largo da Conceição, onde será dada informação sobre o Museu Regional, antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição. Passamos pela Rua do Infante até à Praça da República onde descemos através da Rua Dr. Afonso Costa para admirar a bela Janela Manuelina, que não tem diretamente ligação com a memória das Feiras, mas constitui sempre um ponto de passagem obrigatório. Seguimos pela Rua da Liberdade até ao segundo ponto, a Avenida Miguel Fernandes, onde era a antiga Corredoura, o local onde se fazia a Feira do Gado¹⁵² em tempos idos. Daí pela Rua da Liberdade até ao segundo local da Feira de agosto, na Rua Luiz de Camões, o atual Liceu Diogo de Gouveia – considerado Monumento Nacional. Depois da construção do Liceu, nos anos 30 do século XX, a Feira passa imediatamente para a rua ao lado, situada entre as casa da Avenida Vasco da Gama, anexas ao Liceu, e as suas traseiras, em frente ao antigo edifício da Junta Provincial (onde hoje é a CIMBAL).

¹⁵² Apesar de não haver informação concreta sobre a realização da Feira de agosto neste local (apenas se conhece aqui a realização da Feira de Gado) conta-se este ponto, na Rota, como o segundo local onde a Feira foi erigida, uma vez que a Rota trata do percurso das Feiras no geral.

Também o ponto seguinte da Feira se situa nas imediações, no local onde hoje é a Casa da Cultura, na Avenida do Brasil.

Seguindo a cronologia da Feira, seria lógico que a próxima paragem na Rota fosse o bairro anexo ao edifício dos Bombeiros Voluntários de Beja, e a Escola Secundária com 3º Ciclo D. Manuel I, mas optou-se por visitar todos os locais nas imediações, de modo a não ter que se repetir o percurso. Aproveitamos e visitamos o sétimo local da Feira de agosto, ao lado da Rodoviária, a Urbanização Pax Júlia, que compreende o Centro Comercial Pax Júlia, o Hotel Francis e várias habitações. Assim podemos seguir pela Rua Ramalho Ortigão e em direção à Avenida Fialho de Almeida. Aqui, junto aos Bombeiros, se fazia a Feira de agosto, com direito ao Parque de Estacionamento junto à Igreja do Carmo. Mais uma vez, o progresso da urbanização faz com que a Feira se deslocasse para sul, desta vez na Escola Secundária Dom Manuel I e de seguida nas traseiras da Rua de São Tomé e Príncipe, ocupando os terrenos onde hoje se situa a empresa EDIA. O nosso percurso leva-nos de seguida a passar pelo Hipermercado Continente para mais uma explicação sobre os contornos da Feira de agosto neste local. Dirigimo-nos aqui para os últimos pontos da Feira, através da ciclovia da Rua Tenente Coronel Salgueiro Maia; vamos sair – mais uma vez por questões de logística do percurso – no último ponto, no Parque de Feiras e Exposições, e terminamos na Rua Cidade de São Paulo, em frente ao edifício da ACOS, que albergou a Feira - e a Ovibeja – desde 1992 até ao ano de 1999. Assim se conclui o Roteiro das Feiras de Beja, respeitando os locais originais, e coordenando o elemento da história de Beja, juntamente com o passeio pelas Ruas da Cidade. A todos os participantes será dado um folheto explicativo (ver Anexo XXXV).

Conclusão

No final desta etapa, a elaboração do Relatório após a realização do Estágio, sublinha-se que este processo teve início na formação inicial Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas, que despoletou na mestranda um interesse pela Cultura e pela Arte, qualquer que seja a sua forma de expressão. Por esse motivo se optou pela escolha no Mestrado em Gestão e Valorização do Património Cultural, o que abriu as portas para um mundo em grande parte desconhecido, mas que – na opinião pessoal da aluna – ainda tem muito para conquistar e para dar. No primeiro ano curricular, aprenderam-se os conteúdos básicos do que envolve a Gestão do Património Cultural, as suas normas e os conteúdos inerentes a todo o processo de Valorização de um bem que cada vez mais nos obriga a nós, seres humanos, a tomar consciência de que este recurso não é algo preterir para, mais tarde, em contextos distintos, voltar a valorizar. Após iniciar o segundo ano curricular e consequente investigação para o Relatório de Estágio, a aluna compreende e enaltece a importância de Gerir e Valorizar o Património Cultural, que ficará sempre presente como uma pegada de cada civilização. Esta noção de salvaguarda toma cada vez mais figura, pelas piores razões, uma vez que cada vez mais se destroem cidades históricas e monumentos com um valor incalculável, em nome da guerra, um pouco por todo o mundo: veja-se o exemplo da cidade de Palmira, Património da Humanidade reconhecida pela UNESCO, e hoje destruída. Mas engane-se aquele que pensar que a destruição de monumentos traz apenas o impacto negativo sobre a paisagem do local onde outrora estivera, pois esta destruição provoca de igual forma danos irreparáveis na memória coletiva das pessoas que por este local passavam, e já não vêm aquele edifício, ou aquela obra de arte. O local nunca mais será o mesmo.

Ao enveredar, no Estágio, pelo caminho do Património Imaterial e das tradições que outrora existiram, apercebemo-nos da importância destas manifestações na vida ativa dos cidadãos. As entrevistas tornaram-se essenciais, pois a sua forma pessoal revela como as pessoas se mostram tristes e nostálgicas ao recordar as Feiras, mas ao mesmo tempo esperançosas, ao falar das ações adpBEJA, para promover o património azulejar e as Maias, que trazem alegria, cor e festa à cidade.

É de extrema importância que as autarquias e as demais instituições ligadas à Cultura e ao Património ouçam as pessoas, os seus munícipes e associados, e tentem compreender as tradições antigas, sem se esquecerem da época em que estão, para, de

alguma forma, adaptarem e descobrirem a singularidade de *reavivar o tradicional*, nunca esquecendo que vivemos num mundo onde tudo precisa de acontecer já, e o futuro é imediato, deixando o passado como uma lembrança reconfortante do que fomos.

Como pudemos observar, do Capítulo 1 fica-nos a ideia de que cada vez mais existe a preocupação em preservar o Património Cultural, concretamente surge uma maior preocupação face ao Património Imaterial, na forma das tradições e manifestações. Esta preocupação leva a que cada vez mais se criem organismos que juntamente com as autarquias locais combatam a degradação em monumentos e ajudem a criar novas formas de preservar e reativar tradições há muito esquecidas.

O Capítulo 2 mostra-nos que a cidade de Beja, que é capital do Baixo Alentejo, é uma cidade rica em Património Cultural, com vários séculos de história, e com muito ainda por descobrir, como nos indica a notícia da descoberta de um templo Romano debaixo da Praça da República. Existem já planos de construção de um Museu ou Núcleo Arqueológico no sítio onde está o templo. Se isto se passa ao nível do património construído, a riqueza dos testemunhos ao nível do Património Imaterial não é inferior.

As conclusões que retiramos do Capítulo 3 mostram que a população da cidade de Beja ainda sente a falta da sua maior Feira – a Feira de São Lourenço e Santa Maria ou Feira de agosto – apesar de já se terem passado cerca de 14 anos desde a sua extinção. Nas opiniões recolhidas constata-se que os Bejenses gostariam que esta grande Feira se realizasse novamente, pois recordam com emoção as luzes das distrações que animavam a velha Feira, o cheiro característico da comida que aí se vendia, o vigor económico que ela representava, o espaço de sociabilidades e lazer que oferecia.

No Capítulo 4 compreendemos que, apesar de algumas tradições terem evoluído e se terem adaptado aos novos tempos, muitas delas continuam com o seu cariz original, o que não as deixa desaparecer de todo. As memórias recolhidas das antigas Maias provaram que é urgente não só não deixar que esta tradição desapareça como também seria proveitoso para a cidade que nas escolas se ensinasse sobre as expressões patrimoniais de características diversas e que existem na cidade desde tempos remotos.

Do Capítulo 5 fica o sucesso das iniciativas da adpBEJA: o lançamento dos livros *Beja 100 anos de Imagens* e *Arte Azulejar de Beja*, pelo Diretor Florival Baiôa Monteiro, a organização do Festival de Arte Azulejar e a Festa das Maias, das quais a aluna

participou. Além das ações organizadas pelas Câmaras Municipais para promover os produtos locais, também é de louvar o incentivo que se dá às Associações com vista a promover o património a região. No caso de Beja, verificou-se também, através de entrevistas de rua feitas sobre as ações da adpBEJA, que o impacto destas sobre a população foi positivo.

Do Capítulo 6 retiram-se as conclusões principais, atuando este Capítulo como a conclusão de toda a pesquisa. Como foi mencionado no Capítulo 4, seria importante incluir no Plano de Atividades das Escolas as antigas tradições da cidade que fazem também parte da sua história. Desta forma, os mais jovens seriam consciencializados sobre as ações que devem ter face ao património e aprenderiam sobre as suas raízes. No que respeita às Feiras e às Cavalhadas, apresentaram-se propostas visando a valorização das memórias dessas atividades, ou sugestões para a sua reativação. Todas estas propostas foram tidas em consideração com as Entrevistas prestadas sobre as antigas Feiras, às antigas Maias, e sobre as ações organizadas pela adpBEJA durante o Estágio. Devido ao impacto positivo das entrevistas, onde a maior parte dos Entrevistados considera que deviam haver mais ações na cidade de Beja que atraíssem mais gente ao seu Centro Histórico e que de alguma forma reavivassem as antigas Feiras, com o exemplo da Feira de agosto. Devido à impossibilidade desta reativação perante as objeções da autarquia, o que propusemos foi um regresso o mais fiel possível aos locais de origem de realização da Feira, com um passeio pelo tempo de forma a não esquecer esses locais e também aqueles onde as Cavalhadas passavam, para que a memória de tais locais não se fique apenas pelo registo escrito.

Cabe-nos a nós, como cidadãos, o dever de preservar o que recebemos, e ensinar as futuras gerações a tratar estes testemunhos como verdadeiros tesouros, tarefa ainda mais difícil quando tratamos de questões tão complexas como as que estão relacionadas com o Património Intangível.

FONTES

1.Revistas

Álbum Alentejano do Distrito de Beja, s.d

Boletim Municipal da Câmara Municipal de Beja nº61 de agosto de 1989

Folha Turística de Beja de agosto de 1962

Folha Turística de Beja de agosto de 1963

Mensário Casas do Povo nº103 de janeiro de 1955

Mensário Casas do Povo nº105 de março de 1955

Mensário Casas do Povo nº158 de agosto de 1959

Revista Arquivo de Beja de 1948 Vol. V

Revista Arquivo de Beja de dezembro de 1994 Vol. V

Revista Ovelha nº1 de janeiro de 1984

Revista Pax Julia nº1 de agosto de 1919

2. Publicações periódicas

Correio da Feira de 8 de agosto de 2013

Diário do Alentejo nº4335 de 3 de agosto de 1946

Diário do Alentejo nº4340 de 9 de agosto de 1946

Diário do Alentejo nº4341 de 10 de agosto de 1946

Diário do Alentejo nº4342 de 12 de agosto de 1946

Diário do Alentejo nº4343 de 13 de agosto de 1946

Diário do Alentejo nº4894 de 31 de maio de 1948

Diário do Alentejo nº4955 de 10 de agosto de 1948

Diário do Alentejo nº4958 de 14 de agosto de 1948

Diário do Alentejo de 9 de agosto de 1950

Diário do Alentejo nº5569 de 12 de agosto de 1950

Diário do Alentejo nº6175 de 12 de agosto de 1952

Diário do Alentejo de 11 de agosto de 1982

Diário do Alentejo de 18 de agosto de 1982

Diário do Alentejo de 25 de maio de 1984

Diário do Alentejo de 10 de agosto de 1984

Diário do Alentejo nº160 de de 17 a 23 de maio de 1985

Diário do Alentejo nº317 de 20 a 26 de maio de 1985

Diário do Alentejo nº210 de 28 de maio de 1986

Diário do Alentejo de 6 de agosto de 1993

Diário do Alentejo de 13 de agosto de 1993

Diário do Alentejo de 5 de agosto de 1994

Diário do Alentejo de 12 de agosto de 1994

Diário do Alentejo de 11 a 17 de agosto de 1995

Diário do Alentejo nº797 de 1 de agosto de 1997

Diário do Alentejo nº798 de 8 de agosto de 1997

Diário do Alentejo nº799 de 15 de agosto de 1997

Diário do Alentejo nº800 de 20 de agosto de 1997

Diário do Alentejo de 30 de julho de 1999

Diário do Alentejo nº1006 de 3 de agosto de 2001

Diário do Alentejo nº1007 de 10 de agosto de 2001

Diário do Alentejo nº1008 de 17 de agosto de 2001

O Alentejano nº3 de 20 de julho de 1921

O Bejense nº954 de agosto de 1953

O Bejense nº972 de agosto de 1962

O Facho nº73 de 23 de julho de 1916

O Facho de 30 de julho de 1916

BIBLIOGRAFIA

ARGEL, David. (1990). *Quatro Décadas de Beja: uma busca das bruscas transformações 1950-1989*. Beja: Câmara Municipal de Beja.

BARROS, Henrique da Gama. (1949). *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*. Lisboa: Publicações Sá da Costa.

BRAGA, Teófilo. (1998). *Contos Tradicionais do Povo Português*. Lisboa: Editora Dom Quixote.

CANELAS, Carlos. (1967). *Beja e as suas Fortificações*. Beja: Minerva Comercial.

CHOAY, Françoise. (2000). *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70 Lda.

CHAVES, Maria José Maciel; CHORÃO, Maria José Mexia Bigotte. (2003). *Foral Manuelino de Beja*. Porto: Campo de Letras Editores s.a.

CUTILEIRO, José. (2004). *Ricos e Pobres no Alentejo: uma sociedade rural Portuguesa*. Lisboa: Publicações Horizonte.

DELGADO, Manuel Joaquim. (1985). *A Etnografia e o Folclore no Baixo Alentejo*. Beja: Edição da Assembleia Distrital de Beja.

(1996). *Direito do Património Cultural*. Lisboa: Instituto Nacional da Administração

- EVANS-PRITCHARD, E. E. (1972). *Antropologia Social*. Lisboa: Edições 70 Lda.
- GODINHO, Paula. (2012). *Usos da Memória e práticas do património*. Lisboa: Edições Colibri.
- GOES, Casteleiro. (1999). *Beja XX Séculos de História de uma Cidade – Vol. I e Vol. II*. Beja: Câmara Municipal de Beja.
- JORGE, Virgolino Ferreira. (2005). *Cultura e Património*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Portel.
- LAGE, Jorge. (2010). *As Maias entre mitos e crenças*. Braga: Publicações Jorge Joaquim Lage.
- MACEDO, Maria João. (2015). *Roteiro Histórico de Beja*. Beja: Câmara Municipal de Beja.
- MESTRE, Joaquim Figueira. (1991). *Beja: Olhares sobre a Cidade*. Beja: Câmara Municipal de Beja.
- MESTRE, Joaquim Figueira; TOUCINHO, Maria José. (1985). *Uma antiga tradição de Beja - A Cavalgada da Manhã do dia de São João Baptista*. Beja: Câmara Municipal de Beja.
- MONTEIRO, Florival Baiôa. (2015). *Beja 100 anos de Imagens*. Beja: Associação para a Defesa do Património Cultural de Beja.
- MORAIS, J. A. David de. (2010). *Religiosidade Popular no Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. (1995). *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa: Editora Dom Quixote.
- PEDROSO, Consiglieri. (1988). *Contribuições para uma mitologia popular Portuguesa e outros escritos etnográficos*. Lisboa: Editora Dom Quixote.
- PEIXOTO, Rocha. (1990). *Etnografia Portuguesa (Obra Etnográfica Completa)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PIÇARRA, Constantino. MATEUS, Rui. (2010). *Beja: Roteiros Republicanos*. Matosinhos: Quidnovi.

RAPOSO, Armando; VIANA, Abel. (1950). *Guia Turística de Beja*. Beja: Câmara Municipal de Beja.

RAU, Vírginia. (1983). *Feiras Medievais Portuguesas: subsídios para o seu estudo*. Lisboa: Editora Proença.

RIBEIRO, Jozé Silvestre; (1887). *Beja no ano de 1845*. Beja: Câmara Municipal de Beja.

SANCHIS, Pierre. (1992). *Arraial: Festas de um Povo, as romarias Portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

TAVARES, J. de Sousa. *A Cidade de Beja: subsídios históricos*. Lisboa: Centro Typographico Colonial

TEIGA, Carlos. (2005-2008). *Romanceiro e Oracioneiro da Tradição oral do Sudoeste Alentejano*. Santiago do Cacém.

VASCONCELLOS, José Leite de. (1933-1988). *Etnografia Portuguesa Vol. I a X*. Lisboa.

VASCONCELLOS, José Leite de. (1986). *Tradições Populares de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VIANA, Abel. *Origem e Evolução Histórica de Beja*. Beja: Minerva Comercial (1944)

NORMATIVA LEGAL:

Carta Europeia do Património Arquitectónico, Amesterdão, outubro de 1975.

Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, UNESCO, Paris, 17 de outubro a 21 de novembro de 1972.

Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, Paris, 2003.

Lei de Bases do Património Cultural Português. Diário da República, 1ª Série – A, N° 209, de 8 de setembro de 2001

Património Cultural Imaterial. Diário da República, 1ª Série, N° 113, de 15 de junho de 2009.

WEBGRAFIA E RECURSOS INFORMÁTICOS

<http://cuba-filatelia.blogspot.pt/> (Acesso em 9 de fevereiro de 2015)

<http://gara.naiz.eus/paperezkoa/20070908/37045/es/Memoria-colectiva> (Acesso em 9 de fevereiro de 2015)

<http://www.publico.pt/local-lisboa/jornal/patrimonio-historicoartístico-e-defesa-da-memoria-79014> (Acesso em 9 de fevereiro de 2015)

<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/pca/2012525122146.pdf> (Acesso em 23 de fevereiro de 2015)

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12977.pdf> (Acesso em 23 de fevereiro de 2015)

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.149/4528> (Acesso em 24 de fevereiro de 2015)

http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Acesso em 24 de fevereiro de 2015)

http://www.ipv.pt/millennium/Millennium26/26_18.htm (Acesso em 26 de fevereiro de 2015)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/quem-somos/> (Acesso em 27 de fevereiro de 2015)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=21657 (Acesso em 1 de março de 2015)

http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Acesso em 1 de março de 2015)

<http://www.adpbeja.pt/> (Acesso em 2 de março de 2015)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/cartas-e-convencoes-internacionais-sobre-patrimonio/> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://en.unesco.org/> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/indice-das-cartas-do-icomos.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

http://www.icomoscw.org/content/index.php?option=com_content&view=article&id=265:documentacion-teorica&Itemid=80 (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/ICOMOS.1964.carta.venecia.conservacion.restauracion.monumentos.sitios.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/ICOMOS.1987.carta.conservacion.ciudades.historicas.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/DOC.1982.declaracion.dresde.reconstruccion.monumentos.destruidos.por.guerra.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/VARIOS.1967.normas.quito.conservacion.uso.monumentos.sitios.valor.artistico.historico.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/UNESCO.convencion.1972.proteccion.patrimonio.cultural.natural.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.icomoscw.org/doc/teoria/VARIOS.1967.normas.quito.conservacion.uso.monumentos.sitios.valor.artistico.historico.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

http://portal.unesco.org/culture/es/files/35197/11919413801mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf (Acesso em 10 de maio de 2015)

http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=3568724 (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial-em-portugal.html> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/sociedade/detalhe/dieta-mediterranica-classificada-patrimonio-imaterial-da-humanidade.html> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/o-cante-do-alentejo-ja-e-patrimonio-mundial-1677527> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.cm-serpa.pt/artigos.asp?id=1568> (Acesso em 10 de maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/angra-do-heroismo-nos-acoresh.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/jeronimos-e-torre-de-belem.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/mosteiro-da-batalha.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/convento-de-cristo.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-de-evora.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/paisagem-cultural-de-sintra.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-do-porto.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/coa-e-siega-verde.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/sitios-pre-historicos-de-arte-rupestre-do-vale-do-rio-coa-e-de-siega-verde/> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/floresta-laurissilva-na-madeira.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/centro-historico-de-guimaraes.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/alto-douro-vinhateiro.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/paisagem-vinha-da-ilha-do-pico.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/elvas-e-suas-fortificacoes.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

<http://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/universidade-de-coimbra.html> (Acesso em 10 maio de 2015)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_para_a_Educa%C3%A7%C3%A3o,_a_Ci%C3%A2ncia_e_a_Cultura (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://adpm.pt/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://mwmservices.net/adps/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://www.adpha.pt/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://almargem.org/siteantigo/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<https://www.Facebook.com/AssociacaoDeDefesaDoPatrimonioDeLisboaAdpLx/info?tab=overview> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://www.adpcnsoure.org/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

http://www.cpada.pt/pt/index.php?option=com_content&view=article&id=49&Itemid=30 (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://www.ara-patrimoniobi.com/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://www.muralha.org/> (Acesso em 1 de junho de 2015)

<http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=3673dcb3-dd14-4731-8150-ff1672b7f828&edition=38> (Acesso em 4 de junho de 2015)

<http://nатурlink.sapo.pt/Intervir/ONGAs/content/ONGAs-Nacionais?bl=1> (Acesso em 4 de junho de 2015)

<http://www.omirante.pt/?idEdicao=54&id=66146&idSeccao=479&Action=noticia#.VXCIQc9Viko> (Acesso em 4 de junho de 2015)

<http://www.plataformaongd.pt/plataforma/associadas/socia.aspx?id=76> (Acesso em 4 de junho de 2015)

<http://correidoribatejo.com/centro-historico-de-santarem-palco-das-jornadas-europeias-do-patrimonio/> (Acesso em 4 de junho de 2015)

http://www.arqueologos.pt/p_aap.html (Acesso em 4 de junho de 2015)

<http://visao.sapo.pt/comboios-associacao-de-beja-admite-boicotar-presidenciais-em-protesto-contr-a-alegado-fim-das-ligacoes-diretas-intercidades-a-lisboa=f586479> (Acesso em 5 de junho de 2015)

<http://www.adpbeja.pt/index.php/a-associacao/descricao-formal> (Acesso em 5 de junho de 2015)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Beja> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.cm-beja.pt/viewcidade.do2?numero=1266> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.verportugal.net/Beja/Beja/Historia/> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://populacaodistritodebeja.jimdo.com/> (Acesso em 27 de maio de 2015)

http://www.cm-beja.pt/docs/PDFs/GDS/DS_2013.pdf (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.cm-beja.pt/viewmunicipio.do2?numero=1323> (Acesso em 27 de maio de 2015)

http://www.portaldoeleitor.pt/Documents/RATF_2013/Beja_Equivalencias_Freguesias_RATF.pdf (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://uniaofreguesias.codigo-postal.pt/beja/> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.freguesias.pt/concelho.php?cod=0205> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.portugal-live.com/pt/portugal/beja/index.html> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.portugal-live.net/P/places/beja.html> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://forum-romano-de-beja.blogspot.pt/> (Acesso em 27 de maio de 2015)

<http://www.dorigemlusa.pt/> (Acesso em 27 de maio de 2015)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_Secund%C3%A1ria_Diogo_de_Gouveia (Acesso em 9 de junho de 2015)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=16815 (Acesso em 9 de junho de 2015)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=34046 (Acesso em 9 de junho de 2015)

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17458 (Acesso em 9 de junho de 2015)

http://espacosnasescolas.parque-escolar.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=280&Itemid=549 (Acesso em 9 de junho de 2015)

<http://www.publico.pt/local/noticia/cerca-de400-expositores-na-Feira-de-agosto-de-grandola-umas-das-mais-antigas-do-pais1667799> (Acesso em 12 de junho de 2015)

http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Interior.aspx?content_id=852502&page=3 (Acesso em 10 de abril de 2015)

http://home.uevora.pt/~mosantos/download/Feiras_QuestoesIntrodutorias.pdf (Acesso em 29 de abril de 2015)

<http://www.priberam.pt/dlpo/Feira> (Acesso em 12 de junho de 2015)

<http://www.priberam.pt/dlpo/mercado> (Acesso em 12 de junho de 2015)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Festividades_religiosas (Acesso em 6 de maio de 2015).

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006396&selTab=tab10 (Acesso em 7 de maio de 2015).

http://www.buildingconservation.com/articles/ethics/conservation_ethics.htm (Acesso em 13 de agosto de 2015)

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/cultural-heritage/colocar> (Acesso em 24 de fevereiro de 2015)

<https://5cidade.files.wordpress.com/2008/03/declaracao-de-dresden.pdf> (Acesso em 10 de maio de 2015)

http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Acesso em 21 de fevereiro de 2015)

http://www.altotejo.org/UserFiles/File/Estudos_e_Publicacoes_arqueo/Associativismo_e_Defesa_do_Patrimonio_JCaninas2010.pdf (Acesso em 21 de fevereiro de 2015)

<http://ensina.rtp.pt/artigo/templo-romano-beja/> (Acesso em 15 de junho de 2015).

<http://noticias.sapo.pt/infolocal/artigo/1128831> (Acesso em 15 de junho de 2015).

https://pt.wikipedia.org/wiki/Instituto_Polit%C3%A9cnico_de_Beja (Acesso em 19 de junho de 2015)